

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Eliana Vanessa de Brito Duarte

Lisboa, julho de 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Teresa de Silveira Botelho.....
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) Eliane Vanessa de Brito Duarte.....

.....
realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) Em Educação,
Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo Ensino Básico..... considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 26 de julho de 20 12

O(A) Orientador(a)



..... Teresa de Silveira Botelho

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Eliana Vanessa de Brito Duarte

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho

Lisboa, julho de 2012

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças à contribuição e apoio de algumas pessoas, a quem deixo aqui os meus sinceros agradecimentos.

Começo por fazer um agradecimento especial aos meus pais e restante família, pois sem eles não era possível a concretização deste grande objetivo.

Ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, pela oportunidade que me deu de frequentar a instituição e de realizar Estágio Profissional, nos Jardins-Escola João de Deus.

Agradeço à Professora Doutora Teresa Silveira-Botelho, por todo o apoio e orientação dedicada.

A todos os docentes da Escola Superior de Educação João de Deus, por terem contribuído para a minha formação, em especial à Professora Doutora Filomena Caldeira, pela confiança depositada em mim.

Agradeço também às crianças, Educadoras e Professores do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, local onde realizei o meu estágio profissional.

Por fim, mas não menos importante, aos meus amigos e colegas, realçando a minha colega Rita Barreto por todo o seu companheirismo ao longo de todo o estágio.

Muito obrigada a todos.

Índice

Índice de Figuras	XIII
Índice de Quadros	XV
Introdução	1
1. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	2
2. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	3
3. Metodologia utilizada	3
4. Pertinência do Estágio Profissional	5
5. Identificação do local de estágio	6
6. Identificação do grupo de estágio	7
7. Cronologia / Duração	7
Capítulo 1 – Relatos Diários	9
1.1. 1. ^a Secção – Bibe Azul	10
1.1.1. Caracterização da turma	10
1.1.2. Caracterização do espaço	10
1.1.3. Rotinas diárias	11
1.1.4. Relatos diários	13
1.2. 2. ^a Secção – Bibe Amarelo	26
1.2.1. Caracterização da turma	26
1.2.2. Caracterização do espaço	26
1.2.3. Rotinas diárias	27
1.2.4. Relatos diários	29
1.3. 3. ^a Secção – Bibe Encarnado	45
1.3.1. Caracterização da turma	45
1.3.2. Caracterização do espaço	46
1.3.3. Rotinas diárias	46
1.3.4. Relatos diários	47
1.4. 4. ^a Secção – Estágio Intensivo	64
1.5. 5. ^a Secção – 1. ^o ano	66
1.5.1. Caracterização da turma	66
1.5.2. Caracterização do espaço	66
1.5.3. Rotinas diárias	67
1.5.4. Relatos diários	68
1.6. 6. ^a Secção – 2. ^o ano	86
1.6.1. Caracterização da turma	86
1.6.2. Caracterização do espaço	86

1.6.3. Rotinas diárias	87
1.6.4. Relatos diários	87
1.7. 7.ª Secção – 3.º ano	102
1.7.1. Caracterização da turma	102
1.7.2. Caracterização do espaço	102
1.7.3. Rotinas diárias	102
1.7.4. Relatos diários	103
1.8. 8.ª Secção – 4.º ano	119
1.8.1. Caracterização da turma	119
1.8.2. Caracterização do espaço	119
1.8.3. Rotinas diárias	119
1.8.4. Relatos diários	120
Capítulo 2 – Planificações	137
2.1. Fundamentação teórica	138
2.2. Planificações do Pré-Escolar	141
2.2.1. Plano de aula da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem	142
2.2.2. Plano de aula da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	145
2.3. Planificações do 1.º Ciclo	147
2.3.1. Plano de aula de Matemática	147
2.3.2. Plano de aula de Estudo do Meio	150
Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação	153
3.1. Fundamentação teórica	154
3.2. Avaliação diagnóstica	156
3.3. Avaliação formativa	156
3.4. Avaliação Sumativa	157
3.5. Avaliação na Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico	158
3.6. Avaliação das propostas de trabalho	158
3.7. Dispositivos de avaliação do Pré-Escolar	159
3.7.1. Dispositivo de avaliação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	159
3.7.2. Dispositivo de avaliação: Domínio da Matemática	163
3.8. Dispositivos de avaliação do 1.º Ciclo do Ensino Básico	170
3.8.1. Dispositivo de avaliação: Estudo do Meio	170
3.8.2. Dispositivo de avaliação: Matemática	177

Reflexão Final	187
Referências Bibliográficas	191
Anexos	199

Índice de Figuras

Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus dos Olivais	6
Figura 2 – Quadros da sala do Bibe Azul	11
Figura 3 – Imagens da história A quinta a e i o u	20
Figura 4 – Cartolinas do trabalho de grupo	24
Figura 5 – Área do tapete	27
Figura 6 – Área das mesas	27
Figura 7 – Área do cantinho da magia	27
Figura 8 – Proposta de trabalho: Ligar meia ao par	30
Figura 9 – Proposta de trabalho: Dobragem da árvore de natal	34
Figura 10 – Imagens dos hábitos de higiene	35
Figura 11 – Proposta de trabalho: árvore de natal	37
Figura 12 – Coroas para o dia de reis	40
Figura 13 – Livro dos tipos de habitação	43
Figura 14 – Proposta de trabalho sobre grafismos	44
Figura 15 – Peça de teatro Bzzz a união faz a força	49
Figura 16 – Escritor António Torrado	52
Figura 17 – Crianças a trabalharem com o 4.º Dom de Fröebel	53
Figura 18 – Construções com o Tangram	56
Figura 19 – Maleta dos sentimentos	57
Figura 20 – Cartaz ciclo de vida da borboleta	62
Figura 21 – Construção escada dupla	64
Figura 22 – Placar da constituição da planta	64
Figura 23 – Crianças a jogarem De onde vem o som?	64
Figura 24 – Crianças no dia de carnaval	65
Figura 25 – Quadros de exposição de trabalhos do 1.º ano	66
Figura 26 – Autora Maria Rosa	69
Figura 27 – Eu e a minha colega	73
Figura 28 – Copo com feijão e proposta de trabalho	73

Figura 29 – Aluno a trabalhar palavras na área de Língua Portuguesa	75
Figura 30 – Eu a explicar o Cartaz do Ciclo de vida da borboleta	75
Figura 31 – Crianças a verem o filme	75
Figura 32 – Criança no quadro com material idêntico ao Cuisenaire	76
Figura 33 – Crianças do 1.º ano a trabalharem com os Calculadores Multibásicos	77
Figura 34 – Atividade: O burro sem cauda	78
Figura 35 – Crianças a jogarem o jogo do galo	79
Figura 36 – Crianças a jogarem o comilão	79
Figura 37 – Criança no quadro comigo a trabalhar a família de palavras	81
Figura 38 – Aula com o material Calculadores Multibásicos	82
Figura 39 – Colega a preparar material	83
Figura 40 – Alguns cuidados para evitar os parasitas	107
Figura 41 – Apresentação de números com o material Cuisenaire	108
Figura 42 – Aranha-castanha	117
Figura 43 – Representação do cálculo da área do círculo	125
Figura 44 – Peça de teatro Super sorrisos	132
Figura 45 – Classificação final da primeira atividade	163
Figura 46 - Classificação final da segunda atividade	170
Figura 47 - Classificação final da terceira atividade	177
Figura 48 - Classificação final da quarta atividade	186

Índice de Quadros

Quadro 1 – Duração do estágio profissional	8
Quadro 2 – Horário do Bibe Azul	12
Quadro 3 – Horário do Bibe Amarelo	28
Quadro 4 – Horário do Bibe Encarnado	47
Quadro 5 – Horário da turma do 1.º ano	67
Quadro 6 – Horário da turma do 2.º ano	87
Quadro 7 – Horário da turma do 3.º ano	103
Quadro 8 – Horário da turma do 4.º ano	120
Quadro 9 – Exemplo de um plano de aula baseado no modelo T de aprendizagem	140
Quadro 10 – Plano de aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	142
Quadro 11 – Plano de aula do Domínio da Matemática	145
Quadro 12 – Plano de aula de Matemática	148
Quadro 13 – Plano de aula de Estudo do Meio	150
Quadro 14 – Escala de avaliação	159
Quadro 15 – Grelha de cotação do 1.º dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	160
Quadro 16 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do dispositivo de avaliação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	161
Quadro 17 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	162
Quadro 18 – Grelha de cotação do 2.º dispositivo de avaliação, do Domínio da Matemática	165
Quadro 19 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	166
Quadro 20 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	167
Quadro 21 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	168

Quadro 22 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	169
Quadro 23 – Grelha de cotação do 3.º dispositivo de avaliação da área de Estudo do Meio	172
Quadro 24 - Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do dispositivo de avaliação da área de Estudo do Meio	173
Quadro 25 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do dispositivo de avaliação da área de Estudo do Meio	174
Quadro 26 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do dispositivo de avaliação da área de Estudo do Meio	175
Quadro 27 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação da área de Estudo do Meio	176
Quadro 28 – Grelha de cotação do 4.º dispositivo de avaliação da área de Matemática	180
Quadro 29 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do dispositivo de avaliação da área de Matemática	181
Quadro 30 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do dispositivo de avaliação da área de Matemática	182
Quadro 31 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do dispositivo de avaliação da área de Matemática	183
Quadro 32 – Grelha de avaliação do 4.º parâmetro do dispositivo de avaliação da área de Matemática	184
Quadro 33 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação da área de Matemática	185

Introdução

No âmbito da unidade curricular Estágio Profissional, foi-nos solicitada a realização de um relatório de Estágio Profissional, com o objetivo de divulgar o que decorreu em tempo de estágio, apresentando detalhadamente e refletindo, sobre todas as atividades observadas, bem como as planificadas por mim e restantes colegas estagiárias.

O estágio foi realizado durante um ano e meio, no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, sendo repartido por sete momentos: três no Pré-Escolar (Bibe Azul, Bibe Amarelo e Bibe Encarnado) e quatro no 1.º Ciclo (1.º ano, 2.º ano, 3.º ano e 4.º ano), pela ordem como indiquei.

Este relatório começa com uma introdução, onde explicarei a importância que este teve para mim, assim como as metodologias que foram utilizadas para a sua elaboração. O local e o grupo de estágio também estão descritos na introdução.

1. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Este relatório está estruturado de acordo com o regulamento da Prática Pedagógica, fornecido pelo corpo docente no início do ano letivo (**Anexo A**).

Está dividido em sete partes, sendo estas: introdução, relatos diários, planificações, dispositivos de avaliação, reflexão final, referências bibliográficas e anexos.

No Capítulo 1 estão caracterizadas todas as turmas por onde passei, o espaço que estas utilizam, os seus horários e ainda o registo das rotinas da sala, das atividades das crianças, das aulas das professoras, das minhas e das colegas estagiárias. Posteriormente, a estes registos, expostos por ordem cronológica, são apresentadas inferências e fundamentações.

As planificações do Pré-Escolar na área de Expressão e Comunicação, e no 1.º Ciclo de duas áreas obrigatórias: Matemática e Estudo do Meio estão presentes no Capítulo 2, devidamente fundamentadas, bem como uma breve fundamentação teórica sobre o que é planificar e qual a importância, do mesmo.

No Capítulo 3 encontra-se a fundamentação teórica da importância de avaliar, para quê e para quem e quais os tipos de avaliação. E ainda os dispositivos de avaliação referentes à área de Expressão e Comunicação, do Pré-Escolar e das áreas de Matemática e Estudo do Meio, do 1.º Ciclo.

A reflexão final encerrará o relatório, onde são abordados todos os objetivos propostos e alcançados, bem como as suas restrições.

2. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração do relatório de estágio é importante por duas razões. Primeiramente porque a sua realização é imprescindível para a aprovação e conclusão do Mestrado. E por outra, permitiu também realizar um trabalho de pesquisa mais aprofundada confrontando autores e teorias, clarificando conceitos científicos colocados em prática, bem como a importância de os aplicar.

Futuramente, este relatório, por ser científico, contribuirá bastante para mim a nível profissional, pois permitiu-me alargar novas perspetivas, criar e interiorizar novos conhecimentos, que certamente irei aplicar. Ao estar a contactar e a aprender novas teorias agora, irá permitir-me implementar novas estratégias, novos cenários de interpretação possíveis, de modo a obter uma maior eficácia quando me deparar com situações que exijam uma resposta imediata, ou até científica.

3. Metodologia utilizada

A metodologia utilizada para a elaboração dos relatos diários foi recolhida através da observação participante direta e análise documental. Para Quivy e Campenhoudt (2003):

a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações. A observação é, portanto, uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar, por outro. (p.155)

A definição de observação não é única, pode diferir de autor para autor Afonso (2005) afirma que a observação é:

uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista de sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários. Os produtos da observação tomam geralmente a forma de registos escritos pelo investigador. (p.91/92)

Ao longo do estágio foi feita uma observação participante direta efetuada diretamente no local de estágio, mais propriamente na sala de aula. Assim, a recolha de dados tornou-se mais fácil.

Bogdan e Biklen (1994) declaram que os investigadores, para recolherem os dados:

encontram-se como sujeitos, passando muito tempo junto no território destes – escolas, recreios, outros locais por eles frequentados, ou nas suas próprias casas. Trata-se de locais onde os sujeitos se entregam às suas tarefas quotidianas sendo estes ambientes naturais, por excelência, o objecto de estudo dos investigadores. (p.113)

A observação pode ser direta ou indireta. Deshaies (1997) afirma que a “observação é directa quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas, em suma, do que se passa ou existe num dado momento numa dada situação.” (p.296)

Esta observação teve como objetivo registar todas as práticas ocorridas, ao longo do estágio intensivo, dando uma maior relevância a determinadas situações.

Para um conhecimento mais específico sobre os grupos de crianças, onde estagiei, necessitei de alguma documentação. Toda a análise documental foi fornecida pelos Educadores/Professoras cooperantes, das salas de aula, onde constam documentos como a caracterização da turma e o horário. Afonso (2005) diz que a informação existente em documentos anteriormente elaborados tem como objetivo:

obter dados relevantes para responder às questões de investigação. Neste âmbito, o investigador não precisa de recolher a informação original. Limita-se a consultar a informação que foi anteriormente organizada com finalidades específicas, em geral, diferentes dos objectivos da pesquisa. (...) os dados recolhidos desta maneira evitam problemas de qualidade resultantes de as pessoas saberem que estão a ser estudadas, em consequência do que, muitas vezes, mudam o seu comportamento. (p.88/89)

O facto de as Educadoras e Professoras nos fornecerem alguns documentos permite-nos conhecer melhor as crianças e perceber quais as estratégias que devemos aplicar. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (ME) (1997):

observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades. (p.25)

Todos esses documentos são muito importantes para podermos conhecer melhor as crianças, bem como as suas rotinas.

Este relatório de estágio profissional foi elaborado com base, nas normas da American Psychological Association (APA), e Azevedo (2000).

4. Pertinência do Estágio Profissional

A prática pedagógica na formação de docentes faz parte do percurso do ensino superior, tornando-se uma exigência a colocação dos conhecimentos teóricos em prática, possibilitando assim um contacto mais direto com a atividade educativa. Segundo vários autores citados por Galveias (2008):

a experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que a formação inicial não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), mas também tem que integrar uma componente prática e reflexiva. (p.7)

Além da oportunidade de assistir às aulas, é-nos dada ainda a oportunidade de as realizar, podendo desenvolver competências num ambiente profissional. Rychen e Tiana (2005) definem competência como a “capacidade de satisfazer com sucesso exigências complexas, ou ainda desenvolver uma determinada actividade ou tarefa.” (p.33)

Com a possibilidade de dar aulas, também nos é permitido, após as mesmas, refletir sobre o trabalho desenvolvido, podendo assim adquirir novos métodos e estratégias para melhorar a nossa prática. Zeichner (1993) afirma que os formadores de professores deverão interiorizar o conceito de ensino reflexivo nos futuros professores:

com o conceito de ensino reflexivo, os formadores de professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional.” (p.17)

Algumas das aulas, no decorrer do estágio profissional, foram observadas e avaliadas por orientadoras da prática pedagógica, pelas Educadoras/Professoras e pelas colegas de estágio, a fim de podermos debater sobre os aspetos a melhorar, e por outro lado, ajudar na melhoria da qualidade da escola.

Zeichner (1993) diz que “expondo e examinando as suas teorias práticas, para si próprio e para os seus colegas, o professor tem mais hipóteses de se aperceber das suas falhas.” (p.21)

A contribuição e a interação entre a supervisão, os professores cooperantes e os alunos torna-se importante, para que haja uma partilha de conhecimentos pedagógicos que favoreçam uma melhor instrução, assim como uma reflexão sobre a mesma.

Estrela, Esteve e Rodrigues (2002, mencionados por Galveias, 2008) afirmam que a prática pedagógica deverá ser orientada sobre os seguintes princípios:

a prática pedagógica deve centrar-se na análise de situações reais do exercício profissional;

a prática pedagógica deve orientar-se quer para o desenvolvimento da competência técnica quer para o desenvolvimento das competências científicas, éticas, sociais e pessoais;

a prática profissional deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia do professor, implicando a tomada de consciência de si e da situação onde age;

a prática pedagógica deve focar não apenas a sala de aula, mas toda a actividade do professor, pelo que deve dar-se atenção à variedade de contextos em que aquela pode desenvolver-se;

a prática pedagógica deve privilegiar o trabalho em equipa, propiciador de momentos variados de observação, diálogo e de troca;

a prática pedagógica deve privilegiar espaços que favoreçam a construção de um saber pedagógico como resultado da interação entre os saberes já adquiridos e o questionamento, provocado pela vivência dos problemas profissionais contextualizados. (p.10)

Toda esta experiência permite, futuramente, adquirir competências para colocar em prática os conhecimentos adquiridos em teoria.

5. Identificação do local de estágio

O Jardim-Escola João de Deus dos Olivais situa-se na Rua Cidade Vila Cabral 1800-131 Lisboa. Este Jardim-Escola apresenta duas valências: Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico separados por edifícios. Estes edifícios contêm várias salas, um ginásio, um refeitório, uma cozinha, várias casas de banho, uma biblioteca e um recreio que, ao mesmo tempo, serve para as crianças e de entrada no Jardim-Escola, como se pode verificar na figura 1.



Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

6. Identificação do grupo de estágio

Inicialmente, o meu grupo de estágio era formado por dois elementos. Fomos um grupo muito coeso, ajudando-nos mutuamente, apesar de a maioria das atividades terem sido de carácter individual. Korthagen (2001, citado por Flores e Simão, 2009) diz que “na educação, descobriu-se a importância, tanto para os alunos como para os professores, da aprendizagem cooperativa e da co-criação do conhecimento.” (p.44), por isso o nosso estágio foi feito em grupo.

Quando fomos para o primeiro ciclo, juntou-se outro elemento, ficando assim um grupo de três pessoas.

O facto de o estágio ser feito em grupo, embora avaliado de forma individual, foi gratificante, pois possibilitou observar, de uma forma crítica, o que havia para melhorar, de modo a crescer profissionalmente.

Korthagen (2001, citado por Flores e Simão, 2009) afirma ainda que:

deve-se promover a aprendizagem reflexiva assistida por pares pois o apoio destes é muitas vezes mais eficaz para promover a reflexão dos estudantes do que as tentativas de formadores de professores, preparando-os para uma aprendizagem profissional contínua com os colegas (p.51)

7. Cronologia / Duração

No universo dos Jardins-Escolas João de Deus existe uma nomenclatura específica, para designar os diferentes anos de escolaridade. A sua identificação é feita através da cor dos bibes das crianças.

O uso de bibes foi implementado, para que na escola não houvesse discriminação. De acordo com o diretor da associação dos Jardins-Escolas (s.d.):

A escola é para todos, ricos ou pobres, de todas as raças, de todas as crenças religiosas ou políticas. Criou, assim, o conceito de “bibe”. Um bibe aos quadrados, com cores diferenciadas para cada idade esbatia as diferenças de traje que, à época, eram por vezes muito acentuadas.

A cada idade é atribuída um bibe de cor diferente.

Pré-Escolar:

3 anos – **Bibe Amarelo**

4 anos – **Bibe Encarnado**

5 anos – **Bibe Azul**

1.º Ciclo do Ensino Básico

6 anos – **Bibe Castanho**

7 anos – **Bibe Verde**

8 anos – **Bibe Azul claro**

9 anos – **Bibe Azul escuro**

Como referido anteriormente, o meu estágio foi repartido por vários momentos. Estes podem ser observados na cronologia de estágio, que se segue no quadro 1.

Quadro 1 – Duração do estágio profissional

1ª Secção Bibe Azul B	2ª Secção Bibe Amarelo B	3ª Secção Bibe Encarnado B	4ª Secção Estágio intensivo
11/10/2010 a 12/11/2010	15/11/2010 a 07/01/2011	10/01/2011 a 18/02/2011	28/02/2011 a 04/03/2011
5ª Secção 1.ºano A	6ª Secção 2.ºano A	7ª Secção 3.ºano B	8ª Secção 4.ºano B
14/03/2011 a 13/05/2011	16/05/2011 a 08/07/2011	26/09/2011 A 18/11/2011	21/11/2011 a 27/01/2012

Capítulo 1

Relatos diários

Este capítulo contém todos os relatos diários, respeitando uma ordem cronológica, relativamente ao estágio profissional, assim como as inferências e fundamentações teóricas sobre as práticas observadas.

O período de estágio no Pré-Escolar foi menor do que no 1.º Ciclo; no Pré-Escolar; foi realizado apenas num semestre e no 1.º Ciclo em dois semestres. Por isso o número de relatos no Pré-Escolar será menor do que no 1.º Ciclo.

Contém também as rotinas de cada sala, a caracterização de cada turma, a caracterização de cada espaço e o horário correspondente a cada bibe ou ano de escolaridade, nos quais eu estagiei.

1.1 1.ª Secção – Bibe Azul

1.1.1 Caracterização da turma

A turma do Bibe Azul é constituída por vinte e nove crianças, sendo que doze são do sexo masculino e dezassete do sexo feminino. A maior parte destas crianças ainda tem cinco anos, mas algumas já fizeram os seis anos.

Duas das crianças entraram para o Jardim-Escola pela primeira vez, o que requer uma especial atenção por parte da Educadora, visto que nenhuma delas tinha o hábito de estar sentada nas mesas a trabalhar.

Esta turma é constituída por crianças muito trabalhadoras e com um comportamento correto.

1.1.2 Caracterização do espaço

A sala do Bibe Azul é um local amplo, que contém dois quadros de giz e alguns móveis para arrumar materiais e *dossiers*, que ficam do lado oposto da Cartilha Maternal que está colocada junto à secretária da Educadora, num dos cantos da sala.

As crianças encontram-se distribuídas por três filas, geralmente em cada mesa está um menino e uma menina, de frente para os quadros.

Na figura 2 são visíveis os quadros presentes na sala, para onde as crianças ficam voltadas.



Figura 2 – Quadros da sala do Bibe Azul

1.1.3 Rotinas diárias

As rotinas diárias são momentos muito enriquecedores para as crianças. Oliveira (2009) afirma que “a rotina diária, o fazer cada coisa no momento certo ajuda a criança a sentir-se protegida; contribui em grande medida para que vá adquirindo essa segurança que tanto necessita.” (p.10)

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação (ME) (1997):

A sucessão de cada dia ou a sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propôr modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual. (p.40)

Diariamente, todas as crianças do ensino Pré-Escolar, das 9h às 9h30m, encontram-se no salão, para o acolhimento diário.

As Educadoras reúnem-se com as crianças, para formarem uma roda e cantarem em conjunto.

A roda é constituída por uma disposição específica. No centro da roda ficam as crianças do Bibe Amarelo, depois seguem-se as do Bibe Encarnado e, por último, as do Bibe Azul.

O Bibe Azul, ao contrário dos outros bibes, não permanece na roda até às 9h30m. Saí sempre antes, ficando apenas à espera das Educadoras responsáveis. Quando as mesmas chegam, dirigem-se com as crianças à casa de banho, para realizarem o primeiro momento de higiene, antes de irem para a sala.

Todas as crianças do Jardim-Escola repetem este momento várias vezes ao dia, mais especificamente logo de manhã antes de irem para a sala, antes das refeições e após os intervalos.

Às 10h15m as crianças vão ao recreio, que termina às 10h45m. O recreio é realizado sempre no exterior, só quando as condições climáticas não o permitem é que é feito no salão.

Às 12h as crianças vão para o almoço até às 13h. Para Cordeiro (2007) a hora do almoço é o momento onde a criança adquire uma maior autonomia:

O almoço (...) serve (...) para criar uma maior autonomia (estimulada pelos outros e pelo sentido correcto de competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho no jardim-de-infância e em casa terem de ser os pais a dar), passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo. (p.373)

De seguida, apresento no quadro 2 o horário do Bibe Azul, onde se podem observar as áreas curriculares e não curriculares.

Quadro 2 – Horário do Bibe Azul

Bibe Azul					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h00 10h15	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à Matemática (material e escrita)	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à Matemática (material e escrita)	Iniciação à leitura e escrita
10h15 – 10h45 Recreio e Higiene					
10h45 11h50	Iniciação à Matemática (material e escrita)	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à Matemática (material e escrita)	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à Matemática (material e escrita)
11h50 – 13h00 Higiene e Almoço					
13h00 – 14h00 Recreio					
14h00 15h00	Computador (14h30 – 15h20)	Escrita e Letras	Jogos de Matemática, Cidadania, Área projeto	Escrita e Letras	Experiências História - jogos
15h00 16h30	Ditado Gráfico, Desenho Série, Dobragens, Entrelaçamentos Inglês (15h30 – 16h30)	Conhecimento do Mundo (Dinamização do tema)		Conhecimento do Mundo (Dinamização do tema)	Ed. Movimento (15h – 15h30)
16h30 Lanche					

1.1.4 Relatos diários

Dia 11 de outubro de 2010

Neste dia estivemos presentes na reunião de Prática Pedagógica, na Escola Superior de Educação (ESE), onde nos explicaram como deve correr o estágio, quais as avaliações que nos serão feitas e onde vamos iniciar o estágio.

Na reunião também nos foi entregue o Regulamento da Prática Pedagógica.

Inferências / Fundamentação teórica:

Segundo, Apoio a Português (2007), um regulamento é “um texto normativo que engloba um conjunto de regras, normas e preceitos, destinado a regular o funcionamento de um grupo ou de uma determinada actividade.”

A entrega e a leitura do regulamento da Prática Pedagógica, torna-se um instrumento essencial, para que possamos integrar-nos e perceber o seu funcionamento.

Dia 12 de outubro de 2010

Iniciámos o nosso primeiro dia de estágio com uma breve reunião com a diretora do Jardim-Escola (JE), onde foram esclarecidas algumas dúvidas sobre o estágio, bem como a distribuição dos estagiários pelas salas.

Eu e a minha colega fomos colocadas no bibe azul, após o término da reunião, dirigimo-nos assim, à sala do Bibe Azul.

Quando chegámos à sala, estavam presentes duas Educadoras, uma estava na Cartilha Maternal com um grupo de crianças e a outra estava a circular pela sala, ajudando as crianças a terminarem trabalhos em atraso.

A Educadora titular solicitou a nossa ajuda para irmos ajudar as crianças nos cadernos de escrita, de modo a integrarmo-nos e interagirmos logo com as crianças.

Após o intervalo, estive no quadro com algumas crianças a exercitar algarismos, depois circulei pela sala ajudando outras.

Inferências / Fundamentação teórica:

As crianças nos Jardins-Escolas João de Deus, no Bibe Azul, realizam a iniciação à leitura, através da Cartilha Maternal.

Deus (1997) diz que a Cartilha Maternal é um método que tem como base:

a análise da língua, feita através dum processo sério e graduado que se baseia num raciocínio lógico. A descoberta de valores e regras a aplicar é um jogo que as crianças vão progressivamente descobrindo, numa atitude construtivista que lhes dá muita satisfação. (p.10)

A ida à Cartilha Maternal torna-se assim uma rotina diária das crianças do Bibe Azul. Se elas, todos os dias, forem à Cartilha Maternal, com o seu grupo, segundo Deus (1997) “geralmente em noventa lições, se for dada uma lição curta todos os dias, sem interrupção, o aluno ficará a ler em cerca de três, quatro meses.” (p.24)

Na última parte da manhã, as crianças estiveram a exercitar algarismos. Umas estiveram a trabalhar no lugar em folhas distribuídas pela Educadora, e outras foram para o quadro, só depois de a Educadora achar que estavam bem feitas é que lhes dava também uma folha.

Dia 15 de outubro de 2010

Começámos o dia por ajudar as crianças nos cadernos de escrita. A Educadora solicitou a minha ajuda, para me dirigir ao quadro com algumas crianças e ditar-lhes letras e a outras crianças, palavras, de modo a corrigi-las. A meio da manhã as crianças foram divididas em dois grupos, sendo que metade foi para a aula de cerâmica e a outra ficou na sala a trabalhar e, posteriormente, trocaram.

Depois do intervalo a Educadora distribuiu Calculadores Multibásicos pelas crianças e realizou o jogo das torres, a do “3” e a do “4”.

Inferências / Fundamentação teórica:

O facto de a Educadora me permitir estar com algumas crianças no quadro possibilitou-me conhecê-las melhor, perceber as diferentes dificuldades com que se deparam e ainda a oportunidade de aprender e criar práticas, para ajudar as crianças nas suas necessidades.

Como referido anteriormente, as crianças, a meio da manhã, foram para a aula de cerâmica, mas eu não as acompanhei. A prática da Expressão Plástica é importante para o desenvolvimento das crianças, podendo elas desenvolverem a sua imaginação e capacidades.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME, (1997) “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com

a expressão motora, mas recorre a materiais instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão.” (p.61)

Depois da aula de cerâmica, a Educadora esteve a trabalhar com as crianças com os Calculadores Multibásicos, realizaram o jogo das torres do “3” e do “4”.

Caldeira (2009) diz que este jogo:

pode ser explorado durante o tempo que a professora achar conveniente e sempre que considere necessário. Tem como finalidade os alunos adquirirem determinadas noções, nomeadamente a de saber o furo a que corresponde cada cor e quantos elementos tem cada torre. (p.190)

Estiveram até à hora de almoço a trabalhar com os calculadores Multibásicos.

Dia 18 de outubro de 2010

Distribuímos os cadernos de escrita pelas crianças e, novamente, como no dia anterior, fui para o quadro com algumas crianças exercitar a escrita. Ao mesmo tempo, a Educadora estava na Cartilha Maternal e ia recebendo as crianças em grupos de três, para fazer a revisão ou ensinar uma lição nova.

Quando regressámos do intervalo, foi distribuído pelas crianças o material Geoplano, para a Educadora trabalhar com elas. Finalizou a manhã com um ditado gráfico, que depois pediu às crianças para passarem para o papel ponteadado.

Inferências / Fundamentação teórica:

A Cartilha Maternal hoje não foi dada pela Educadora titular da sala, foi dada por outra Educadora; ao observá-la a dar lições às crianças, vi que usava um ponteiro muito apelativo, uma espécie de varinha mágica. Deus (1997) afirma que “o uso do ponteiro é importante para dar confiança ao aluno e ritmo à sua leitura.” (p.24)

O entusiasmo com que a Educadora dá as lições, o cuidado que teve em fazer um ponteiro diferente do habitual, mostra um carinho muito especial pelo que está a fazer.

Na segunda parte da manhã a Educadora titular da turma distribuiu o material Geoplano pelas crianças, trabalhando a simetria e a lateralidade. Caldeira (2009) diz que: “a coordenação visual-motora, ou seja a capacidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo e a percepção figura-fundo, desenvolvida através destas actividades, é algo que deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida.” (p.409)

Para finalizar a manhã de aula, a Educadora fez um ditado gráfico que, após o término do mesmo, pediu às crianças para passarem para o papel ponteadado. Caldeira afirma que: “este material é excelente pela mobilidade e para que as crianças explorem

problemas geométricos, registem no papel ponteadado, os seus desenhos, de forma a desenvolverem a sua destreza.” (p.409)

Algumas crianças sentiram dificuldade na passagem para o papel ponteadado, assim sendo eu e a minha colega dirigimo-nos às mesmas para ajudar.

Dia 19 de outubro de 2010

Neste dia a Educadora começou pelo domínio da Matemática. Distribuiu as crianças em cinco grupos e deu uma caixa do material Cuisenaire, por grupo, com a qual estiveram a trabalhar.

Seguidamente, a Educadora colocou letras num quadro magnético e esteve a trabalhá-las, bem como a formação de palavras.

Na segunda parte da manhã, a Educadora fez uma pequena abordagem ao Sistema Respiratório e Circulatório. Começou por explicá-los com a apresentação de imagens e, depois, entregou às crianças uma imagem para pintarem, de acordo com a circulação do sangue.

Inferências / Fundamentação teórica:

As crianças estiveram a trabalhar com o material Cuisenaire, com a Educadora, onde a mesma abordou uma série de conteúdos. Realizou as operações (adição e subtração), trabalhou a decomposição de números, os números par e ímpar, entre outros.

Com esta aula foi-nos possível observar uma inúmera quantidade de conteúdos possíveis a abordar, com crianças desta faixa etária.

Um professor, segundo Caldeira (2009), deve conhecer “as potencialidades e a utilização dos materiais manipulativos de forma a não condicionar as suas práticas e adequar tarefas que permitam um papel activo, adequado e reflexivo na construção do saber.” (p.127)

Na segunda parte da manhã, a Educadora lecionou dois conteúdos que, a meu ver, são um pouco complexos para as crianças desta faixa etária.

Para que as crianças percebessem utilizou imagens, estas foram colocadas num projetor que se dinamizava, ou seja, com esse projetor era possível visualizar o trajeto que o sangue faz ao longo do nosso corpo.

Dia 22 de outubro de 2010

As crianças começaram por trabalhar nos cadernos de Matemática, depois trabalharam com o 3.º e 4.º Dons de Fröebel, e posteriormente, voltaram a pegar novamente nos cadernos.

Após o intervalo, a Educadora explicou o sentido de frase e não frase, logo de seguida entregou-lhes os cadernos de escrita. Nesse instante a mesma, pediu-me para me dirigir a duas crianças com mais dificuldades, de modo a ajudá-las quanto às suas dúvidas.

Inferências / Fundamentação teórica:

A Educadora com o 3.º e 4.º Dons de Fröebel pediu para as crianças realizarem duas construções e, ao mesmo tempo ia fazendo situações problemáticas.

Já depois do intervalo, passou para o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, ensinando-lhes o conteúdo frase e não frase.

Inicialmente colocou no quadro três frases, sendo uma apenas correta, ou seja, esta iniciava-se com letra maiúscula, fazia sentido e acabava com um sinal de pontuação. Para dificultar a Educadora escreveu novamente três frases, mas desta vez duas estavam corretas.

Seguidamente foram distribuídos os cadernos de escrita, para as crianças exercitarem. A pedido da Educadora fui ajudar algumas crianças, que tinham mais dificuldades e visto ser uma turma muito vasta, nem sempre a Educadora pode acompanhá-las. Andrade e Franco (2006) declaram que:

a aprendizagem da leitura e da escrita, é o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa, assim como a invenção da escrita foi um dos momentos mais importantes da História da Humanidade, pois por meio de registros escritos o saber acumulado pode ser transmitido às demais gerações. (p.65)

Por isso, torna-se fundamental, nesta fase primordial, acompanhar as crianças, de modo a encontrarem o sucesso.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) “A atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas.” (p.69)

As crianças do Bibe Azul todos os dias trabalham nos cadernos de escrita de modo a aperfeiçoarem a sua caligrafia.

Dia 25 de outubro de 2010

Neste dia a minha colega de grupo de estágio deu a sua primeira manhã de aulas. Começou por explorar um livro *O aquário*, do qual fez interpretação oral e trabalhou algumas palavras. Seguidamente distribuiu uma proposta de trabalho, que consistia numa sopa de letras.

Depois do intervalo passou para o domínio da Matemática. Distribuiu Algarismos móveis e uma caixa com material não estruturado, trabalhando a soma, a subtração, o número par e ímpar e o sinal de maior e menor.

Terminou a aula distribuindo uma proposta de trabalho de Matemática.

Inferências / Fundamentação teórica:

A proposta de trabalho correspondente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, que consistia numa sopa de letras, não estava correta, pois tinha um tipo de letra que não permitia às crianças perceberem de que letras se tratavam.

A minha colega deveria ter mostrado a proposta à Educadora com antecedência, para não ocorrerem situações como esta. Mas como a Educadora percebeu logo de início o erro, conseguiu reproduzir uma nova e fotocopiou, para distribuir pelas crianças.

Relativamente ao domínio da Matemática, a minha colega realizou algumas situações, de modo a trabalhar o cálculo mental, posteriormente pedia às crianças para irem ao quadro representar as operações. Achei desnecessário, pois estas já tinham chegado à resposta correta. Cury (2006) declara que os professores fascinantes têm como objetivo fundamental “ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informação.” (p.70)

A proposta de Matemática que a minha colega distribuiu pelas crianças, também não estava completamente correta, tinha um dos enunciados errados, o que suscitou respostas diferentes entre as crianças.

Dia 26 de outubro de 2010

Esta foi a minha primeira manhã de aulas. Comecei por distribuir pelas crianças cordões para colocarem ao pescoço com uma letra, depois realizei um jogo com os mesmos.

De seguida, li-lhes uma pequena história, acabando por distribuir uma proposta de trabalho, para as crianças realizarem. Enquanto a realizavam, com a minha ajuda, a Educadora ia chamando algumas crianças para se dirigirem à Cartilha Maternal.

Depois do intervalo, distribuí pelas crianças imagens de animais alusivas à história lida anteriormente e algarismos móveis. Trabalhei a quantidade e as operações (soma e subtração).

Para terminar a aula distribuí uma proposta de trabalho de Matemática.

Inferências / Fundamentação teórica:

Como não estavam todas as crianças, no período de acolhimento, realizei o jogo do *silêncio*.

Às 9h30 iniciei, então, a minha aula, distribuindo cordões com letras pelas crianças.

O jogo que fiz com os cordões consistia em eu dizer uma letra e as crianças que a tivessem, tinham de a levantar ou dizia uma palavra, por exemplo, “pato”. Quatro crianças tinham de se levantar e unirem-se de modo a representarem essa mesma palavra, ou ainda era eu que levantava algumas crianças e, sozinhos, tinham de descobrir qual a palavra que conseguiam representar.

As crianças do Bibe Azul, nesta fase, ainda se encontram numa fase de descodificação. Santos (2000) diz que esta fase de leitura caracteriza-se:

pelas técnicas de reconhecimento e distinção visual dos grafemas, da sua transformação em fonemas, da composição, de palavras e da respectiva identificação (...) constitui, assim, uma leitura de iniciação, cujo objectivo final se cumpre, quando se ultrapassa a fase da soletração.(p.23)

Por isso, nesta fase estes exercícios são fundamentais para se trabalhar com as crianças.

De seguida li uma história que adaptei sobre as vogais e no final da leitura cantei, juntamente com as crianças, uma música sobre as mesmas.

Depois, distribuí uma proposta de trabalho e, após o intervalo, passei para o domínio da Matemática, no Capítulo 2 está descrita esta aula, de uma forma mais pormenorizada.

Na figura 3 é possível observar algumas das imagens ilustrativas da história que contei.



Figura 3 – *Imagens da história A quinta a e i o u*

Dia 29 de outubro de 2010

Começámos por ajudar as crianças nos cadernos de escrita e ajudámo-las a terminar trabalhos em atraso, enquanto a Educadora chamava os grupos para irem à Cartilha.

Após o intervalo, a Educadora distribuiu Calculadores Multibásicos e trabalhou o *Jogo das torres* e iniciou a base “10”.

Para terminar a manhã, a Educadora solicitou a uma colega, estagiária do 4.ºano, que lesse um livro e trabalhasse o mesmo.

Inferências / Fundamentação teórica:

Embora as crianças já saibam contar até mais de 100, a representação dos números ainda não está adquirida.

Moreira e Oliveira (2003) afirmam que:

as experiências de contagem desempenham um papel fundamental na aquisição do conceito de número (...) numa primeira fase é de esperar que (...) não sejam desempenhadas correctamente (...) está a aprender a coordenar o gesto com a palavra - número e a controlar a sequência. (p.117)

A Educadora iniciou, pela primeira vez, o jogo da base 10, aproveitando para explicar às crianças, o nosso sistema de numeração, de 10 em 10.

Depois do intervalo, assistimos à aula surpresa da nossa colega, achei que foi um pouco monótona. Primeiramente, devo referir o facto de ter iniciado a leitura do livro e depois de não a ter terminado, as crianças não perceberam do que tratava a história.

Os exercícios que realizou para explorar o livro, trabalhando a sílaba e a palavra, foram sempre os mesmos.

Para as crianças não dispersarem a atenção, um Educador deverá diversificar as suas estratégias, sempre que possível.

Dia 2 de novembro de 2010

Neste dia a minha colega deu a sua segunda manhã de aulas. Começou pela área de Conhecimento do Mundo, dando o tema: Higiene do Sistema Respiratório.

Seguidamente, passou para o domínio da Matemática. Distribuiu um saco, por cada dois, que continha palhinhas, lã e algarismos móveis. Com este material a minha colega trabalhou as operações (soma e subtração) e deu a noção de conjuntos.

Quando regressámos do intervalo, a minha colega distribuiu um saco por cada criança que continha letras móveis. Leu um poema “Abecedário sem juízo” do livro *Poemas da Mentira e da Verdade* de Luísa Ducla Soares. À medida que ia lendo, as crianças tinham de levantar a letra que ela pedia. Depois colocou uma roleta no quadro, que continha letras, e pediu às crianças para representarem uma palavra começada pela letra que calhasse.

Terminou a sua manhã, indo à Cartilha com um grupo de crianças, onde deu a 7.^a lição.

Inferências / Fundamentação teórica:

Um dos aspetos que mais gostei na aula da minha colega, na área de Conhecimento do Mundo, foi o facto de solicitar a duas crianças para exemplificarem a inspiração e expiração. Ao mesmo tempo que exemplificavam, também iam explicando o que acontecia com o corpo. No entanto, as imagens que levou para trabalhar esta área eram muito pequenas e de difícil perceção.

Martins, Gouvêa e Piccinini (2005) dizem que:

Imagens são importantes recursos para a comunicação de ideias científicas. No entanto, além da indiscutível importância como recursos para a visualização, contribuindo para a inteligibilidade de diversos textos científicos, as imagens também desempenham um papel fundamental na constituição das ideias científicas e na sua conceitualização.

No domínio da Matemática, achei interessante o livro que a minha colega usou, pois o mesmo dava a indicação do cardinal, que as crianças deveriam representar.

No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as letras móveis permitiram às crianças desenvolver e praticar as palavras já adquiridas, mas a minha colega cometeu o erro de não ter todas as letras do abecedário, o que causou alguma confusão nas crianças.

Ao contrário da outra aula, em que a colega apresentou insegurança, pela ocorrência de imprevistos, nesta ela estava mais segura na transmissão dos conhecimentos.

Dia 5 de novembro de 2010

A Educadora, na primeira parte da manhã, começou por ir com os vários grupos à Cartilha, enquanto isso eu e a minha colega ajudámos as crianças a terminar trabalhos.

Na segunda parte da manhã, a Educadora esteve a trabalhar com o Cuisenaire. Introduziu um novo conteúdo: o dobro dos números até vinte.

Inferências / Fundamentação teórica:

As crianças, quando se dirigem à Cartilha Maternal, vão em grupos, mas segundo Ruivo (2009) as crianças “nunca devem responder em coro, cada um fala na sua vez, mas estão todos empenhados numa mesma tarefa. Apesar de se trabalhar em grupo, a lição é curta, com noções bem claras.” (p.133)

Os grupos são estipulados pela Educadora, que tem o cuidado de juntar crianças que têm um nível e ritmo de aprendizagem idêntico entre elas. Sendo assim as crianças que vão em grupo encontram-se nas mesmas lições.

Como é possível observar ao longo dos relatos, as crianças, todos os dias, dirigem-se à Cartilha Maternal, mas a aprendizagem da leitura e da escrita, não se limita à mesma.

O processo de aprendizagem da leitura e da escrita, de acordo com Ruivo (2009) é:

moroso, por vezes, mesmo, doloroso, por isso, para adquirir o domínio desta competência é fundamental que o ensino não se limite à descodificação alfabética. O acto de ler é complexo e mobiliza uma infinidade de capacidades, logo a aprendizagem da leitura não deve ser encarada como uma simples aquisição de mecanismos e regras, mas antes uma actividade criativa e formativa que favoreça o desenvolvimento integral da criança, estimulando as suas capacidades metacognitivas. (p.131)

As crianças todos os dias passam por diversas atividades que têm como objetivo, contribuir para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Dia 8 de novembro de 2010

Neste dia dei a minha segunda manhã de aula.

Primeiramente comecei pelo domínio da Matemática. Distribui molinhas de várias cores e Algarismos Móveis trabalhando as operações (soma e subtração) e por fim padrões crescentes e decrescentes.

De seguida, passei para a área de Conhecimento do Mundo, onde abordei o tema: A higiene do Sistema Circulatório.

Após o intervalo, dispus as crianças em grupos e iniciei o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com *O jogo da barquinha*, depois distribui pelos grupos formados, anteriormente, uma cartolina com partes de uma lengalenga.

Inferências / Fundamentação teórica:

Comecei por realizar o *Jogo do silêncio*, nos primeiros quinze minutos, porque faltavam ainda algumas crianças.

Para iniciar a minha manhã de aulas, distribuí um saco com Algarismos Móveis e molas de várias cores. Depois de realizar operações, fiz com as crianças a representação de sequências e padrões, dando uma maior relevância aos padrões. Moreira e Oliveira (2003) afirmam que:

o estudo de padrões, para além de desenvolver o espírito de observação e de detecção de regularidades, constitui ainda, (...), um campo imerso para os alunos desenvolverem a sua criatividade e introduz, de modo natural, as transformações geométricas. (p.93)

Pedi para as crianças representarem, segundo algumas condições e, por fim, deixei-os representar livremente. Guberman (1999, citado por Moreira e Oliveira, 2003) diz que “as crianças precisam construir representações para serem capazes de falar sobre por exemplo padrões, compará-los e generalizá-los.” (p.66)

Passei para o tema de Conhecimento do Mundo, revendo com as crianças o Sistema Circulatório, depois coloquei algumas imagens no quadro para que, em conjunto, escolhessemos as boas e más para o bom funcionamento do sistema.

As orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME, (1997) mencionam que “a área do Conhecimento do Mundo inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social que decorrem de experiências proporcionadas pelo contexto de educação pré-escolar ou que se relacionam com o seu meio próximo.” (p.81)

Para finalizar a manhã, o tema escolhido foi a lengalenga, posteriormente no Capítulo 2, será descrita em pormenor essa aula, foi realizado um trabalho de grupo, que consistia em terminar uma lengalenga incompleta. Na figura 4 pode-se observar três dos trabalhos em cartolina.



Figura 4 – Cartolinas do trabalho de grupo

Dia 9 de novembro de 2010

Enquanto eu e a minha colega orientávamos as crianças nos cadernos de escrita e pedíamos a algumas, para irem treinar letras ao quadro, a Educadora estava na Cartilha com os grupos.

Após o intervalo, a minha colega, como não teve uma boa prestação no domínio da Matemática, numa aula anterior, a Educadora solicitou que ela preparasse outra aula. A colega começou por distribuir palhinhas pelas crianças trabalhando com esse material a adição, a subtração e os números pares e ímpares.

Depois, ainda realizámos um jogo com as crianças e, por fim, ajudámos as que ainda não tinham terminado uma proposta de Conhecimento do Mundo.

Inferências / Fundamentação teórica:

Primeiramente destaco a oportunidade que a Educadora deu à minha colega para poder repetir a aula de Matemática. É necessário num momento de formação termos a oportunidade de praticar. Pacheco e Flores (1999) mencionam que o conhecimento prático resulta “do trabalho quotidiano do professor.” (p.29)

Os mesmos autores afirmam, assim, que ensinar trata-se “de um conhecimento íntimo, social e tradicional que se expressa em acções pessoais. Por outras palavras, é um conhecimento feito de experiência.” (p.29)

Em suma, o conhecimento prático do professor explica-se por um interesse prático, ou seja por uma reflexão na ação. Por isso, novamente reforço a oportunidade dada pela Educadora, para que a minha colega pudesse melhorar com a prática.

Nesta aula, a colega teve uma boa prestação, esteve calma enquanto lecionava. O material escolhido para a mesma foram as palhinhas. Caldeira (2009) declara que, com o material palhinhas, podem ser elaboradas diversas atividades, de modo a trabalhar:

noção de cor; noções de quantidade; exercícios de contagem, através do desenvolvimento auditivo, provocado pelo som dos ferrinhos; noção de sentido ordinal; noção de conjunto; reunião e intersecção de conjuntos; conjuntos equivalentes; operações: soma, subtração, multiplicação e divisão; noção de dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia, quarteirão; situações problemáticas. (p.318)

As atividades elaboradas pela colega permitiram trabalhar a noção de quantidade, de contagem e ainda as operações soma e subtração.

Dia 12 de novembro de 2010

A pedido da Educadora, dirigimo-nos à Cartilha Maternal, para darmos uma lição, a um grupo de três crianças escolhidas pela mesma.

Primeiro comecei eu dando a 15ª lição, e de seguida deu a colega a 17ª lição. Quando terminámos, a Educadora dirigiu-se para a Cartilha e continuou a dar as lições diárias; enquanto isso, eu e a minha colega ajudámos as crianças nos cadernos de escrita.

Assim que regressámos do intervalo, a Educadora solicitou a uma colega estagiária, do 4.ºano, que desse uma aula com Cuisenaire. No final da mesma, nós e a Educadora juntámo-nos para fazermos uma pequena apreciação sobre a nossa prestação, bem como da aula da nossa colega.

Inferências / Fundamentação teórica:

No início desta manhã eu e a minha colega dirigimo-nos à Cartilha Maternal, onde demos cada uma, uma lição. Na opinião da Educadora as lições foram bem dadas, pois abordámos os aspetos essenciais nas mesmas.

A aula solicitada à nossa outra colega estagiária foi com o material Cuisenaire. A Educadora deixou-a escolher livremente, então ela decidiu rever os valores das peças e representar quantidades.

Visto que já tínhamos observado a Educadora a dar este material, achei que a minha colega devia ter desenvolvido mais conteúdos com as crianças, mas optou apenas pelo básico. Além deste aspeto, achei-a muito insegura e com falta de atenção. Mialaret (1996, citado por Pacheco e Flores, 1999) declara que o conhecimento prático do professor “provém da experiência, definida nos seguintes termos: conjunto de informações, conhecimentos e atitudes adquiridas pelo indivíduo ao longo da sua existência através da observação espontânea da realidade e das práticas.” (p.27)

Estes aspetos foram notórios, quando a colega pedia às crianças para representarem algumas quantidades e depois não ia verificar aos lugares, e quando alguma criança lhe questionava se podia representar de outra forma e ela não respondia.

1.2 2.ª Secção – Bibe Amarelo

1.2.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Amarelo é composta por vinte e oito crianças, treze são do sexo masculino e quinze são do sexo feminino, tendo todas as crianças três anos de idade até 31 de dezembro.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas suas diversas aprendizagens.

Foi-nos informado que existe uma criança vegetariana que, na hora do almoço, recusa-se a comer e uma outra, muito reservada, com grande dificuldade de comunicação.

1.2.2. Caracterização do espaço

O espaço destinado ao Bibe Amarelo, que me foi estipulado, encontra-se numa sala que integra os dois Bibes Amarelos. Esse espaço está situado mais ao fundo da sala, separado do outro bibe, em parte por uma parede e, por outra, por alguns armários.

Neste espaço, a Educadora criou três áreas nomeadas como: a área do tapete; a área das mesas e a área do cantinho da magia, que se situa ao lado da secretária da Educadora.

Nas figuras 5, 6 e 7 é possível observar essas três áreas, respectivamente.



Figura 5 – Área do tapete



Figura 6 – Área das mesas



Figura 7 – Área do cantinho da magia

1.2.3. Rotinas diárias

A importância das rotinas diárias na vida das crianças é cada vez mais abordada por diferentes autores.

Florêncio (2008) declara que são as rotinas que:

nos dão segurança e tranquilidade, que nos fazem sentir seguros e é isto que se passa com as crianças, pois se inicialmente ficam a chorar quando os pais as deixam, rapidamente se apercebem que ficam com adultos que lhes dão carinho e atenção, que brincam e se divertem com as outras crianças, que o ambiente é atractivo, tem muitas cores que lhes chamam à atenção e os cativam e que logo depois do almoço, de uma boa soneca e do lanche, a qualquer momento entrará por aquela “porta mágica” o pai ou a mãe com o maior sorriso e os braços abertos cheios de saudades dos seus “filhotes”. (p.21)

Igualmente, como referido no bibe anterior, as crianças do Bibe Amarelo iniciam o dia na roda a cantar.

Às 9h30m dirigem-se à casa de banho, seguindo depois para a sala com a Educadora.

Às 11h fazem um intervalo que se estende até às 11h30m. Depois dirigem-se novamente à casa de banho e preparam-se para o almoço.

O almoço inicia-se às 12h; assim que terminado, as crianças dirigem-se à sala, para realizarem a sesta.

As rotinas diárias têm um papel muito importante no desenvolvimento das crianças e como as crianças do Bibe Amarelo ainda são pequenas, nas suas rotinas está integrado o momento da sesta. Oliveira (2009) diz que:

a organização do tempo educativo, tem uma influência determinante no tipo de interações que se estabelecem e no trabalho que é desenvolvido com as crianças. A gestão do tempo diário deve contemplar diferentes momentos, rotinas diárias como momentos de higiene, sono e alimentação. (p.9)

Cordeiro (2007) declara que “a sesta (...) é um direito da criança. Deve ser feita num ambiente calmo. (p.373)

De seguida, no quadro 3, apresento o horário do Bibe Amarelo que nos foi cedido pela Educadora da mesmo.

Quadro 3 – Horário do Bibe Amarelo

Bibe Amarelo					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h00 9h30	Partilha de saberes	Acolhimento/ Canções de roda		Música (9h10 – 9h40)	Acolhimento/ Canções de roda
9h30 10h00	Área de Projeto: estimulação à leitura			Área de Projeto: estimulação à leitura	Área de Projeto: estimulação à leitura
10h00 10h30	Partilha de saberes	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Ed. do Movimento
10h30 11h00	Ed. do Movimento	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Iniciação à Matemática
11h00 - 11h30					

1.2.4 Relatos diários

Dia 15 de novembro de 2010

Neste dia estivemos presentes na ESE para a reunião de Prática Pedagógica, juntamente com os nossos colegas estagiários e os Professores do corpo docente da Prática Pedagógica.

Inferências / Fundamentação teórica:

Nesta reunião recebemos a nossa primeira nota de estágio, relativamente ao momento anterior. A nossa avaliação, assim como a dos nossos colegas foi lida em voz alta. Um momento importante para que possamos refletir sobre os aspetos positivos e a melhorar.

Schön (1987, citado por Pacheco e Flores, 1999) afirma que a prática não se aprende sozinho:

quando alguém aprende uma prática é iniciado nas tradições de uma comunidade de praticantes e no mundo da prática que habitam. Aprende as suas convenções, constrangimentos, linguagens e sistemas apreciativos, os seus repertórios de exemplares, conhecimento sistemático e modelos do saber-em-acção. Pode fazê-lo de diferentes maneiras. Raramente pode aprender a prática sozinho, como alguém aprende carpintaria ou caça. Pode tornar-se num aprendiz dos praticantes seniores, como muitos comerciantes, operários industriais e profissionais o fazem. (p.28)

Por isso, saliento a importância de existirem reuniões sempre que terminamos um momento de estágio, assim podemos refletir sobre as nossas práticas, bem como a dos nossos colegas.

Dia 16 de novembro de 2010

Depois do acolhimento no salão, dirigimo-nos à sala com as crianças. A Educadora pediu para que elas se sentassem no tapete e leu-lhes uma história. Após o término da mesma, falou-lhes sobre o vestuário.

De seguida, mandou as crianças irem para as mesas, para realizarem uma proposta de trabalho.

Depois do recreio, as crianças, com outras colegas estagiárias, estiveram a realizar jogos, enquanto a Educadora preenchia grelhas de avaliação.

Inferência / Fundamentação teórica:

A proposta de trabalho realizada pelas crianças consistia em ligarem meias, cada uma ao seu par. Na figura 8 é possível observar uma proposta já realizada.



Figura 8 – Proposta de trabalho: Ligar meia ao par

Quando regressei do período de descanso, as crianças já se encontravam na sala, com outras colegas estagiárias, a fazerem jogos.

Ferreira e Santos (1994) mencionam que “brincando a jogos em pares ou em grupo a criança aprende a esperar a sua vez, a contar com a jogada do outro, a compreender as regras, a partilhar e a confrontar-se com outras visões sobre a mesma realidade.” (p.12),

Deixar que as crianças joguem, contribui para o seu desenvolvimento, e facilita uma maior integração na sociedade, diminuindo assim o egocentrismo.

Dia 19 de novembro de 2010

Começámos por ajudar as crianças a prepararem-se para irem para a ginástica.

Depois fomos à casa de banho com elas.

Quando regressámos da ginástica, a Educadora mandou as crianças sentarem-se no tapete e contou-lhes uma história “A Cinderela”, de um livro trazido por uma criança.

Depois ficámos no recreio com as crianças.

Inferências / Fundamentação teórica:

A Educadora antes de iniciar a história mandou as crianças sentarem-se em roda, colocou uma manta no chão e acendeu uma vela. Para dar início ao conto mandou-as fechar os olhos e fez tocar um instrumento de sopro.

Cury (2006) afirma que:

educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da sociedade. A vida envolve perdas e problemas, mas deve ser vivida com optimismo, esperança e alegria. Pais e professores devem dançar a valsa da vida como contadores de histórias. (p.132)

Como as crianças do Bibe Amarelo ainda são muito pequenas, é essencial que se crie momentos como estes de magia, ajuda as crianças a viverem a vida de uma forma suavizada.

Dia 22 de novembro de 2010

Ajudámos as crianças a prepararem-se para ginástica, enquanto elas estiveram em aula eu e a minha colega ficámos na sala a recortar materiais.

Quando as crianças saíram da ginástica estava a chover muito, então a Educadora pediu-me para levar as crianças para o salão e dar-lhes a bolacha.

Depois as crianças foram para o almoço, mas eu e a minha colega não fomos ajudar, fomos para a sala recortar mais materiais.

Inferências / Fundamentação teórica:

Após o primeiro momento da manhã, como chovia bastante, a Educadora pediu-me para que levasse as crianças para o salão e lhes desse a bolacha. Como o tempo já se estava a estender e todos tinham terminado a bolacha, pedi à Educadora para me dar um livro, para lhes contar uma história.

Posteriormente, decidi fazer uma roda e cantar com as crianças, mas pedia às crianças para cantarem com ritmos diferentes dos habituais. As Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) dizem que “a relação entre a música e a palavra é uma outra forma de expressão musical. Cantar é uma actividade habitual na educação pré-escolar que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo.” (p.64)

Foi um momento muito gratificante, pois permitiu-me observar a minha competência para desenvolver tarefas, em situações não planeadas, e a minha capacidade de responsabilidade, pois fiquei sozinha com as crianças até à hora do almoço.

Dia 23 de novembro de 2010

A diretora do jardim-escola esteve presente na sala e, juntamente com as duas Educadoras do Bibe Amarelo, estiveram a ver as cabeças às crianças, devido à presença de piolhos.

Depois de todas as crianças observadas, a Educadora pediu para se sentarem no tapete para uma colega estagiária dar uma aula.

Terminada a aula, a Educadora esteve a trabalhar Blocos Lógicos com as crianças.

Após o intervalo, a Educadora pediu para que eu e a minha colega fôssemos para o salão realizar o jogo das cadeiras.

Inferências / Fundamentação teórica:

Embora muitas pessoas evitem falar destes assuntos, é importante falar com os pais, quando se sabe da existência de crianças infestadas com parasitas.

Cordeiro (2007) diz que:

é essencial não ter medo de falar do assunto nem considerar que tem piolhos é sinal de “porcaria”. O maior amigo dos piolhos é o silêncio que se faz à sua roda. A melhor maneira de dar cabo deles, é falar neles, saber que existem e que infestam. (p.369)

Depois de revistarem as cabeças das crianças, a colega estagiária iniciou a sua aula, o conteúdo escolhido foi a roda dos alimentos. A colega falava muito baixo e levou uma roda muito pequena, feita em cartolina, onde as imagens dos alimentos não eram perceptíveis. Foi uma aula muito expositiva e um pouco confusa para as crianças, que são tão pequenas.

Dia 26 de novembro de 2010

Neste dia a manhã de estágio foi de aulas surpresa.

Primeiramente assisti à aula da minha colega, foi-lhe pedida uma aula de estimulação à leitura.

Depois dirigimo-nos ao Bibe Encarnado, e por fim ao Bibe Amarelo, onde também existiram aulas surpresa de estimulação à leitura.

Quando terminaram as aulas fomos para a reunião.

Inferências / Fundamentação teórica:

A primeira aula que assisti foi a da minha colega. Foi-lhe pedido que contasse o conto tradicional o “Capuchinho Vermelho”, com a ajuda de um fantoche e com uma condição: o fim da história tinha de ser diferente.

A minha colega contou a história de uma forma calma e expressiva, com um fim diferente e interessante, mas esqueceu-se do mais importante que foi manusear o fantoche. As crianças acabaram por perder o interesse, porque viram o fantoche sem expressão e dinamismo.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) afirma que a utilização de fantoches “facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (p.60)

As outras aulas não foram observadas desde o início, mas segundo as críticas ouvidas na reunião, ambas estiveram bem, com um ou outro aspeto a melhorar, mas nada de relevante.

Dia 29 de novembro de 2010

Quando chegámos à sala, como a Educadora tinha de falar com uma mãe, pediu-nos para fazermos uma roda com as crianças e cantarmos.

Depois quando a Educadora regressou, pedi-lhe para ler um livro intitulado *O bebé*. Seguidamente a Educadora pediu às crianças para permanecerem sentadas no tapete e trabalhou o 1.º Dom de Fröebel.

Quando terminou, mandou-os ir para as mesas realizarem a dobragem da árvore e depois colocaram-na numa folha, que preencheram posteriormente.

Inferências / Fundamentação teórica:

Como é habitual a Educadora ler-lhes um livro, logo pela manhã, eu decidi levar um para lhes ler. As crianças adoraram o livro, pois eu não me limitei a lê-lo, eu interagi com elas, criei suspense. Appleyard (1990, citado por Santos, 2000) profere que “o acto de ler é, primeiramente, um encontro entre o leitor particular e um texto particular, num tempo e num espaço particulares.” (p.36), ou seja, como as crianças são pequenas é importante conseguir captar a sua atenção, logo devemos ajustar estratégias que nos permitam tê-las connosco.

A Educadora além do livro, gostou muito da minha expressividade na leitura, acabando por me agradecer por aquele momento.

Depois de terminada a leitura, a Educadora manteve as crianças sentadas no tapete e retirou três cestos um grande, outro médio e um pequeno, e ainda o 1.º Dom de Fröebel. Com esse material trabalhou a lateralidade e a contagem. Esta foi a primeira vez que vi o 1.º Dom de Fröebel. Este Dom, como afirma Caldeira (2009), “é essencialmente destinado a crianças a partir dos 2/3 anos de idade.”, “é composto por seis pequenas bolas (...) nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo.” (p.243)

Antes de irmos para o recreio, a Educadora pediu às crianças para irem para as mesas, onde realizaram a dobragem da árvore, que colaram numa folha e preencheram. Na figura 9, pode-se observar um exemplar de um trabalho de uma das crianças.

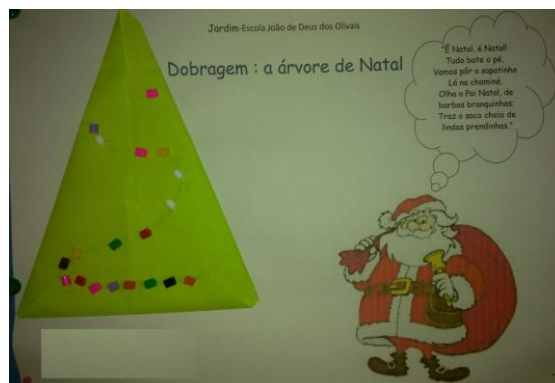


Figura 9 – Proposta de trabalho: *Dobragem da árvore de natal*

Dia 30 de novembro de 2010

Dei a minha primeira manhã de aulas no Bibe Amarelo.

Iniciei-a, lendo uma história intitulada “Quinzinho, o penteadinho”, após a leitura da mesma fiz uma pequena interpretação com a ajuda das crianças, de modo a introduzir o tema da área de Conhecimento do Mundo. O tema que trabalhei foi os hábitos de higiene.

Depois de realizar alguns exercícios de retorno à calma, solicitei que as crianças permanecessem sentadas e trabalhei com eles o 1.º Dom de Fröebel.

Para finalizar a minha manhã, fomos para o salão, onde realizei um jogo orientado *Eu sou uma lagarta*.

Inferências / Fundamentação teórica:

Para iniciar a minha aula li um livro cuja história era introdutória ao tema de Conhecimento do Mundo. O tema escolhido foi hábitos de higiene.

Primeiramente comecei por mostrar imagens pedindo a colaboração das crianças, para me dizerem o que observavam. Um dos aspetos menos positivos desta aula foi o facto de não expor as imagens, deixei-as no chão. Algumas destas imagens podem ser observadas na figura 10.



Figura 10 – *Imagens dos hábitos de higiene*

Depois de mostrar as imagens, exemplifiquei alguns dos hábitos de higiene num boneco.

Cordeiro (2007) afirma que as crianças mais pequenas, por vezes ganham aversão ao banho este, “aparece, muitas vezes, (...) como um corte nas actividades que está a desenvolver, seja a brincar, seja a ver um filme ou a desenhar e, à medida que crescem, começa a desenvolver-se, por vezes, alguma resistência.” (p.109)

Depois passei para Matemática, trabalhando com as crianças o 1.º Dom de Fröebel. Além de ser um material ótimo para as crianças desta idade, devido às capacidades que permite desenvolver, para mim foi um excelente desafio, pois só tinha visto este material uma vez e pedi à Educadora para me deixar dar.

Trabalhei conteúdos como a cor, a contagem e noções espaciais. Caldeira (2009) menciona que, com este material, podemos desenvolver as seguintes capacidades/destrezas: “distinguir cores; diferenciar formas; desenvolver os sentidos de tacto, visão, audição; lateralidade; equilíbrio; sequenciar; relacionar; desenvolver a memória; orientação espacial; desenvolver a criatividade.” (p.244)

Dia 3 de dezembro de 2010

Neste dia, enquanto a Educadora tratava de uns assuntos, eu e a minha colega ficámos com as crianças no tapete a contar-lhes histórias.

Primeiramente, foi a minha colega que lhes contou a história do livro *A Estela gosta de ir à praia*, e seguidamente fui eu que lhes contei a história do livro *O Cuquedo*.

Durante as nossas leituras, estivemos com metade da turma. As crianças hoje foram para a cerâmica.

Depois da minha leitura, e já com a turma toda presente, decidi seleccionar algumas crianças para dinamizar a história.

Demos-lhes a bolacha e fomos para o recreio, até à hora de almoço.

Inferências / Fundamentação teórica:

Este dia foi bastante interessante, pois eu e a minha colega tivemos as crianças a nosso cargo durante a manhã inteira. Estivemos a dialogar com elas, lemos-lhes histórias e eu ainda consegui realizar uma pequena dramatização do livro *O Cuquedo*.

As Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) informam que:

também decorre intervenção do educador a possibilidade de chegar a dramatizações mais complexas que implicam um encadeamento de acções, em que as crianças desempenham diferentes papéis, como por exemplo, a dramatização de histórias conhecidas ou inventadas que constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não verbal. (p.60)

As crianças divertiram-se muito enquanto realizaram a pequena dramatização.

Dia 6 de dezembro de 2010

As Educadoras do Bibe Amarelo solicitaram a minha ajuda e de outras colegas estagiárias para irmos para o recreio pintar materiais para a festa de natal.

Quando fui para a sala, a Educadora tinha distribuído uma proposta de trabalho para as crianças realizarem.

Depois estive com elas até ao almoço, onde também ajudei.

Inferências / Fundamentação teórica:

A proposta que a Educadora distribuiu pelas crianças era alusiva à época natalícia. Consistia em decorarem uma árvore de natal da forma que quisessem.

Cordeiro (2007) refere que estas atividades “são actividades que surgem todos os anos, e muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhe segurança para prever o que vem depois.” (p.375)

Na figura 11 é possível observar um exemplar da proposta de trabalho.



Figura 11 – *Proposta de trabalho árvore de natal*

Dia 7 de dezembro de 2010

Para primeira aula no Bibe Amarelo, a minha colega escolheu iniciá-la com a leitura do livro *O menino gordo*.

Posteriormente pediu às crianças para se levantarem e foi para a zona do tapete, onde espalhou alguns frutos. Aproveitou-os para trabalhar a Matemática: contagens e tamanhos.

Para finalizar a sua manhã, pediu às crianças para se sentarem nos lugares e realizou o jogo do loto, também com imagens de frutos.

Inferências / Fundamentação teórica:

A minha colega, antes de contar a história do livro *O menino gordo*, mostrou as imagens. Pedia às crianças para dizerem o que observavam, e só depois é que lia a história.

Como este livro abordava vários alimentos, a minha colega falou da diversidade dos mesmos e aproveitou assim para aprofundar o conhecimento sobre os frutos.

Nesta atividade, a colega mostrou vários exemplares de frutos, explicando a utilidade dos mesmos, e quais as árvores que os produzem. No entanto, cometeu o equívoco de não passar os frutos pelas crianças, assim elas não puderam desenvolver os sentidos de toque e cheiro. Em contrapartida, o facto de ter levado alimentos verdadeiros mostra algum cuidado na preparação da aula para as crianças. Foi pena não se ter lembrado de deixar tocar nas frutas.

Ainda na atividade de Conhecimento do Mundo, a minha colega desistiu de uma criança, ou seja, ela perguntou a uma criança qual é que era o fruto que lhe estava a mostrar e o que sabia sobre ele, e a criança não lhe respondeu, pois é muito tímida e reservada. As Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) defendem que:

o desenvolvimento da linguagem oral depende do interesse em comunicar (...) neste sentido importa ter cuidado, sobretudo nas situações de grande grupo, com as crianças que têm mais dificuldade em se exprimir ou que nada têm a dizer sobre determinado assunto. (p.67)

A minha colega nunca deveria ter desistido da criança, um educador deve fomentar o discurso, podendo muitas vezes iniciá-lo, contando as suas vivências.

Passou para o domínio da Matemática, trabalhando a contagem e os tamanhos. Moreira e Oliveira (2003) declaram que “a enumeração, em voz alta dos objectos, aplica a sequência numérica verbal e permite à criança adquirir controle sobre os objectos contados.” (p.117)

De seguida pediu às crianças para se dirigirem aos lugares, depois realizou um jogo com eles.

Achei interessante o jogo ter sido um loto de frutas, pois neste dia, este foi o tema principal.

Dia 10 de dezembro de 2010

Depois de levar as crianças para a sala, eu e a minha colega dirigimo-nos ao Bibe Amarelo, para assistirmos a uma aula surpresa de uma colega estagiária. Foi-lhe solicitada uma aula de estimulação à leitura, onde lhe foi entregue o livro *Gosto de ti*.

Inferências / fundamentação teórica:

A aula da nossa colega foi de estimulação à leitura.

Na minha opinião a colega realizou uma leitura muito calma, sem dinamização, penso que esta poderia ter sido mais ativa.

Santos (2000) explica que é necessário perceber de onde vem as dificuldades de um leitor, se é da sua compreensão, ou do meio que as rodeia, que é possível que:

um leitor domine os conceitos ou a linguagem necessários à compreensão de determinado texto, saiba utilizar as estratégias adequadas para obter um sentido, mas sinta dificuldades decorrentes da estrutura do texto ou, mesmo, do ambiente físico ou afectivo que o rodeia. (p.37)

Sendo um livro de sentimentos, penso que os deveria abordar no fim, em vez de cantar músicas. A música é fundamental nestas idades, mas as que a colega cantou não tinham nada a ver com o livro lido, e os sentimentos são um tema que deverá sempre que possível ser abordado.

Dia 13 de dezembro de 2010

A Educadora solicitou a minha ajuda para ficar nas mesas com algumas crianças que não tinham terminado ainda um trabalho. Este trabalho consistia em decorar estrelas de natal.

Enquanto eu fiquei a ajudar as crianças, a minha colega e a Educadora estiveram com as restantes a colocarem as estrelas numa árvore de natal, tiraram-lhes fotografias.

Terminada esta tarefa a Educadora foi trabalhar Blocos Lógicos com as crianças, enquanto eu e a colega estivemos a fazer e a recortar coroas, para o dia de reis.

Inferência / Fundamentação teórica:

Um educador deve promover atividades de Expressão Plástica, para que a criança desenvolva as suas capacidades e, ainda a criatividade. Existem diversos materiais que podem ser explorados, por isso o educador deverá proporcionar estes momentos.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) as atividades de Expressão Plástica “tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado.” (p.61)

As coroas que eu e a minha colega estivemos a realizar podem ser observadas na figura 12.



Figura 12 – Coroas para o dia de reis

Dia 14 de dezembro de 2010

Neste dia a minha colega deu a sua segunda manhã de aulas.

Para iniciar a aula, sentou as crianças no tapete e expos algumas imagens, para que as crianças as reconhecessem, à medida que ia lendo o livro *Stella a rainha da neve*.

Depois de fazer o retorno à calma, manteve as crianças sentadas colocando uma boneca no armário, para que as mesmas a vestissem de acordo com o estado de tempo que a colega mencionava.

Realizou novamente o retorno à calma e iniciou a Matemática, pedindo às crianças para retirarem de dentro de um saco uma *t-shirt* ou uns calções. Trabalhou a contagem e a cor.

Inferências / Fundamentação teórica:

O conteúdo abordado pela colega na área de Conhecimento do Mundo ajuda as crianças a desenvolverem um conhecimento mais vasto sobre o vestuário, onde se usa determinadas peças, e quando se devem usar. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997) afirmam que “se a observação do tempo faz parte de muitos contextos da educação pré-escolar, os conhecimentos de meteorologia (vento, chuva, etc.) são aspectos que interessam às crianças e que podem ter um tratamento mais aprofundado.” (p.81/82)

Por isso, refiro a importância da minha colega ter abordado o tema, de acordo com estados de tempo.

O domínio da Matemática foi trabalhado com o auxílio de materiais criados pela colega. Nas atividades que desenvolveu com os mesmos, as crianças estiveram muito

agitadas, principalmente uma das crianças. A minha colega ficou desesperada, não soube controlar a turma, impondo disciplina.

Brazelton e Sparrow (2006) declaram que:

disciplina significa ensinar. Não é o mesmo que castigo e não deve ser confundida com ele. A disciplina está direccionada para um objectivo importante- autodisciplina. Controlar a criança é importante, mas não é o suficiente: o objectivo é ensiná-la a controlar-se a si própria. Estabelecer limites ao nível do comportamento, aprender a controlar desejos e impulsos, é uma tarefa para toda a vida. (p.58)

A minha colega poderia ter tentado momentos de silêncio, ou simplesmente chamar as crianças que estavam a fazer mais barulho, para ao pé dela.

Dia 16 de dezembro de 2010

Este dia foi o da festa de natal. Um dia muito emotivo e entusiasmante. As atuações do Pré-Escolar decorreram da parte da manhã, e as do 1.º Ciclo da parte da tarde.

Esta festa contou com a presença de familiares e amigos, que puderam assistir à atuação.

Inferências / Fundamentação teórica:

A família, neste dia, é convidada para vir à escola, é necessário valorizar a importância da integração dos pais na educação dos seus educandos, principalmente nas suas presenças na escola. Marques (1988) diz que “quando as famílias participam na vida das escolas, quando os pais acompanham e ajudam o trabalho dos filhos, estes têm melhores resultados do que colegas com idêntico background, mas cujos pais se mantêm afastados da escola.” (p.56)

Foi muito gratificante ver o entusiasmo das crianças, assim como o dos pais e familiares.

Dia 17 de dezembro de 2010

As Educadoras, neste dia, estiveram a mudar a sala, e pediram a minha ajuda e da minha colega para construirmos e recortarmos alguns materiais, para a mesma. Enquanto nós estivemos a decorar e a arrumar as salas, as crianças estavam a brincar.

Inferências / Fundamentação teórica:

Como referido anteriormente, enquanto nós ajudávamos as Educadoras na mudança da sala, as crianças brincavam livremente. Cordeiro (2007) declara que é:

através da brincadeira espontânea ou do jogo mais estruturado, só ou com outros meninos que aprenderá a utilizar uma linguagem e comunicação cada vez mais simbólica, organizadas e amplas. É o brincar que também lhe facilitará a aquisição de conhecimentos, o equilíbrio de tensões e a catarse de emoções e sentimentos difíceis. (p.329)

Brincar é uma necessidade básica de todas as crianças, que lhes permite desenvolver habilidades de uma forma natural.

Dia 3 de janeiro de 2011

Como este era o primeiro dia depois das férias de natal, decidi começar a minha manhã de aulas com um pequeno diálogo sobre as férias e sobre o natal. Aproveitando assim para lhes dizer que o livro *Uma prenda de Natal* que lhes ia contar tinha sido uma prenda do Pai Natal.

De seguida passei para a área de Conhecimento do Mundo, onde trabalhei os diferentes tipos de habitação dos animais.

Para finalizar a manhã passei para o domínio da Matemática, onde estive a trabalhar com um material feito por mim, idêntico aos Blocos Lógicos. Para consolidação dos conteúdos distribuí uma proposta de trabalho.

Inferências / Fundamentação teórica:

Antes de iniciar a leitura da história expus as imagens no armário, à medida que ia lendo as crianças tinham de as organizar. Deus (1997) declara que “a imagem só tem verdadeiro alcance quando é a ilustração dum texto. Então sim, a sua utilização é muito importante e ajudará à compreensão do discurso escrito.” (p.15)

A capacidade da escrita geralmente, nas crianças mais pequenas, limita-se apenas ao nome. No entanto, os livros têm um papel fundamental no desenvolvimento da palavra escrita.

Brazelton e Sparrow (2006) declaram que :

uma criança de três anos também descobre o poder da palavra escrita, especialmente, quando foi exposta a livros (...) sabe que eles têm história para contar, que essas histórias têm um princípio e, se ela souber ouvir e esperar, um fim. (p.50)

A área de Conhecimento do Mundo foi iniciada com o visionamento de um filme, que mostrava alguns animais no seu tipo de habitação. Posteriormente apresentei-lhes um livro que criei, que apenas tinha os tipos de habitação, e as crianças tinham de colocar os animais respetivos. Na figura 13 pode-se observar o livro dos tipos de habitação.



Figura 13 – Livro dos tipos de habitação

Escolhi dar este tema às crianças porque elas falam muito sobre os animais mas nem sempre são abordadas as suas habitações. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME, (1997) a área de Conhecimento do Mundo deve abordar:

conteúdos relativos à biologia, conhecimento dos órgãos do corpo, dos animais, do seu habitat e costumes, de plantas, etc., e ainda experiências da física e da química (luz, ar, água, etc.) que podem ser realizadas por crianças de idade pré-escolar. (p.81)

Com o material que criei idêntico aos Blocos Lógicos trabalhei três dos seus atributos, o único que não trabalhei foi a textura, pois neste material a textura era igual. Caldeira (2009) afirma que “os Blocos Lógicos são um “material lógico” estruturado (...) que tem quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura.” (p.365)

Embora, não tenha trabalhado as quatro qualidades, segundo a Educadora as crianças ficaram esclarecidas quanto às diferenças existentes entre as peças.

Dia 4 de janeiro de 2011

Assim que eu e a minha colega entrámos na sala, a Educadora pediu-nos para irmos procurar material escolar.

Quando regressámos, as crianças estavam a realizar uma proposta de trabalho de grafismos. Ajudámo-las a terminar e depois levámo-las para o intervalo, onde eu e a minha colega realizámos o jogo das cadeiras.

Depois a Educadora foi com eles à casa de banho e mandou-os novamente para jogarem connosco até à hora do almoço.

Fomos para o almoço, onde estivemos a ajudar algumas crianças.

Inferências / Fundamentação teórica:

A proposta de trabalho que a Educadora distribuiu para as crianças realizarem, pretendia trabalhar os grafismos. Os grafismos ajudam a desenvolver o traço que, posteriormente, as crianças utilizarão na escrita de palavras. Kramer e Leite (2007) mencionam que “leituras dos gestos, dos rabiscos, dos desenhos, dos grafismos que, sendo compartilhadas na linguagem, na dialogia, criam zonas de desenvolvimento proximal, ampliando a possibilidade da emergência das escritas.” (p.64)

Na figura 14 apresento um exemplar de uma proposta de trabalho, de uma criança.

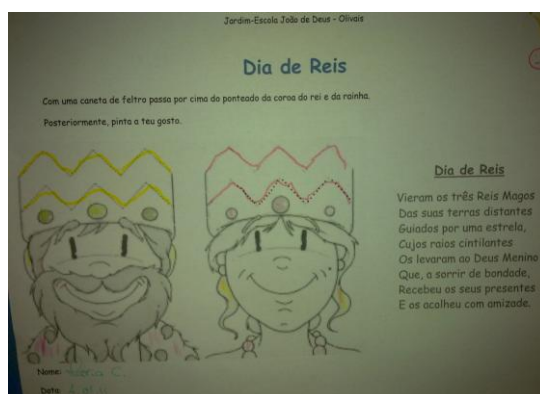


Figura 14 – Proposta de trabalho sobre os grafismos

Dia 7 de janeiro de 2011

As crianças, neste dia, não ficaram na roda, foram logo para a sala equiparem-se para irem para a ginástica.

Enquanto a Educadora foi levá-las ao ginásio, eu fiquei na sala a recortar materiais para a mesma. Quando terminaram, foram para a aula de cerâmica, divididas em dois grupos.

Regressaram da cerâmica e foram ao intervalo, mas eu fiquei na sala a recortar materiais. Depois foram para o almoço.

Inferências / Fundamentação teórica:

Nesta manhã estive a ajudar a Educadora, logo não me foi possível observar as atividades das crianças. Mas quando estas regressaram da cerâmica, tive de ir ajudar na casa de banho, pois estavam com as mãos todas sujas, porque estiveram a trabalhar com barro. As Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) defendem que é necessário proporcionar atividades que permitam à criança explorar atividades tridimensionais:

à expressão plástica a duas dimensões acrescentam-se as possibilidades tridimensionais, como a modelagem. A modelagem pode utilizar materiais diversos (...) como o barro, de preferência, mas também a plasticina e a pasta de papel, passando eventualmente pela massa de cores. (p.63)

Seguidamente, a minha colega acompanhou as crianças no intervalo.

1.3 3.ª Secção – Bibe Encarnado

1.3.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Encarnado é composta por 29 crianças, sendo 18 do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Todas as crianças têm 4 anos de idade até 31 de dezembro de 2010.

Este grupo de crianças está integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

A turma possui bastantes conhecimentos para a faixa etária em questão e em relação ao perfil comportamental são crianças alegres e aceitam regras propostas.

1.3.2 Caracterização do espaço

O Bibe Encarnado, onde fiquei a estagiar, partilha o salão com o outro Bibe Encarnado. No meio dos espaços destinados aos dois bibes encontra-se uma área ampla, onde as crianças do Pré-Escolar se reúnem de manhã para cantarem.

O salão é um local de passagem para as outras salas do Pré-Escolar e ainda para o refeitório, por isso algumas vezes acaba por existir barulho.

Por vezes, passam algumas crianças, não só para se dirigirem às casas-de-banho mas, também, para irem buscar materiais, pois no salão também se encontram armários com os materiais manipulativos de Matemática, que são usados não só pelos alunos do Pré-Escolar, mas, também, pelos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A área destinada à turma em que fiquei a estagiar é a que fica junto da sala dos Bibes Amarelos e ao pé do refeitório. Está dividida do restante salão por biombos, com exposição de trabalhos, e por armários para arrumarem materiais.

Dentro dessa área existem quatro mesas com a forma octogonal, onde as crianças trabalham e uma mesa para a Educadora.

1.3.3 Rotinas diárias

As rotinas diárias do Bibe Encarnado são semelhantes às referidas anteriormente.

Iniciam o dia na roda a cantar, depois às 9h30m vão à casa de banho, para de novo regressarem ao salão, onde terão as suas aulas.

Às 10h30m vão ao intervalo, regressam para a sala às 11h, onde ficam a trabalhar até às 12h.

Às 12h vão para o almoço.

Ao contrário do Bibe Amarelo, as crianças do Bibe Encarnado, depois do almoço, não fazem a sesta, vão para o recreio brincar livremente até às 14h30.

De seguida, apresento o horário do Bibe Encarnado facultado pela Educadora, para que seja possível observar de uma forma mais descrita todas as atividades praticadas pelos mesmos.

Quadro 4 – Horário do Bibe Encarnado

Bibe Encarnado					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h00 9h30	Canções de roda / Acolhimento				
9h30 10h00	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
10h00 10h30	Descobrir o que sabe	Formação Cívica	Grafismos	Formação Cívica	Recreio
10h30 11h00	Recreio			Ginástica	
11h00 11h30	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo	Partilha de Saberes	Conhecimento do Mundo
11h30 12h00	Jogos de Roda/ Preparação para o Almoço				
12h00 - 12h30					

1.3.4 Relatos diários

Dia 10 de janeiro de 2011

No primeiro dia de estágio do Bibe Encarnado, eu e a minha colega dirigimo-nos ao salão onde se encontravam as crianças na roda a cantar.

Após terminado o acolhimento no salão, dirigimo-nos ao espaço destinado para o Bibe Encarnado. A Educadora espalhou pelo chão almofadas dispondo a turma em círculo. Depois de distribuídas as crianças, dialogou com as mesmas sobre o que tinham feito no fim-de-semana.

Posteriormente, a Educadora foi buscar dois arcos e Blocos Lógicos. Explicou o conjunto singular e o vazio, trabalhou sequências de formas e de cores. Finalizou o domínio da Matemática com o jogo “Quem tem, quem tem?”.

Quando regressámos do intervalo fomos para a biblioteca, a Educadora fez a leitura de um livro *As aventuras no circo*, que foi trazido por uma criança.

Inferências / Fundamentação teórica:

O diálogo da Educadora com as crianças, logo pela manhã, sobre o que fizeram no fim-de-semana, torna-se um meio muito importante para o desenvolvimento da linguagem das crianças. Para Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) “é através da interacção comunicativa que as crianças adquirem a língua da comunidade a que pertencem.” (p.27)

As crianças necessitam de oportunidades para conversar e manifestar as suas vivências. Cordeiro (2007) diz que as crianças “aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração e tranquilidade. Desenvolve-se ainda, o sentido do respeito pelos outros e valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação.” (p.371)

O adulto, neste caso o educador, deve criar um espaço e um tempo, para ouvir e falar com a criança. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME, (1997) declaram que:

A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p.66)

O jogo realizado “Quem tem, quem tem?” permitiu às crianças adquirirem conhecimento das diferentes características das peças. De acordo com Dienes e Golding (s.d., citados em Caldeira, 2009):

chamaram a estes jogos «conceituais», pois permitem ao professor trabalhar, juntamente com as crianças, as cores, as formas, a constatação de que existem peças grandes e pequenas, e que algumas são grossas e outras finas, explorando gradualmente os atributos das peças. (p.369)

As crianças puderam assim observar de uma forma lúdica, todas as características das peças.

Dia 11 de janeiro de 2011

Neste dia acompanhámos o Pré-Escolar numa ida ao teatro Tivoli. Assistimos à peça *Bzzz a união faz a força*.

Depois regressámos à escola, para as crianças almoçarem.

Inferências / Fundamentação teórica:

As visitas de estudo são uma mais-valia para as crianças, não só pelo facto de lhes permitir sair um pouco da rotina, mas também porque lhes permite adquirir novos conhecimentos em contacto com a realidade.

Monteiro (1995) refere que “a visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos dado o carater motivador que constitui a saída do espaço escolar.” (p.188)

As pessoas, por vezes, associam as visitas de estudo a um passeio. A mesma autora diz que as visitas de estudo são mais do que um passeio, são “uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade.” (p.188)

A ida ao teatro é muito importante, pois o teatro é lúdico e estimula o indivíduo no seu desenvolvimento psicológico. Reverbel (1989, citado por Arcoverde, 2008) afirma que “o teatro tem a função de divertir instruindo; é uma verdade que ninguém pode contestar, pois seria negar-lhe a própria história.” (p.602)

As crianças ficaram maravilhadas com toda a magia, cor e movimento, que a peça lhes transmitiu. Na figura 15 apresento uma imagem da peça de teatro.



Figura 15 – Peça de teatro *Bzzz a união faz a força*

Dia 14 de janeiro de 2011

Iniciámos o dia na roda com as crianças, depois eu e a minha colega levámo-las à casa de banho. Seguidamente dirigimo-nos ao espaço do outro Bibe Encarnado, para assistirmos a uma aula surpresa de uma colega estagiária, sobre estimulação à leitura.

Depois regressámos ao nosso Bibe, onde me foi solicitada, também, uma aula de estimulação à leitura.

Fomos para a Reunião, depois de todas as aulas terminarem.

Inferências / Fundamentação teórica:

A aula de estimulação à leitura dada pela colega do outro Bibe Encarnado foi bem-sucedida.

O livro que lhe deram foi *O espelho mágico*, ao longo da sua leitura realizou inflexões de voz e cantou músicas referentes a personagens e objetos da história. Mas ainda assim acho que devia ter incentivado mais a participação das crianças. Um dos aspetos menos positivos foi o facto de não ter abordado o objeto principal da história, que era um espelho, assim como refere o próprio título do livro.

Após o término da aula da minha colega foi a minha vez, a orientadora solicitou-me que contasse o conto tradicional “Os três porquinhos”.

O livro cedido pela Educadora tinha imagens muito pequenas e um texto muito extenso. Sendo assim, inicialmente, limitei-me a usar o livro, mas quando me apercebi do sucedido, pousei-o e, visto ser uma história já conhecida das crianças, apelei ao conhecimento das mesmas.

Enquanto continuava a contar a história, ia criando suspense e dava-lhes ideias erradas, como por exemplo: “A casa que se segue será que também foi feita de palha ou era outro material? Eu acho que também é de palha. Concordam comigo?”

Lobrot (1992) diz que ler um livro é “mais do que operar uma descodificação de palavras e de frases, é participar nas representações do autor do texto lido e mergulhar em representações equivalentes, etc.” (p.122)

Para terminar a aula de uma forma lúdica levantei todas as crianças e solicitei-lhes que fizéssemos uma roda de mãos dadas. Pedi que imaginassem que estávamos à volta de uma fogueira e cantámos a música “ Quem tem medo do lobo mau?”.

Na reunião concordaram com tudo o que referi, anteriormente, elogiando-me pela minha atitude, quando exclui o livro, e pelo meu dinamismo no final.

Dia 17 de janeiro de 2011

Neste dia não estivemos em estágio, estivemos presentes na reunião de Prática Pedagógica, na ESE.

Nesta reunião foi-nos dado o *feedback* do estágio efetuado no Bibe Amarelo, bem como a sua classificação.

Inferências / Fundamentação teórica:

As reuniões de Prática Pedagógica são importantes, porque obtemos um *feedback* do nosso estágio, mas também porque temos a oportunidade de partilhar experiências e conhecimentos, com os nossos colegas estagiários.

Qualquer dúvida que nos possa surgir, também pode ser esclarecida e partilhada, de modo a melhorarmos as nossas capacidades.

As reuniões tornam-se assim, mais um momento de reflexão. Alarcão (1996) defende que “a reflexão sobre a prática emerge como uma estratégia possível para aquisição do saber profissional. Esta abordagem permite uma integração entre a teoria e a prática e desafia a reconsideração dos saberes científicos com vista à apresentação pedagógica.” (p.154)

Dia 18 de janeiro de 2011

O Autor António Torrado, neste dia, esteve presente no Jardim-Escola, para contar duas breves histórias e autografar os livros às crianças. Sendo assim, depois da rotina habitual: roda e casa de banho, dirigimo-nos ao ginásio.

Quando terminou a sua sessão de autógrafos, fomos para a sala ajudar as crianças a preparem-se para irem para a ginástica.

Depois da ginástica e do intervalo fomos para a biblioteca com a Educadora, que levou uma caixa com vários minerais para mostrar às crianças.

Fomos com as crianças à casa de banho e depois para o almoço.

Inferências / Fundamentação teórica:

Um dos momentos mais importantes deste dia foi a presença do autor António Torrado, as crianças ficaram maravilhadas com a sua simplicidade e carinho, enquanto contava as suas histórias.

Na figura 16 pode-se observar o escritor António Torrado com as crianças.



Figura 16 – *Escritor António Torrado*

O momento na biblioteca com as crianças foi muito entusiasmante.

A Educadora pediu às crianças para entrarem no mundo faz-de-conta. Ao dizer esta expressão, entendi que era costume realizá-la. O discurso da Educadora foi: “desta vez serão mineiros, assim como os sete anões da Branca de neve, todos preparados? Então primeiro vamos vestir os fatos, depois colocar o capacete e por fim pegar nas ferramentas. E assim começa a nossa exploração às minas.”

Cordeiro (2007) afirma que:

o faz-de-conta, tal como a oposição, a sorte e o azar e a vertigem, são as quatro componentes de qualquer actividade humana. Do jogo à política. A capacidade de fantasiar, imaginar situações, progredir devagar preparando a realidade e tantas outras coisas mias, fazem com que os amigos imaginários tenham um papel fundamental. Não é obrigatório tê-los, mas não faz mal nenhum tê-los. (p.201)

De uma forma lúdica a Educadora transmitiu às crianças o conhecimento sobre os minerais, dando algumas das suas características.

Dia 21 de janeiro de 2011

Para iniciar a manhã a Educadora pediu às crianças para se sentarem nas mesas e distribuí-lhes pela primeira vez o 4.º Dom de Fröebel. Realizou a construção do banco e das cadeiras e, ao mesmo tempo, trabalhou o cálculo mental.

Depois do intervalo, dispôs as cadeiras em forma de U, sentou as crianças e contou-lhes uma história “O coelhinho Branco” expondo as imagens.

Terminada a história fomos para o almoço.

Inferências / Fundamentação teórica:

O discurso realizado pela Educadora na apresentação do 4.º Dom de Fröebel, às crianças, foi bastante conciso e objetivo. A mesma disse-lhes que este material é parecido com o 3.º Dom de Fröebel, só que este tem também oito sólidos geométricos, mas diferentes, aos quais chamamos de paralelepípedos.

Caldeira (2009) menciona que podemos questionar as crianças quanto às diferenças que encontram, relativamente ao 3.º Dom de Fröebel:

o 4.º Dom, é constituído por 1 caixa de madeira com a forma de um cubo que contém 8 paralelepípedos. (...) Seguidamente questionamos as crianças quanto às diferenças que encontram nas peças, em relação aos cubos apresentados no 3.º Dom. (p.260)

Na figura 17 pode-se observar as crianças a trabalharem com o 4.º Dom de Fröebel.



Figura 17 – Crianças a trabalharem com o 4.º Dom de Fröebel

Dia 24 de janeiro de 2011

Neste dia não acompanhámos as crianças do Bibe Encarnado. Depois da roda e da casa de banho, dirigimo-nos ao Bibe Azul, para assistirmos a uma aula programada de uma colega estagiária.

Posteriormente fomos para o outro Bibe Encarnado assistir a uma aula surpresa.

Fomos para a reunião com as colegas e Professores da Prática Pedagógica para dialogarmos e refletir sobre as aulas que foram dadas hoje.

Inferências / Fundamentação teórica:

Quando cheguei à sala do Bibe Azul, a colega já tinha iniciado a sua aula, com a leitura de um livro. Como conteúdo de Conhecimento do Mundo deu a constituição da

planta, e no domínio da Matemática realizou situações problemáticas com o 3.º e 4.º Dons de Fröebel.

No entanto, a colega não conseguiu abordar tudo o que tinha planeado, por ter feito uma má gestão de tempo. Demorou imenso tempo na distribuição dos materiais e nas passagens, de uma área para a outra. Penso que quando passou da área do Conhecimento do Mundo, para o domínio da Matemática, podia ter pedido a algumas crianças para distribuírem os dons pelos colegas, enquanto ela arrumava alguns materiais.

A aula surpresa que foi solicitada à colega do Bibe Encarnado foi, com o 3.º Dom de Fröebel, realizar situações problemáticas. A mesma realizou três construções e aplicou situações problemáticas de modo a trabalhar o cálculo mental. Numa das situações problemáticas, uma das crianças sentiu dificuldade em realizar o cálculo mental, mas a minha colega conseguiu ajudá-la com o auxílio de palhinhas. Repetiu de novo a situação problemática, de modo a que a criança representasse com as palhinhas, passo a passo, e chegasse ao resultado pretendido.

Caldeira (2009) refere que “as palhinhas funcionam como suporte à contagem.” (p.317), assim a colega fez bem quando as foi buscar para ajudar a criança.

Dia 25 de janeiro de 2011

A Educadora iniciou esta manhã trabalhando com as crianças o material Cuisenaire. Trabalhou a associação de peça - valor/cor, realizou a escada crescente e o jogo dos comboios.

De seguida as crianças foram para a ginástica, e posteriormente para o intervalo.

Quando regressaram a Educadora sentou-os em U e contou-lhes uma história trazida por uma criança. Depois os dois Bibes Encarnados juntaram-se e ficaram a cantar até à hora do almoço.

Inferências / Fundamentação teórica:

Na primeira parte da manhã a Educadora esteve a trabalhar com o material Cuisenaire. Recordou com as crianças a relação cor e valor das peças, até à preta (7 unidades). Depois realizou a escada crescente e por fim fez o jogo dos comboios.

Antes de iniciar o jogo dos comboios esteve a rever as regras do mesmo com as crianças.

Caldeira (2009) menciona as regras deste jogo dizendo que:

não pode haver comboios maiores que a estação; não pode haver comboios menores que a estação; não pode haver comboios repetidos (iguais); quando não se conseguir fazer mais comboios para a estação pretendida, fecha-se a estação com uma peça igual. (p.137)

As crianças entenderam facilmente as regras e, executaram este jogo sem qualquer problema.

Dia 28 de janeiro de 2011

Neste dia a minha colega teve uma aula surpresa de Matemática. Foi-lhe pedido que ensinasse uma construção nova com o 4.º Dom de Fröebel.

Depois da aula da minha colega, a Educadora sentou as crianças em almofadas e leu-lhes o livro *O ovo e a galinha*, aproveitando para introduzir a classe das aves.

Seguidamente, fomos para a reunião com as Professoras da Prática Pedagógica e com as colegas.

Inferências / Fundamentação teórica:

Relativamente à aula da minha colega, esta iniciou-a pedindo a uma criança para lhe dizer como se chamava o material.

Seguidamente perguntou-lhes se sabiam fazer a construção do banco, aproveitando assim para fazer a revisão da mesma. A construção que escolheu para ensinar, de novo, foi a da ponte.

Enquanto realizava as construções trabalhou o cálculo mental, enquadrando todos os passos numa história criada com o auxílio das crianças.

A meu ver a colega cometeu quatro aspetos menos positivos, que posteriormente na reunião também foram abordados.

Primeiramente, refiro o facto de, ao longo da sua aula, não fazer perguntas dirigidas; depois, não ajudou uma criança no desenvolvimento do cálculo mental, deixou que os colegas lhe dessem a resposta; na construção da ponte os pilares foram colocados primeiro que o tabuleiro, por isso a ponte ficou torta; e por fim, na minha opinião o aspeto mais negativo, prende-se com o facto de a colega ter dito que o paralelepípedo tinha lados e não faces.

Augusto e Gaspar (1999) na temática sobre os prismas reforçam e mencionam as faces “um prisma é um poliedro, do qual duas faces são polígonos iguais e paralelos.” (p.176)

Embora, sejam crianças muito pequenas e os conceitos sejam diversos é importante que estes sejam transmitidos corretamente

Dia 31 de janeiro de 2011

Inicialmente a Educadora sentou as crianças em almofadas, e dialogou com eles sobre o fim-de-semana. Depois pediu-lhes para se sentarem nas mesas, onde estiveram a trabalhar com o Tangram.

Após o intervalo, fomos para a biblioteca, onde a Educadora esteve a rever os animais selvagens e os domésticos e, por fim, falou da classe das aves, caracterizando-a.

Inferências / Fundamentação teórica:

A Educadora para introduzir o material Tangram começou por contar uma lenda do mesmo, de forma a explicar às crianças como é que este material surgiu. Depois pediu-lhes para construírem o quadrado inteiro e, para finalizar, ensinou-lhes a construção do gato. Moreira e Oliveira (2003) indicam que:

os puzzles, como o tangram, ou peças coloridas em plástico constituem bons recursos para desenvolver ideias geométricas. (...) quando brincam com essas peças, elas movem-nas dando origem a diversos arranjos, o que pode constituir uma fonte para desenvolver a orientação e a visualização espacial. (p.93)

Na figura 18 é possível observar algumas das construções possíveis com o Tangram incluindo, a do gato.

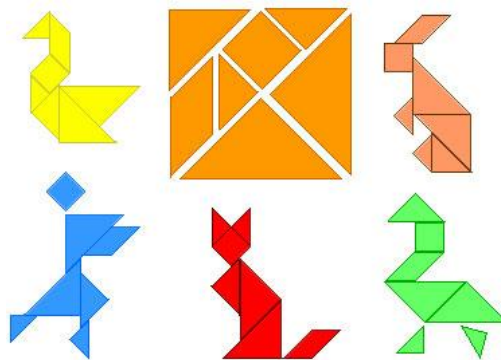


Figura 18 – Construções com o Tangram

Dia 1 de fevereiro de 2011

Logo pela manhã a Educadora do Bibe Encarnado solicitou a nossa ajuda para arrumarmos os trabalhos das crianças nas capas.

Seguidamente, quando terminámos de arrumar as capas pediu para plastificarmos uns cartões, aproveitando para trabalhar o 4º Dom de Fröebel com as crianças. Recordou a construção do cadeirão, da ponte e ensinou a da cadeira e mesas. Ao longo da explicação, aproveitou para realizar exercícios de cálculo mental.

Ajudámos as crianças a vestirem-se para irem para a ginástica.

Após o intervalo fomos para a biblioteca, onde a Educadora levou uma maleta sobre os sentimentos. Começou por distribuir uma imagem por cada criança e, no chão, colocou quatro caixas, cada uma com um sentimento (feliz, triste, zangado e medo). As crianças tiveram de falar sobre a sua imagem e depois tinham de dizer a que caixa correspondia.

Inferências / Fundamentação teórica:

O tema sentimentos deve ser abordado desde muito cedo com as crianças, pois estes podem dar origem a determinados comportamentos. Papalia, Olds e Feldman (2001) afirmam que:

os sentimentos subjectivos agradáveis ou desagradáveis, como a tristeza, a alegria e o medo motivam o comportamento. Os indivíduos diferem na frequência com que sentem uma emoção particular, nos tipos de experiências que esta produz e como agem em seu resultado. (p.234)

Desta forma, como já mencionado, é fundamental abordar este tema com as crianças. A relação da criança com os outros pode ajudá-la a compreender, a ultrapassar e mudar sentimentos, uma vez que eles, na sua grande maioria, surgem das interações com os outros. Na figura 19, é possível observar a maleta utilizada pela Educadora para abordar o tema dos sentimentos.



Figura 19 – Maleta dos sentimentos

Dia 4 de fevereiro de 2011

Neste dia a Educadora começou pela área de Conhecimento do Mundo. Foi buscar uma enciclopédia, intitulada *Enciclopédia dos animais*, sentou as crianças em roda no chão, e seguidamente distribuiu por cada uma um algarismo móvel.

Realizou uma atividade que consistia em dizer um número. A criança que tivesse esse número teria de ir procurar, na enciclopédia, a página correspondente, sendo que depois a Educadora lia a mesma.

Como os alunos do Bibe Azul se ausentaram, a Educadora aproveitou para ir para a sala dos mesmos e trabalhar com os Calculadores Multibásicos. Através de uma pequena história, explicou às crianças as cores das peças e os respectivos furos. Disse que as placas eram ruas e em cada rua havia 5 casas (furos), em cada casa vivia uma família que usava chapéus da mesma cor. A primeira casa era a família de chapéus amarelos, a segunda de chapéus verdes, a terceira de chapéus encarnados e a quarta de chapéus azuis.

Metade das crianças saíram para a cerâmica, as outras permaneceram na sala, realizando exercícios de memorização.

Logo após o intervalo regressámos à sala. Sendo que só estava metade da turma, a Educadora dividiu-os por duas mesas e pediu-nos para orientarmos um jogo de memória.

Quando regressaram as restantes crianças, a Educadora sentou todos no chão e, com uma tartaruga verdadeira, explicou as suas características. As crianças puderam observar e tocar. Para finalizar realizou o jogo “A tartaruga”.

Inferências / Fundamentação teórica:

A história que a Educadora contou ajudou as crianças a memorizarem os lugares das peças dos Calculadores Multibásicos. Caldeira (2009) refere que “deve ser ensinado ao aluno que a cada furo corresponde uma cor de peças, o que significa uma ordem numérica.” (p.189)

Para as crianças é muito importante observar tudo o que as rodeia e mais importante é o facto de puderem tocar, o toque tem um papel fundamental na vida destas. A Educadora, ao permitir que as crianças observassem e tocassem na tartaruga desenvolveu um interesse maior. Neto (2004) afirma “é por meio do tocar que verificamos e confirmamos a realidade. O tato atesta a existência de uma realidade objetiva, no sentido de que é alguma coisa fora, que não eu mesma.”

Essas experiências vivenciadas aguçam a capacidade de atenção da criança, ajuda também a tomarem consciência da realidade e, dessa forma, a completar uma imagem que já tinham formado sobre a matéria, animal em questão.

Dia 7 de fevereiro de 2011

A colega neste dia deu a sua primeira manhã de aulas, no Bibe Encarnado. Começou por ler um livro, e como falava de animais, pedia às crianças canções sobre os mesmos.

Após a leitura pediu às crianças para se sentarem nas cadeiras, passando para a área de Conhecimento do Mundo, onde teve como conteúdos os animais e o meio por onde se deslocam. Abordou os animais que se deslocam em meio terrestre e aéreo, os que só se deslocam por meio terrestre e, por fim, os que se deslocam só por meio aquático.

Quando regressaram do intervalo, distribuiu o 4.º Dom de Fröebel e peixes pequenos.

Inferências / Fundamentação teórica:

A minha colega, antes de iniciar a leitura do livro *Quem é o meu tesouro*, relembrou as diferentes partes constituintes do mesmo. Lopes (2006) diz que “é muito importante referir expressamente o nome do livro, o autor e eventualmente a editora. Deve de igual modo deixar-se claro para as crianças o que é a “capa”, a “contracapa” e que elementos contêm.” (p.68)

Na área de Conhecimento do Mundo os materiais utilizados pela minha colega eram muito apelativos, o que fez com que as crianças estivessem bastante interessadas. Enquanto falavam de alguns animais, a colega enganou-se e disse às crianças que a borboleta não tinha pernas só tinha asas. Penso que a colega deveria ter refletido um pouco mais, quando as crianças a questionaram, visto que uma das características comuns a todos os insetos é que têm 3 pares de pernas.

No domínio da Matemática, novamente como na aula surpresa, a colega fez a construção da ponte mal.

Dia 8 de fevereiro de 2011

Após o momento da roda, as crianças foram dispostas no chão em forma de U.

Assisti a duas aulas dadas por outras colegas estagiárias. A primeira, falou sobre os mamíferos dando destaque ao golfinho, levou uma caixa que continha diversos peluches (mamíferos) e fotografias do golfinho. A outra estagiária falou sobre a coruja, abordou as suas características, através da leitura de um livro.

Ajudámos as crianças a vestirem-se para irem para a ginástica.

Quando regressaram a Educadora distribuiu trabalhos que eles tinham em atraso, para terminarem.

Inferências / Fundamentação teórica:

As aulas das estagiárias foram muito expositivas. A primeira estagiária levou diversos peluches e nunca pediu a colaboração das crianças para dizerem que animais eram, nem para os caracterizarem. Foi ela que definiu tudo, deu todas as características dos animais que levou, bem como as do golfinho.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME, (1997) afirmam que:

admitir que a criança desempenha um papel activo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objecto do processo educativo. Neste sentido, acentua-se a importância da educação pré-escolar partir do que as crianças sabem, da sua cultura e saberes próprios. (p.19)

A segunda estagiária também não pediu a colaboração das crianças, definiu todas as características da coruja através de um livro, que não tinha imagens perceptíveis. Sentiu-se a falta, não só, de imagens mais perceptíveis, assim como de uma imagem que mostrasse como é que são as corujas na realidade, pois o livro só era ilustrado de várias corujas, mas todas eram desenhos.

Onofre (1995) diz que:

relativamente à forma como é comunicada a informação, sugere-se que o professor privilegie a modalidade visual utilizando para o efeito as demonstrações, desenhos, imagens já dominadas pelos alunos, cartazes ou outras formas. A utilização da forma visual é seguramente mais eficaz do que o tradicional hábito de informação verbal. Estimou-se que o grau de retenção daquele tipo de informação era superior ao que corresponde à informação verbal. Este facto justifica-se porque a informação visual é simultaneamente mais concreta e sincrética que a informação auditiva (mais abstracta e analítica). (p.78)

É importante que a criança possa observar e que, através de imagens, possa valorizar e compreender, de uma forma mais suscetível, a realidade.

Um desenho pode retratar a realidade mas, numa fase de desenvolvimento do conhecimento, é necessário a exposição à mesma, e não a sua supressão.

Dia 11 de fevereiro de 2011

Neste dia dei a minha primeira manhã. Comecei por expor diversas imagens para as crianças observarem, e à medida que ia lendo a história *A borboleta*, as crianças tinham de organizar as imagens.

Levei as crianças para a biblioteca, para abordar o conteúdo de Conhecimento do Mundo, que foi os insetos – a borboleta.

Primeiramente expliquei as fases da borboleta, que já tinham sido abordadas no livro, depois apresentei-lhes diversas borboletas e as suas características distintas e para que pudessem perceber melhor, visionaram um filme que revia tudo o que foi abordado anteriormente.

Depois do intervalo, trabalhei com o material Cuisenaire.

Inferências / Fundamentação teórica:

Esta manhã correu bastante bem, primeiramente pela adesão e interesse sobre os conteúdos por parte das crianças e, depois, pelo desafio que a Educadora me colocou no domínio da Matemática.

No domínio da Matemática, eu apenas tinha como conteúdo os sinais de maior, menor e igual, mas como as crianças entenderam muito bem este conteúdo, a Educadora pediu-me se eu podia introduzir a peça castanha (oito unidades), visto que as crianças só sabiam ainda até à preta (sete unidades).

Apesar de inicialmente estar um pouco receosa com o pedido da Educadora, pois ela fê-lo enquanto eu lecionava, e anteriormente eu não tinha planeado abordar este aspeto, correu bastante bem. Gostei muito do desafio pedido pela Educadora.

A minha aula foi iniciada com uma história, porque esta explicava e introduzia o conteúdo que foi abordado posteriormente, na área de Conhecimento do Mundo.

O conteúdo escolhido foram os insetos, particularizando a borboleta.

Depois de ter lido a história e de fazer uma breve interpretação da mesma, com as crianças, passei então para a área de Conhecimento do Mundo.

Esta área foi dada na biblioteca; então pedi às crianças para formarem um comboio e de seguida levei-as para lá.

Primeiro expliquei as suas fases através de um cartaz, como pode ser observado na figura 20.

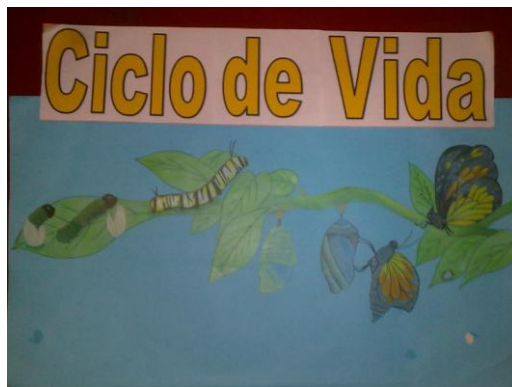


Figura 20 – Cartaz ciclo de vida da borboleta

Depois visionaram um filme criado por mim, para melhor percepção e com o intuito de criar nas crianças um interesse maior por este conteúdo. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME, (1997):

A sensibilização às ciências parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais. Interrogar-se sobre a realidade, colocar problemas e procurar a sua solução constitui a base do método científico. (p.82)

O facto de ser um vídeo simples, mas com o essencial, possibilitou às crianças perceberem todas as fases da borboleta.

Dia 14 de fevereiro de 2011

Nesta segunda manhã de aulas no Bibe Encarnado, a colega decidiu começar com o material Cuisenaire.

Passou depois para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, lendo um livro *A flor e a borboleta*.

Depois do intervalo, levou-os para a biblioteca apresentando, em *Powerpoint*, o que se pode obter através das plantas.

Finalizou a sua manhã levando as crianças para o ginásio, onde realizou uma atividade, que consistia em separar o que era obtido através das plantas e o que não era.

Inferências / Fundamentação teórica:

A minha colega iniciou a sua manhã trabalhando com o material Cuisenaire. Recordou com as crianças os valores das peças, mas nunca referiu o termo unidades, pediu para representarem uma escada por ordem crescente, onde realizou exercícios de cálculo mental e, por fim, fez o jogo dos comboios, no qual disse às crianças que não podiam repetir carruagens e depois aceitou que o fizessem.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita apresentou um pequeno livro, de modo a introduzir o conteúdo de Conhecimento do Mundo: o que se pode obter através das plantas.

Este conteúdo foi apresentado num *Powerpoint* muito bem organizado, com imagens muito perceptíveis, incluindo algumas com animação. Mena, Marcos e Mena (1996, citada por Silveira-Botelho, 2009) afirmam que “as novas tecnologias são meios electrónicos que criam, armazenam, recuperam e transmitem a informação de forma rápida e em grande quantidade e fazem-no combinando diferentes tipos de códigos” (p.114)

Para finalizar a sua manhã realizou uma atividade que achei bastante importante, pois serviu de consolidação, para o conteúdo abordado anteriormente.

Dia 18 de fevereiro de 2011

Neste dia dei a minha última manhã de aulas no Bibe Encarnado. Iniciei-a com Matemática, distribuindo o 4.º Dom de Fröebel, com o qual realizei duas construções: cadeiras e escada dupla, sendo que a última era nova para as crianças.

Depois passei para a área de Conhecimento do Mundo, onde escolhi como tema a constituição da planta. De seguida, li a história do livro *A maior flor do mundo* de José Saramago e, por fim, realizei um jogo no ginásio *De onde vem o som?*.

Inferências / Fundamentação teórica:

A Educadora elogiou bastante a minha manhã de atividades. Gostou dos materiais, das explicações dos conteúdos, da relação que estabeleci com as crianças, mas principalmente da ligação que estabeleci entre as áreas.

Logo pela manhã trabalhei com o 4.º Dom de Fröebel, realizando situações problemáticas, de modo a trabalhar o cálculo mental, envolvendo a contagem de plantas.

De seguida, pedi às crianças para se sentarem em forma de U, viradas para um placar, onde lhes mostrei e expliquei as partes constituintes de uma planta e as suas

funções. Enquanto explicava cada parte da planta, ia construindo no placar, até a mesma ficar completa. Foi uma tarefa interessante para as crianças, porque estas estavam com muita atenção, porque depois de uma parte, queriam saber qual vinha a seguir.

Depois do intervalo dirigimo-nos para a biblioteca, onde apresentei às crianças o livro *A maior flor do mundo* de José Saramago, tendo aproveitado para dialogar com elas sobre os cuidados a ter com as plantas.

Para terminar a manhã levei as crianças para o ginásio, onde realizámos o jogo *De onde vem o som?*.

Nas figuras 21, 22 e 23 podem ser observadas algumas das atividades realizadas ao longo da manhã.

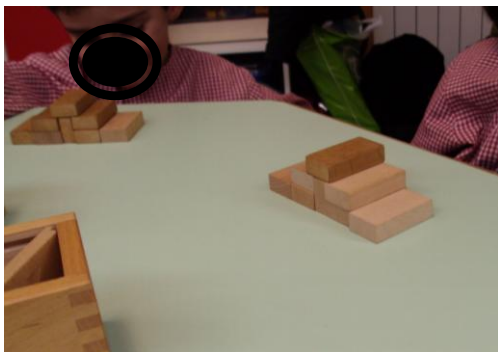


Figura 21 – Construção da escada dupla



Figura 22 – Placar da constituição da planta



Figura 23 – Crianças a jogarem *De onde vem o som?*

1.4 4.^a Secção – Estágio Intensivo

Dia 28 de fevereiro a dia 4 de março de 2011

Esta semana foi de estágio intensivo, e eu e a minha colega escolhemos continuar a acompanhar a turma do Bibe Encarnado, no mesmo JE.

Contrariamente aos outros dias de estágio, em que acompanhava as crianças apenas das 9h00 às 13h00, durante o estágio intensivo acompanhámo-las das 9h00 às 17h00.

Ao longo desta semana assistimos a diversas atividades por parte da Educadora no que diz respeito às três áreas fundamentais.

Tivemos ainda a oportunidade de ficar uma manhã inteira com as crianças, visto que a Educadora não pode estar presente por motivos pessoais, e ainda a possibilidade de assistir a uma aula programada.

No último dia de estágio festejou-se o carnaval. As crianças neste dia estavam muito entusiasmadas, pois puderam levar uma roupa diferente da habitual. Elas brincaram muito e desfilaram muito contentes. Na figura 24 pode-se observar as crianças a celebrar o carnaval.



Figura 24 – Crianças no dia de carnaval

Inferências / Fundamentação teórica:

Desta semana de estágio intensivo destaco a oportunidade de, juntamente com a minha colega, termos ficado uma manhã sozinhas com a turma.

A Educadora do outro Bibe Encarnado solicitou que trabalhássemos com as crianças o 4.º Dom de Fröebel e realizássemos a construção do muro do jardim, para eles era uma construção nova. Correu muito bem, eu e a minha colega dissemos que tínhamos ido passear para um jardim, revemos as construções: banco e cadeiras e depois, finalizámos, ensinando o muro. À medida que íamos realizando as construções pedíamos às crianças para colaborarem e dizerem o que estavam a ver naquele jardim, assim trabalhámos o cálculo mental, de uma forma lúdica. Cury (2006) afirma que “um fascinante professor de Matemática, Química ou Línguas é alguém capaz de conduzir os seus alunos numa viagem sem sair do lugar.” (p.66)

A aula programada a que fomos assistir teve início com a leitura da história, do livro *A raposa e a uva*, depois a explicação de todo o processo desde o origem da uva até se tornar vinho, e na área da Matemática a exploração do 3.º e 4.º Dons de Fröebel.

Relativamente, à aula da nossa colega, no que diz respeito à leitura da história, achei que foi muito rápida e que deveria ter pedido a participação das crianças. A aula de Conhecimento do Mundo foi interessante, mas houve dois aspetos menos positivos. A colega mencionou que a videira era uma árvore e as imagens do processo eram pequenas, tornando-se confusa a sua observação.

Para terminar, com o 3.º e 4.º Dons de Fröebel, realizou a construção da mobília da sala e da ponte baixa. Como demorou bastante tempo a distribuir o material acabou por fazer situações problemáticas simples.

1.5 5.ª Secção – 1.º ano

1.5.1 Caracterização da turma

A turma do 1.º ano é composta por vinte e nove crianças, doze do sexo feminino e dezassete do sexo masculino. As crianças têm entre os seis e os sete anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.5.2 Caracterização do espaço

Esta sala, apesar de ser de uma turma pertencente à valência do 1.º Ciclo, ainda se situa no edifício do salão, juntamente com o Pré-Escolar.

É uma sala muito grande com dois quadros de giz, alguns armários para arrumações de materiais e *dossiers*, e dois quadros de cortiça para a Professora expor os trabalhos, como podem ser observados na figura 25.



Figura 25 – Quadros de exposição de trabalhos do 1.º ano

As crianças estão distribuídas por quatro filas de mesas viradas para os quadros, normalmente sentam-se duas a duas, a mesa da Professora encontra-se num dos cantos da sala encostada a um quadro.

1.5.3 Rotinas diárias

Todos os dias, até às 9h00, as crianças do 1.º Ciclo reúnem-se no ginásio à espera dos seus professores. À medida que começam a chegar, levam as crianças para as suas salas.

Os alunos do 1.º ano antes de irem para a sala, de forma autónoma dirigem-se à casa de banho.

Às 11h00 vão ao recreio que termina às 11h30. Depois regressam para a sala até às 13h00, para irem para o almoço.

O quadro seguinte, quadro 5 mostra o horário da turma do 1.º ano, onde se podem observar como são distribuídas as atividades ao longo da semana.

Quadro 5 – Horário da turma do 1.º ano

1.º ano					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h00 10h00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h00 11h00	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática
11h00 – 11h30 Recreio					
11h30 12h00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h00 12h50	Matemática	Estudo do Meio	Educação Física	Língua Portuguesa	Matemática
13h00 – 14h30 Almoço e Recreio					
14h30 15h20	Inglês	Matemática	Exp. Plástica (14h30 – 15h45)	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15h20 16h10	Estudo acompanhado	Computadores	Área de projeto	Música	Formação Cívica
16h10 17h00	Estudo do Meio	Jogos de Matemática	Estudo do Meio	Biblioteca	Assembleia de turma
Saída					

1.5.4 Relatos diários

Dia 14 de março de 2011

No primeiro dia de estágio, na sala do 1.º ano, a Professora, logo de manhã, solicitou a nossa ajuda para auxiliarmos as crianças nas leituras diárias.

Após as leituras a Professora dirigiu-se ao quadro e passou exercícios gramaticais, para as crianças realizarem.

Depois do intervalo, a Professora distribuiu Calculadores Multibásicos, realizando o jogo das bases e fazendo decomposição de números.

Inferências / Fundamentação teórica:

A Professora inicialmente explicou-nos que as crianças todos os dias levam um texto para treinarem a sua leitura em casa e que, no dia seguinte, realizam a sua leitura com a ajuda dela. Santos (2000) menciona que “a capacidade de ler põe, assim, à disposição da pessoa a possibilidade de compreender melhor o mundo que a rodeia, bem como de dar resposta a solicitações de natureza social, técnica e profissional” (p.22)

Ler é cada vez mais um instrumento necessário para o desenvolvimento e vivência social, por isso refiro a importância das crianças trabalharem a sua leitura, todos os dias.

Dia 15 de março de 2011

Iniciámos o dia ajudando as crianças nas leituras, depois a Professora distribuiu um texto e pediu para realizarem a cópia. Após o término da mesma, efetuou um ditado mágico, depois a leitura do texto e, por fim, realizou a interpretação e exploração gramatical do mesmo.

Depois do intervalo dirigimo-nos para o ginásio, onde assistimos à apresentação da autora Maria Carolina Pereira Rosa. A autora falou um pouco sobre a sua vida, leu textos da sua autoria e mostrou alguns trabalhos de Expressão Plástica.

Regressámos à sala, as crianças foram terminar trabalhos.

Inferências / Fundamentação teórica:

Hoje em dia a presença de escritores em escolas é cada vez mais comum. O contacto físico/visual com os mesmos pode contribuir para um gosto maior pela leitura.

De acordo com as Orientações para Actividades de Leitura do 1.º Ciclo, ME:

os encontros de alunos com os autores, que são já uma prática muito frequente em escolas e bibliotecas, podem ter um efeito muito positivo na aquisição ou consolidação do gosto pela leitura. No entanto, para se conseguir esse feito é indispensável que todos os alunos participantes tenham lido pelo menos uma obra do autor ou convidar, tenham apreciado o que leram e desejem um contacto pessoal, porque a leitura lhes suscitou curiosidade. (p.53)

A autora Maria Rosa não se limitou à apresentação dos seus livros, também mostrou às crianças projetos de Expressão Plástica, exemplificando alguns para elas, como se pode observar na figura 26.



Figura 26 – Autora Maria Rosa

Dia 18 de março de 2011

Logo de manhã começámos por ajudar as crianças na leitura dos livros, seguidamente fomos ajudá-las na realização de trabalhos de Língua Portuguesa.

Depois do intervalo, a Professora solicitou a minha ajuda e da minha colega para recortarmos materiais.

Inferências / Fundamentação teórica:

Enquanto realizava as leituras diárias com as crianças, foi-me possível observar que muitas delas não tinham treinado a leitura em casa. Santos (2000) afirma que:

a aquisição de interesses e de hábitos de leitura consistentes é um processo contínuo, que se inicia em casa e que deve ser reforçado na escola. Tais interesses e hábitos de leitura têm, durante o período de escolaridade, uma oportunidade única para o seu implemento e desenvolvimento, pelo que se apresentam com uma extrema importância as atitudes e a acção da escola face ao livro e à leitura. (p.79)

O papel da escola é fundamental, mas se as crianças tiverem o hábito de treinar a leitura, primeiramente em casa, tornar-se-á mais fácil.

Dia 21 de março de 2011

Neste dia estivemos presentes no museu da ESE, para assistirmos à Reunião da Prática Pedagógica.

Inferência:

Nesta reunião tomámos conhecimento de algumas alterações que foram e seriam feitas a nível das avaliações e distribuições de estágio. Foi-nos dada também a avaliação do momento anterior, o último realizado na valência Pré-Escolar.

Novamente tivemos a oportunidade de ouvir as apreciações feitas relativamente ao estágio e aulas dos nossos colegas, com o intuito de contribuir para uma melhoria nas nossas práticas.

Dia 22 de março de 2011

Após as leituras diárias das crianças, a diretora do JE dirigiu-se à nossa sala, para assistir a uma aula dada pela Professora titular.

A aula foi dada com o material Cuisenaire e os conteúdos abordados foram diversos.

Seguiu-se o intervalo. Quando regressámos, a Professora colocou as crianças a realizarem trabalhos, de modo a poder reunir-se comigo e com as minhas colegas, para podermos marcar as nossas aulas.

Inferências / Fundamentação teórica:

A aula dada pela Professora foi bastante interessante, porque pudemos assistir a uma quantidade de conteúdos que a mesma exemplificou, bem como as diferentes formas de como ela os trabalhou.

Foi-nos possível observar a revisão dos valores das peças, dos conceitos: dobro, triplo e quádruplo, da numeração e ainda a representação de frações.

Para terminar a sua aula distribuiu um texto em que as crianças tinham de completá-lo com peças do Cuisenaire.

As aulas supervisionadas pela diretora do Jardim-Escola são uma mais-valia para o sucesso da escola. Um professor segundo Pacheco e Flores (1999):

depois de passar por uma série de etapas sucessivas de intensa aprendizagem, confronta-se com situações que lhe continuam a proporcionar o aperfeiçoamento e o crescimento profissionais. O professor jamais deixa de aprender, já que o ensino é uma actividade que exige constante evolução e adaptação a novas situações. (p.56)

É muito importante acontecerem momentos como estes nas escolas, pois ajuda não só a melhorar o trabalho dos docentes, assim como da própria escola.

Dia 25 de março de 2011

Começámos por ajudar os meninos nas leituras. Depois de terminadas, a Professora distribuiu um Geoplano, por cada criança.

Enquanto a Professora esteve a trabalhar com o Geoplano, eu e a minha colega estivemos a recortar materiais.

Antes do intervalo, fomos ajudar algumas crianças com mais dificuldades a representar retas.

Depois do intervalo, a Professora distribuiu uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa, para as crianças realizarem.

Inferências / Fundamentação teórica:

Neste dia como estive a recortar materiais para a Professora, não me foi possível observar as práticas da mesma, com as crianças.

No entanto percebi que com o material Geoplano as crianças representaram diferentes figuras geométricas e exploraram as relações espaciais. Matos e Serrazina (1998, citados por Caldeira, 2009) referem que:

a formação dos conceitos pertence à essência da aprendizagem da Matemática e ela tem de ser fundamentalmente baseada na experiência. (...) a geometria no nível básico deve constituir uma experiência geométrica informal e o seu estudo deve estar relacionado com o mundo real. Por isso, os alunos devem ser estimulados a explorar as relações espaciais envolventes e procurar exemplos de relações geométricas no mundo físico. (p.410)

Como algumas crianças estavam com dificuldades, a professora pediu que as fôssemos ajudar.

Dia 28 de março de 2011

Após a leitura diária, as crianças realizaram uma prova de Língua Portuguesa.

Depois do intervalo, a Professora distribuiu Calculadoras Papy pelas crianças e realizou a representação de números até às centenas.

Inferências / Fundamentação teórica:

Enquanto as crianças estiveram a realizar a prova de Língua Portuguesa, eu e a minha colega estivemos a recortar algumas folhas para a Professora.

Depois do intervalo as crianças estiveram a trabalhar, com as Calculadoras Papy, a representação de números até às centenas. Caldeira (2009) menciona que as Calculadoras consistem “numa série de placas ou painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente do material Cuisenaire e representa um valor numérico.” (p.345)

A mesma autora refere ainda que para se representarem os números inteiros “as unidades colocam-se na primeira placa da direita, as dezenas na seguinte, as centenas na terceira e assim sucessivamente.” (p.346)

Neste dia as crianças trabalharam só até às centenas.

Dia 29 de março de 2011

Neste dia eu e a minha colega demos uma aula em conjunto.

O tema proposto para a nossa aula foi a constituição das plantas. Iniciámo-la, realizando a leitura do livro *A maior flor do mundo* de José Saramago, enquanto passava um vídeo.

Quando terminámos, demos a constituição da planta. Para concluir, realizámos a germinação do feijão com as crianças.

Seguiu-se o intervalo. Após o mesmo, a Professora pediu à nossa colega para realizar o ditado de um texto, aproveitando assim para ir falar connosco da nossa aula.

Inferências / Fundamentação teórica:

Nesta manhã de atividades, eu e a minha colega escolhemos dar os conteúdos: a constituição das plantas e a sua germinação. Além de apresentarmos a parte teórica de uma forma dinâmica, também nos foi possível realizar a prática.

Assim as crianças poderão perceber e visualizar todo o processo de desenvolvimento da planta.

Sá (2000) menciona que têm surgido várias investigações para se compreender as dificuldades na aprendizagem de conhecimentos científicos por parte dos alunos, dizendo que a isso pode associar-se:

uma influência teórica proveniente quer da psicologia cognitiva, quer da epistemologia racionalista. A primeira, ao evidenciar o papel construtor dos sujeitos de representações pessoais sobre o mundo natural, mesmo em contextos não formais, e ao afirmar a importância de ter esses conhecimentos prévios em linha de conta na aprendizagem formal. A segunda, ao propor uma perspectiva de construção do conhecimento científico que passa pela valorização das situações e erro, pela relevância dada ao quadro teórico, isto é, à ideia, e pelo reconhecimento da não linearidade da metodologia científica. (p.14/15)

Nas figuras seguintes pode-se observar o desenho da planta que usámos para explicar as diferentes partes constituintes da mesma (fig.27), e um dos copos onde as crianças colocaram um feijão (fig.28).



Figura 27 – *Eu e a minha colega*



Figura 28 – *Copo com feijão e proposta de trabalho*

Dia 1 de abril de 2011

Após a leitura com as crianças, a nossa colega iniciou a sua manhã de aulas. Começou por ler um texto “Um dia diferente”. De seguida, distribuiu pelas crianças um envelope com imagens e legendas, para trabalhar a banda desenhada.

A colega foi interrompida para dar uma aula surpresa de Cartilha, pedida por uma Professora do corpo docente da Prática Pedagógica.

Quando regressou da reunião, passou para a área de Matemática, onde tinha como conteúdo os ângulos.

Inferências / Fundamentação teórica:

A colega iniciou a sua aula lendo o texto “Um dia diferente”. Depois da sua leitura quis passar à explicação de um texto escrito em forma de banda desenhada, mas não sabia dizer às crianças que tipo de texto era o que tinha lido, foi preciso perguntar à Professora. Santos (2000) refere que para a compreensão de um texto é:

fundamental saber diferenciar os textos, quanto aos níveis de estruturação, o que acarreta, obviamente, a necessidade de preparação para os ler e compreender. Se essa preparação não existir, o leitor pode confrontar-se com problemas quer de leitor quer de compreensão. (p.38)

O material trazido pela colega era bastante apelativo. Como referido anteriormente, a manhã foi interrompida por uma Professora do corpo docente da Prática Pedagógica, que solicitou à minha colega uma aula de Língua Portuguesa, aplicando os conhecimentos da Cartilha Maternal.

A colega pediu às crianças para lerem a banda desenhada, depois escreveu três frases no quadro, onde trabalhou os conhecimentos da Cartilha Maternal. Na minha opinião foi uma aula com sequência, as questões colocadas às crianças foram bastante pertinentes. Quando terminou a aula, a colega foi para a reunião, mas eu fiquei na sala.

Depois do intervalo regressámos para a sala, onde a colega deu continuidade à sua manhã de atividades, com a área de Matemática, mas foi interrompida pela Professora, pois não estava a dar o conteúdo corretamente.

Dia 4 de abril de 2011

Depois da leitura com as crianças, uma Professora do corpo docente da Prática Pedagógica entrou na sala para assistir à minha aula programada.

Iniciei-a, lembrando as regras da sala de aula, e desafiando as crianças com uma estratégia de bom comportamento.

Seguidamente li-lhes uma história *A borboleta* e, através de um cartaz, expliquei-lhes as diferentes fases do ciclo da mesma.

Para melhor perceção, apresentei um filme, onde era possível observar as diferentes fases.

Finalizei esta aula com a área de Matemática, trabalhando com o material Cuisenaire, o conteúdo frações.

Inferências / Fundamentação teórica:

Visto ser uma aula com tempo reduzido escolhi ler uma história adaptada por mim, porque a mesma abordava os aspetos mais importantes relativamente ao ciclo de vida da borboleta, introduzindo assim o tema escolhido para a área de Estudo do Meio.

Antes de passar para a área de Estudo do Meio trabalhei os conceitos de frase e não frase, divisão silábica e plural e singular. Na figura 29 pode-se observar escrita no quadro uma frase e algumas das palavras trabalhadas.



Figura 29 – Aluno a trabalhar palavras na área de Língua Portuguesa

Na área de Estudo do Meio expliquei as diferentes fases da borboleta com a ajuda de um cartaz, como se pode observar na figura 30, e, para uma melhor perceção dos conteúdos, apresentei um filme às crianças, onde revia todas as fases e ainda as características das borboletas (Fig.31).



Figura 30 – Eu a explicar o Cartaz do Ciclo de vida da borboleta



Figura 31 – Crianças a verem o filme

Seguidamente passei para a área de Matemática dando, com o material Cuisenaire, as frações. Para que as crianças pudessem observar as peças do Cuisenaire, em casa, criei um material idêntico, mas com tamanho superior e apenas em duas dimensões, de modo a que elas representassem no quadro e os colegas

visualizassem melhor. Na figura 32 pode-se observar uma criança a colocar no quadro as peças que criei.



Figura 32 – Criança no quadro com material idêntico ao Cuisenaire

Dia 5 de abril de 2011

Neste dia a minha colega iniciou a sua manhã com a área de Língua Portuguesa lendo a história de um livro *A Doris é mesmo tímida*. Seguidamente, trabalhou o conteúdo tipos de frase, depois distribuiu uma proposta de trabalho para realizarem.

Posteriormente pediu às crianças para se sentarem no chão e, com um livro grande, abordou os répteis.

Depois do intervalo realizaram uma proposta de trabalho de Estudo do Meio.

Seguidamente passou para a área de Matemática, distribuindo Calculadores Multibásicos e trabalhando a leitura de números por ordens e classes.

Inferências / Fundamentação teórica:

Primeiramente a minha colega começou por realizar a leitura da história e, ao mesmo tempo, ia fazendo a sua interpretação oral. Seguidamente escreveu no quadro uma frase para trabalhar o conteúdo a que se propôs: os tipos de frase. Para o introduzir fez uma revisão dos sinais de pontuação. Pereira e Azevedo (2005) afirmam que, relativamente aos sinais de pontuação, “é necessário que os alunos tomem consciência da sua importância num texto (...) deverá ser dada a importância ao contexto de comunicação.” (p.45)

Quando terminou a análise das frases, mandou as crianças sentarem-se no chão em roda, para lhes mostrar um livro sobre os répteis. Relembrou as personagens da história (animais) e as classes dos mesmos, só depois falou dos répteis caracterizando-os.

O livro que criou era muito apelativo mas existiam letras que não eram legíveis.

Passou para a área de Matemática trabalhando, com os Calculadores Multibásicos, a leitura de números através de situações problemáticas inseridas num contexto quotidiano. Figueiredo (1998, citado por Silveira-Botelho, 2009) menciona que “uma parte significativa da nova forma de aprender não se encontra nos conteúdos, mas sim, a sua parcela mais significativa, nos contextos.” (p.95)

O grau de dificuldade colocado pela colega nas situações problemáticas deveria ter sido evolutivo, ou seja, a colega começou pelas situações com um grau de dificuldade mais elevado e só depois passou para as mais fáceis. Na figura seguinte pode-se observar uma das representações de uma das crianças.



Figura 33 – Crianças do 1.º ano a trabalharem com os *Calculadores Multibásicos*

Dia 8 de abril de 2011

Seguidamente à leitura diária com as crianças, a Professora solicitou a uma colega, que desse uma aula com o material Cuisenaire.

Depois do intervalo assistimos a uma aula dada pela Professora, com o 5.º Dom de Fröebel, a construção que realizou com as crianças foi a da casa.

No final da manhã distribuiu uma proposta de trabalho, pelas crianças, para realizarem.

Inferências / Fundamentação teórica:

A aula pedida pela Professora à colega correu bastante bem, ela estava muito segura enquanto questionava as crianças, assim como a postura que teve enquanto circulava pela sala. Realizou situações problemáticas, envolvendo o cálculo mental, trabalhou o dobro, o triplo, a metade, a dúzia, a dezena e ainda diferentes representações de quantidades com as peças do Cuisenaire.

Thornton e Wilson (1993, citados por Matos e Serrazina, 1996) declaram que:

uma característica de um bom material manipulável é a sua aplicabilidade na modelação de um grande leque de ideias matemáticas. Por exemplo, as barras Cuisenaire podem ser usadas para trabalhar os números, representar fracções, modelar as quatro operações aritméticas, etc. (p.198)

A Professora com o 5.º Dom de Fröebel começou por trabalhar as características de um cubo inteiro, depois passou para a explicação de um cubo dividido ao meio, em duas partes $\frac{1}{2}$ e depois de um cubo dividido em quatro partes $\frac{1}{4}$.

Depois de trabalhar alguns conceitos e o cálculo mental das crianças estive a realizar com elas a construção da casa.

Dia 11 de abril de 2011

A escola, nesta semana, encontrava-se em *Roullement*, a diretora do JE solicitou a colaboração de todos os estagiários, para realizarem atividades para as crianças.

Inferência:

Neste dia fiquei encarregue, com a minha colega de estágio, de uma atividade que criámos *O burro sem cauda*. Na figura 34 é possível observar o cartaz com o burro.



Figura 34 – Atividade: *O burro sem cauda*

Dia 12 de abril de 2011

Neste dia estive a acompanhar as crianças do Bibe Encarnado nas atividades a decorrer no JE.

Inferências / Fundamentação teórica:

Logo pela manhã, comecei por ajudar os meus colegas a preparar os materiais de todas as atividades; depois uma Educadora do Bibe Encarnado veio pedir-me para que ficasse com as crianças dos dois bibes que viessem à escola e as acompanhasse ao longo de toda a manhã.

Foi muito interessante ver o entusiasmo destas crianças enquanto estavam a jogar as diversas atividades, ao longo da manhã. Alsina (2004) declara que “as crianças jogam porque o jogo é um prazer em si mesmo, mas a sua maior importância radica no facto de que ela permite resolver problemas simbolicamente e mobiliza vários processos mentais.” (p.6)

Dia 15 de abril de 2011

Neste dia estive a acompanhar as crianças do Bibe Amarelo nas atividades a decorrer no JE.

Inferências:

Igualmente como no dia anterior, uma Educadora do Bibe Amarelo, veio pedir-me, para acompanhar as crianças nas atividades ao longo do dia.

Nas figuras 35 e 36 podem-se observar algumas das atividades, que decorreram ao longo da manhã de estágio.



Figura 35 – Crianças a jogarem
o Jogo do galo



Figura 36 – Crianças a jogarem O comilão

Dia 2 de maio de 2011

A minha colega deu neste dia a sua segunda manhã de aulas, iniciou-a com a área de Língua Portuguesa lendo o livro *O alfabeto trapalhão*, que apresentou em *Powerpoint*.

Seguidamente distribuiu um saco com letras, para que as crianças representassem as palavras que ela pedia.

Passou para a área de Estudo do Meio, onde teve como conteúdo os movimentos da Terra.

Depois do intervalo estive a trabalhar as horas, colocou no quadro um relógio, para que as crianças as pudessem representar. Para finalizar a manhã, distribuiu uma proposta de trabalho, de modo a trabalhar as mesmas.

Inferências / Fundamentação teórica:

A minha colega começou a sua manhã de atividades com a leitura de um livro, que, a meu ver, foi uma ótima escolha, pois as crianças encontram-se ainda numa fase inicial de aprendizagem da leitura e da escrita, e assim puderam, de uma forma lúdica, rever todas as letras do abecedário e ainda representar palavras corretamente.

O *Powerpoint* utilizado para abordar o conteúdo da área de Estudo do Meio estava muito atrativo. A colega explicou os movimentos da Terra corretamente, um a um, com ajuda de imagens. Mas esqueceu-se de uma informação bastante importante, não disse que os movimentos ocorrem em simultâneo.

Penso que além desta informação também poderia contextualizar melhor o Sistema Solar.

Quando se apresenta determinados conteúdos às crianças, é necessário que ao planificarmos possamos fazer uma maior pesquisa, de modo a darmos não só noções corretas, mas toda a informação possível. Pacheco e Flores (1999) dizem que “exige-se ao professor não só o conhecimento substantivo dos conteúdos que ensina, mas também o conhecimento sintático, ou seja, conceitos, noções fundamentais, regras e procedimentos de investigação.” (p.36) A colega ao contextualizar melhor o tema, iria ajudar as crianças a terem uma noção melhor, sobre o mesmo, visto que este tema é bastante abstrato.

Dia 3 de maio de 2011

Neste dia dei a minha primeira manhã de aulas no 1.º ano.

Comecei pela área de Língua Portuguesa, trabalhando o conteúdo família de palavras.

Depois passei para a área de Estudo do Meio onde, através da apresentação de um *Powerpoint*, expliquei a importância do sol e quais os cuidados a ter com o mesmo.

Finalizei a minha manhã trabalhando, com os Calculadores Multibásicos, a leitura de números, através de situações problemáticas.

Inferências / Fundamentação teórica:

Para dar início à minha aula, expus no quadro algumas imagens para as crianças realizarem a família de palavras das mesmas. Este exercício permitiu-me dar o conteúdo a que me propus, mas também a possibilidade de aumentar o léxico das crianças.

Lopes (2006) menciona que o gosto pela leitura e pela escrita deve ser trabalhado desde muito cedo “quanto mais e melhores palavras ouvirem nestas idades mais aptas estarão para aprender novas e mais exigentes palavras, frases e textos.” (p.65)

Na figura seguinte pode-se observar uma das crianças a completar a família de palavras da palavra “flor”.



Figura 37 – Criança no quadro comigo, a trabalhar a família de palavras

De seguida passei para a área de Estudo do Meio, onde primeiramente fiz a revisão do conteúdo dado anteriormente pela minha colega de estágio, e depois, é que iniciei o meu conteúdo.

Quando regressámos do intervalo, distribui pelas crianças uma proposta de trabalho de consolidação.

Na área de Matemática realizei situações problemáticas, trabalhando a leitura de números com os Calculadores Multibásicos.

Neste dia decidi colocar às crianças problemas que exigissem a manipulação total do material, com o fim de me darem a resposta final da situação problemática.

Kantowski (1977, citado por Matos e Serrazina, 1996) Afirma “um indivíduo está perante um problema quando encontra uma questão a que não pode dar resposta ou uma solução que não é capaz de resolver usando os conhecimentos imediatamente disponíveis.” (p.140)

Na figura seguinte, figura 38 pode ver-se uma imagem da minha aula de Matemática.

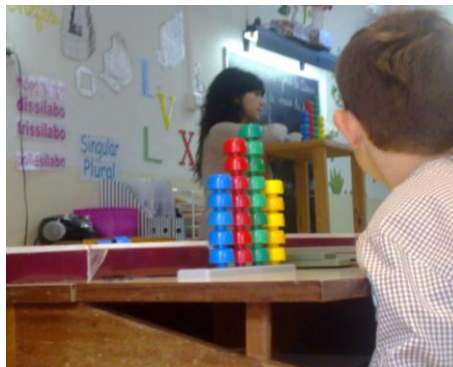


Figura 38 – Aula com o material Calculadores Multibásicos.

Dia 6 de maio de 2011

Inicialmente realizámos a leitura diária com as crianças, depois a Professora passou no quadro exercícios de Língua Portuguesa para fazerem.

Depois fomos ajudar a Professora a corrigir exercícios nos manuais.

A minha colega, depois do intervalo, permaneceu com as crianças no espaço exterior, eu e outra colega ficámos na sala, a arrumar materiais que a Professora pediu.

Inferências / Fundamentação teórica:

Este dia foi muito especial para mim.

Uma das crianças, segundo a Professora da sala, deixou de realizar a sua leitura diária com o acompanhamento de uma estagiária, porque teve uma má experiência com uma. Como esta criança ainda tem algumas dificuldades e é envergonhada, pediu à mãe para falar com a Professora, para que esta realizasse a leitura diária só com ela.

Ao longo do estágio, fui-me aproximando desta criança, ajudando-a noutras atividades e, neste dia, pedi à Professora se podia tentar convencer esta criança a ler comigo.

Ela aceitou ler comigo e correu bastante bem, Cury (2006) afirma que “os bons professores falam com a voz, os professores fascinantes falam com os olhos. Os bons

professores são didáticos, os professores fascinantes vão além disso. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos.” (p.66)

A proximidade que estabeleci com esta criança foi fundamental para conseguir concretizar este objetivo. Lobrot (1992) menciona que devemos ajudar as crianças a perceberem a importância da leitura e da mensagem de um texto e não “abandonar os alunos, de os deixar sozinhos, o que só pode produzir reações de abandono e sentimentos de impotência. Pelo contrário, é preciso que o professor esteja ainda mais presente (...) é preciso saber decodifica-los, e depois, é preciso saber responder-lhes. Isso exige muita empatia, sensibilidade, inteligência e competência.” (p141)

Foi muito gratificante a criança ter ultrapassado esta dificuldade comigo.

Dia 9 de maio de 2011

Na primeira parte da manhã, após as leituras, as crianças estiveram a trabalhar a leitura de números, conteúdo dado por uma colega.

Depois do intervalo, a Professora realizou um ditado de palavras para avaliação, de modo a trabalhar palavras com a letra “s”.

Inferências:

A aula dada pela minha colega foi um pouco confusa, pois ela perdia-se no seu raciocínio, causando alguma confusão nas crianças. Por exemplo, pedia às crianças para representarem uma quantidade e depois não se lembrava qual a que tinha pedido. A troca do conceito de número e algarismo também foi constante.

Os materiais que a colega utilizou foram bastante apelativos. No quadro, colocou um comboio criado por ela, onde as crianças com algarismos móveis representavam as quantidades que a colega pedia.

Na figura 39 pode-se observar a colega num dos cantos da imagem a preparar o material.



Figura 39 – Colega a preparar material

Esta aula tinha tudo para correr bem, mas a colega estava muito nervosa, acabando por se atrapalhar.

Dia 10 de maio de 2011

Neste dia dei a minha segunda manhã de aulas, assim como na primeira, iniciei-a com a área de Língua Portuguesa.

Realizei a leitura da história tradicional *Os três Porquinhos*, depois fiz o levantamento de alguns vocábulos para trabalhar o conteúdo principal escolhido: classificação de palavras quanto à sílaba tónica.

Seguidamente, distribui pelas crianças um protocolo, para efetuarmos a experiência *Espuma Colorida*.

A minha manhã foi finalizada com a área de Matemática, onde estive a trabalhar o calendário e, consequentemente, meses, semanas e dias.

Inferências / Fundamentação teórica:

Para dar o conteúdo: classificação de palavras quanto à sílaba tónica, decidi começar com a leitura da história tradicional *Os três Porquinhos*, mostrando um *Powerpoint* que só tinha imagens.

A utilização desta história teve como objetivo retirar as personagens principais, os três porquinhos, atribuindo a cada um uma classificação.

As Orientações para Actividades de Leitura do 1.º Ciclo, ME declaram que “a maior parte das histórias tradicionais prima pela clareza e pela nitidez da estrutura narrativa bem como pela definição das personagens. Não existindo grandes obstáculos à compreensão, prestam-se à realização na aula de vários tipos de trabalhos.” (p.8)

Depois da história terminada, coloquei no quadro três baús, atribuindo um a cada porquinho, ao mais novo o baú das palavras agudas, ao do meio o das palavras graves e ao mais velho o das palavras esdrúxulas. Seguidamente, trabalhámos alguns vocábulos de modo a inseri-los no baú correto.

A criança deve ser submetida, sempre que possível, à realização de experiências, de acordo com Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2009) “é durante as observações que realiza nas acções que desenvolve, acompanhada ou autonomamente, que começa a formar as suas próprias ideias sobre os fenómenos que a rodeiam, sejam eles naturais ou induzidos.” (p.12). Neste dia escolhi assim realizar com as crianças uma experiência.

Para terminar a manhã de actividades passei para a área de Matemática.

Dia 13 de maio de 2011

No último dia de estágio no 1.º ano foi a manhã de aulas da minha colega.

Ela começou por colocar no quadro uma imagem grande e, em conjunto com as crianças, realizou uma composição coletiva, onde trabalhou o texto descritivo.

Passou para a área de Matemática, distribuindo o material Cuisenaire, onde estiveram a trabalhar a representação de números.

A sua manhã foi finalizada com uma experiência *Flutua ou não flutua*.

Inferências / Fundamentação teórica:

Inicialmente, a minha colega começou por distribuir pelas crianças uma folha de linhas, depois colocou na parede, ao pé dos quadros, uma imagem grande, para as crianças observarem.

A imagem escolhida pela colega era bastante alusiva e perceptível, contribuindo para um interesse maior por parte das crianças.

Depois da imagem estar exposta, começou a dialogar com as crianças sobre a mesma. Em conjunto, realizaram uma composição coletiva, sendo que as crianças ditavam as frases e a minha colega escrevia no quadro.

Pereira e Azevedo (2005) mencionam que:

é necessário que a criança possa observar o professor no acto de escrever com todas as dificuldades que este comporta. A criança poderá ditar ao adulto mensagens por ela formuladas, actuando o professor como seu secretário. Os alunos têm, assim, a possibilidade de planificar e textualizar em parte o texto sem necessidades de dominar a notação gráfica. (p.24)

Seguidamente, passou para a área de Matemática, trabalhando com o material Cuisenaire.

Gostei do facto da minha colega ter aproveitado os elementos da imagem, para que as crianças trabalhassem essas quantidades com as peças do Cuisenaire, representando-as. Além da representação de números, a colega também trabalhou o dobro, triplo e a metade.

A aula foi conseguida, a colega esteve muito dinâmica, mesmo não tendo percebido que uma criança nas mesas de trás estava a brincar com as peças, em vez de representar.

Para finalizar a sua manhã realizou uma experiência.

Os alunos segundo Mintzes, Wandersee e Novak (2000):

desenvolvem um conjunto de ideias bem definidas sobre os objectos e fenómenos científicos, mesmo antes de chegarem à porta da sala de aula (...) estas noções entram em conflito com as explicações científicas aceites e, o que é muito significativo, como servem uma função útil na vida quotidiana, tendem a resistir a esforços dos professores (...) infelizmente, as ideias dos estudantes interagem, por vezes, com o conhecimento apresentado nas aulas de ciência formal, o que cria um conjunto de diversos resultados de aprendizagem não intencionais. (p.81)

A possibilidade de as crianças observarem fenómenos através de experiências, torna o ensino mais produtivo e eficiente.

1.6 6.ª Secção – 2.º ano

1.6.1 Caracterização da turma

A turma do 2.º ano é composta por vinte e nove crianças, quinze do sexo feminino e catorze do sexo masculino. Todas as crianças têm sete anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica João de Deus e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Existe apenas uma criança com dificuldades na aprendizagem e uma com alguns problemas comportamentais e de postura.

1.6.2 Caracterização do espaço

Ao contrário da sala anterior, esta já se encontra no edifício oposto ao grupo do Pré-Escolar e é mais pequena.

Nesta sala existem dois armários para guardar materiais e os *dossiers* das crianças, devidamente identificados, e um quadro de giz, para o qual as crianças estão viradas. Estas encontram-se divididas por três filas, duas a duas.

A secretária da Professora fica do lado direito do quadro, para o qual as crianças estão voltadas.

1.6.3 Rotinas diárias

As rotinas diárias da turma do 2.º ano são semelhantes às descritas na secção anterior.

No quadro seguinte será possível visualizar o horário da turma.

Quadro 6 – Horário da turma do 2.º ano

2.º ano					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h00 10h00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa
10h00 11h00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h00 – 11h30 Recreio					
11h30 12h00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)
12h00 12h50	Matemática	Educação Física	Matemática	Língua Portuguesa	Estudo do Meio
13h00 – 14h30 Almoço e Recreio					
14h30 15h20	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Formação Cívica	Exp. Plástica (14h30 – 15h45)	Estudo acompanhado
15h20 16h10	Área de projeto	Inglês	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Arrumação de trabalhos
16h10 17h00	Computadores	Estudo do Meio	Biblioteca	Música	Assembleia de turma
Saída					

1.6.4 Relatos diários

Dia 16 de maio de 2011

Este foi o nosso primeiro dia na sala do 2.ºano.

Primeiramente começámos por nos apresentar às crianças, depois foram elas. De seguida a Professora esteve a dialogar com as crianças sobre o fim-de-semana.

Depois pediu-lhes para abrirem o livro de Língua Portuguesa e lerem o texto “A flor rosalina”. Realizaram a interpretação do texto, cópia e exercícios gramaticais.

Após o intervalo estiveram a realizar operações de subtração com empréstimo, fizeram a prova dos nove das mesmas.

Inferências / Fundamentação teórica:

Antes de iniciar as atividades diárias a Professora esteve a dialogar com as crianças sobre o fim-de-semana. Fonseca (2001) menciona que as interações entre professores e estudantes devem ser “centradas em reciprocidade emocional, em compartilhar experiências, em proporcionar segurança e conforto, em estabelecer limites razoáveis de conduta, em dar suporte às tentativas de resolução dos problemas que se deparam à criança e ao jovem.” (p.84)

Foi bastante interessante ouvir a troca de experiências entre a Professora e os seus alunos.

Dia 17 de maio de 2011

Neste dia logo de manhã assistimos a uma aula dada por duas colegas estagiárias, onde o conteúdo escolhido foi as classes dos animais.

Após a aula das mesmas, a Professora realizou um ditado e pediu para fazerem a classificação morfológica de algumas palavras, para avaliação.

Depois do intervalo continuaram a avaliação e, posteriormente, foram para a ginástica. Eu e a minha colega fomos assistir, elas estiveram a ensaiar o solo, para a apresentação no Sarau e andaram de patins.

Inferências / Fundamentação teórica:

As colegas, na atividade que lecionaram, caracterizaram as diferentes classes dos animais, abordando as suas características específicas desde a reprodução ao meio de locomoção.

Estas colegas ainda se encontravam no 2.º ano de licenciatura, por isso a Professora detetou e apontou alguns erros comuns, no início do ciclo de estudos.

Alguns erros que me foram possíveis observar foram por exemplo: o facto de elas falarem ao mesmo tempo; de afirmarem que os cães vadios são a mesma coisa que os cães selvagens e formularem mal algumas questões.

Num momento de formação os erros são comuns, por isso a prática é muito importante nesta fase. Pacheco e Flores (1999) afirmam que:

o conhecimento do professor provém significativamente da prática, que se aprende e treina, mas que não se ensina. Deste modo, a prática é decisiva na aquisição do conhecimento profissional do professor mesmo que se diga que é a menos codificada de todas as fontes. (p.38)

Embora, se possa cometer vários erros em fase inicial, cada vez se acentua mais a importância de praticar.

Dia 20 de maio de 2011

A Professora, na primeira meia hora, pediu às crianças para terminarem trabalhos em atraso. Depois esteve a trabalhar com o material Cuisenaire, fez uma breve revisão dos valores e cores das peças e depois trabalhou o perímetro.

Antes do intervalo, como a Professora teve de ir fazer umas fotocópias, pediu-me para realizar o ditado do texto “O castor Vitó”. Quando regressou, passou exercícios gramaticais no quadro, para as crianças resolverem.

Após o intervalo, enquanto estiveram a terminar os exercícios passados, eu e a minha colega estivemos a ajudar a Professora a recortar materiais.

Inferências / Fundamentação teórica:

Neste dia saliento a oportunidade dada pela Professora de assumir o seu papel na sala de aula, enquanto a mesma teve de se ausentar. Realizei assim, o ditado que me foi pedido.

Os ditados são um excelente exercício de escrita, que permitem às crianças aperfeiçoarem o vocabulário, na sua forma correta. Os Programas de Português do Ensino Básico, ME, (2009) mencionam que a escola “proporcionará ao aluno um conjunto de experiências de descobertas e utilização de materiais escritos e uma multiplicidade de situações de interação oral que lhe permitirão começar a compreender o funcionamento da língua e saber utilizá-la cada vez melhor.” (p.61)

É necessário diversificar as estratégias com as crianças, para que assim fiquem mais estimuladas para aprender.

Dia 23 de maio de 2011

Neste dia realizou-se na ESE a reunião de Prática Pedagógica, por isso não estivemos presentes no estágio.

Inferências / Fundamentação teórica:

Nesta reunião foi-nos dado o *feedback* do estágio efetuado no Bibe Amarelo, bem como a sua classificação.

Estas reuniões são importantes, porque podemos ouvir, não só as críticas que nos são feitas, por parte dos Educadores/Professores cooperantes, mas também uma opinião do corpo docente da Prática Pedagógica.

Galveias (2008) refere que o processo de supervisão deve desenvolver-se “nas melhores condições é necessário criar um clima favorável, uma atmosfera afectivo-relacional positiva, de entreajuda, recíproca, aberta, espontânea, autêntica, cordial, empática entre o supervisor e o professor em formação.” (p.13)

Dia 24 de maio de 2011

Neste dia, as crianças estiveram a realizar a prova de Língua Portuguesa. A mesma foi dividida em duas partes: a primeira realizaram logo de manhã e a segunda após o intervalo.

Depois da prova foram para a ginástica.

Inferências / Fundamentação teórica:

As crianças, na aula de ginástica, apresentam uma postura diferente da que têm em sala de aula. Gorgueira (2011) refere que “os alunos identificam a aula de EF como prática, onde sentem alguma liberdade, abstraindo-se um pouco das restantes aulas.” (p.33)

Neste dia estiveram a treinar para o Sarau que será apresentado no final do ano letivo para os pais.

Dia 27 de maio de 2011

Depois de estarem a terminar trabalhos, a Professora pediu para realizarem a cópia de um texto do manual e, enquanto as crianças a faziam passou no quadro, perguntas de interpretação e exercícios gramaticais, para depois resolverem.

Depois do intervalo, a Professora distribuiu uma folha com exercícios de Matemática, eu e a minha colega estivemos a ajudar algumas crianças.

Inferências / Fundamentação teórica:

Apesar da Professora adequar estratégias diferentes enquanto leciona os conteúdos, as rotinas das crianças, geralmente, são sempre as mesmas.

Pacheco e Flores (1999) referem que um professor:

não é um prático completamente autónomo. O que faz e o que decide depende de um quadro normativo. Os programas de ensino e os materiais curriculares que utiliza são determinados por outros actores curriculares. As condições em que trabalha também não foram por ele definidas. Assim, o comportamento que o professor adopta, quer na relação com os alunos, quer na relação com os demais actores, é fortemente hierarquizado. (p.35)

Normalmente começam a manhã com a área de Língua Portuguesa ou Matemática, realizando exercícios, depois do intervalo passam para a outra área que não iniciaram.

Dia 30 de maio de 2011

Depois de as crianças estarem a terminar trabalhos em atraso, apareceu na nossa sala uma Professora do corpo docente da Prática Pedagógica, que me solicitou uma aula com o material Cuisenaire. Dei como conteúdo os sinais: maior, menor e igual.

Após o término da minha aula, a Professora titular passou exercícios no quadro para as crianças realizarem. Eu e a minha colega dirigimo-nos à reunião, onde foi abordada a minha aula, assim como a de outros colegas estagiários.

Inferências / Fundamentação teórico:

Como referido anteriormente na minha aula trabalhei com o material Cuisenaire, o conteúdo foi escolhido por mim.

Com as peças do Cuisenaire pedia às crianças para representarem a quantidade que lhes solicitava, depois escrevíamos a mesma no quadro e, por fim, com as peças, representávamos os símbolos correspondentes.

Na reunião as Professoras afirmaram que gostaram muito da minha postura e dos exercícios que coloquei, mas alguns poderiam ter sido um pouco mais desafiantes.

Estas reuniões são bastante importantes, pois as Professoras revelam os aspetos essenciais das nossas aulas, de modo a melhorarmos futuramente. Loureiro (2000) menciona que se espera que “a formação inicial possa proporcionar aos futuros professores quer os conhecimentos gerais e específicos quer os princípios psicopedagógicos e científicos necessários para que desenvolvam posteriormente de forma adequada a sua actividade profissional.” (p.33)

Novamente, refiro a importância de existirem estas aulas, bem como a sua supervisão.

Dia 31 de maio de 2011

Nos primeiros trinta minutos as crianças estiveram a terminar trabalhos em atraso, depois realizaram uma prova de treino de Estudo do Meio.

Entretanto a diretora do JE foi-nos chamar para irmos assistir a uma aula surpresa de uma colega. Posteriormente à aula fomos para a reunião, já não regressámos à sala.

Inferências:

A aula que foi solicitada à nossa colega foi de Língua Portuguesa. A Professora deu-lhe um texto e pediu-lhe que fizesse a sua interpretação oral e explorasse o mesmo gramaticalmente.

A colega, no decorrer da aula, quando pediu a uma criança para ir ao quadro escrever uma palavra, não foi capaz de ajudá-la a escrever corretamente. A palavra consistia na troca da letra “n” pela letra “m”, penso que ela deveria ter usado os conhecimentos adquiridos na Cartilha Maternal.

Dia 3 de junho de 2011

As crianças neste dia realizaram a prova de Estudo do Meio.

Posteriormente, eu e as minhas colegas de estágio saímos da sala, para irmos assistir a aulas surpresa.

Primeiramente fomos para uma sala do 3.º ano, depois para uma do 1.º ano, em ambas as salas assistimos a uma aula com o material Cuisenaire.

Inferências / Fundamentação teórica:

A aula dada pela colega do 3.º ano foi bem conseguida. Ao longo da mesma, realizou diferentes exercícios, estimulando sempre as crianças, foi-lhe pedido que trabalhasse a leitura de números através da multiplicação. A colega apresentou uma postura calma e segura.

No 1.º ano a aula da colega foi interrompida a meio pela própria. Pediram-lhe que desse a multiplicação com o material Cuisenaire, mas ela começou a cometer bastantes erros. Então, como se apercebeu que a aula não estava a correr nada bem, olhou para as Professoras da Prática Pedagógica e Professora cooperante e disse-lhes que não continuaria a aula, porque as Professoras estavam com “má cara”.

A atitude da colega foi bastante incorreta, para com as Professoras. Pacheco e Flores (1999) mencionam que “um professor não nasce nem se vincula pela mística do sacerdócio ou pela ideia do artístico, daí que o seu percurso formativo inclua processos de aprendizagem contínua, de carácter formal e não formal.” (p.45)

Penso que a colega deveria ter a perceção de que tornar-se professor constitui um processo complexo, os mesmos autores citam Calderhead e Shorrock (1997) que declaram que:

aprender a ensinar pressupõe a aquisição de determinados conhecimentos e destrezas, mas constitui também uma questão de individualidade e expressão pessoal; é um processo subjectivamente focalizado, mas as acções dos professores estão condicionadas por um contexto institucional específico em relação ao qual se têm de adaptar. (p.45)

Durante as formações os erros são comuns, por isso acho que a atitude foi bastante exagerada, principalmente com as professoras, que se encontram lá apenas para nos ajudarem.

Dia 6 de junho de 2011

Nesta manhã dei a minha primeira aula.

Como conteúdo de Língua Portuguesa, trabalhei o texto descritivo, seguidamente passei para a área de Estudo do Meio, onde abordei o Cavalo-marinho, realizando uma atividade de consolidação no fim sobre o mesmo.

Esta manhã foi concluída com a área de Matemática, onde abrangiu os conteúdos: década, século e milénio.

Inferências / Fundamentação teórica:

Para trabalhar o conteúdo texto descritivo, comecei por mostrar uma imagem às crianças, para juntas a descrevermos.

Depois deixei-as escrever livremente um pequeno texto sobre a mesma, numa proposta de trabalho, que inicialmente tinha distribuído, aproveitando para irmos revendo as características dadas. Santos (2000) menciona que “cada género de texto (descritivo, narrativo, poético, etc) exige um tratamento específico, o que significa que é preciso assumir uma atitude de leitura que se ajuste ao tipo de texto que se está a ler.” (p.38)

A atividade realizada na área de Estudo do Meio serviu para ajudar as crianças na consolidação dos conteúdos dados anteriormente. Distribuí a turma por três grupos e coloquei quatro imagens no quadro; o objetivo desta atividade era cada grupo iniciar-se na primeira imagem e, se respondesse corretamente a três questões, alcançava a última.

A Professora, no final da aula, disse-me que nesta atividade deveria ter havido um grupo vencedor, mas eu discordei com a Professora, pois o meu objetivo era que respondessem todos corretamente, mesmo tendo que ajudar e alcançassem a quarta imagem.

A aula de Matemática para mim foi muito monótona, pois o conteúdo pedido pela Professora foi situações problemáticas que envolvessem os conceitos de década, século e milénio, então eu inicialmente apresentei-lhes um *Powerpoint* para revermos esses conceitos e depois distribuí uma proposta de trabalho com situações problemáticas.

Dia 7 de junho de 2011

Neste dia, a minha colega teve a sua aula programada. Uma Professora do corpo docente da Prática Pedagógica foi assistir.

Iniciou-a com Língua Portuguesa deu o futuro do indicativo, depois passou para Estudo do Meio, onde falou sobre a toupeira, finalizou-a, trabalhando com os Calculadores Multibásicos, a leitura de números.

Inferências:

A aula da minha colega, na minha opinião foi bem estruturada. Os exercícios propostos para a explicação dos conteúdos foram diversos e pertinentes.

Em Língua Portuguesa trabalhou verbos no futuro do indicativo. Este conteúdo foi dado através de um jogo em que as colegas retiravam vários papéis, sendo que um dava a informação de qual era o verbo que tinham de conjugar e outro a ação que tinham de fazer, enquanto o conjugavam (a bater palmas, a cantar, a pular).

O animal escolhido para a aula de Estudo do Meio foi a toupeira, as crianças gostaram bastante de aprender e aprofundar os conhecimentos sobre este animal.

A aula de Matemática teve um bom fio condutor, mas a colega nem sempre colocou as questões às crianças da forma mais correta.

Dia 14 de junho de 2011

A Professora começou por falar com as crianças sobre o fim-de-semana, depois passou no quadro exercícios gramaticais, para realizarem. Quando terminaram, propôs um desafio às crianças, que consistia em elaborar uma receita, como título “Receita para fazer um bom aluno”.

Fomos para o intervalo.

Quando regressámos, a Professora mandou duas crianças para o quadro e esteve a realizar um jogo *O rei do quadro*.

Foram para a ginástica.

Inferências / Fundamentação teórica:

As crianças mesmo estando já no 2.º ano de escolaridade, ainda sentem algumas dificuldades no domínio da ortografia. A possibilidade de realizarem textos é fundamental para que possam treinar.

A estratégia que a Professora escolheu foi muito interessante. Pereira e Azevedo (2005) mencionam que:

o não domínio cabal da ortografia não pode justificar que as crianças não escrevam textos, pois para que os alunos reflectam sobre o funcionamento da língua e sobre a comunicação que essa língua permite é preciso que leiam, produzam e reproduzam, não frases isoladas, mas textos. (p.45)

Para uma melhor aprendizagem é necessário estimular as crianças e, por isso, devem-se, sempre que possível, diversificar as estratégias.

Dia 17 de junho de 2011

A primeira manhã de aulas da minha colega de estágio foi iniciada com a área de Língua Portuguesa. Realizou a leitura de um texto “O cão Zarrão” e a *poluição*, fez a sua interpretação e análise gramatical, através de um jogo.

Seguidamente realizou uma experiência *Mais ou menos água*.

Depois do intervalo passou para a área de Matemática, onde tinha como conteúdo o volume.

Inferências / Fundamentação teórica:

Para dar início à sua aula, a colega distribuiu pelas crianças um texto. Através de um jogo feito, apresentado em *Powerpoint*, fez a sua interpretação e exploração gramatical. Ela trabalhou diversos conteúdos, tais como: antónimos e sinónimos; plural e singular; verbos, entre outros.

Um dos aspetos positivos nesta aula foi o facto de a colega relembrar os conhecimentos da Cartilha Maternal, embora nem sempre os tenha feito da melhor forma. Ela perguntou por exemplo “quando é que uma palavra é forte?”, e o que queria perguntar era “quando é que uma sílaba é forte?”.

De seguida a colega passou para a área de Estudo do Meio, onde realizou uma experiência. Começou por mostrar às crianças vários recipientes de formas diferentes que continham um líquido, o objetivo era as crianças colocarem os mesmos por ordem, ou seja, começando pelo que tinha mais líquido até ao que tinha menos líquido.

No final, ela pediu às crianças para medirem com um recipiente próprio a quantidade de líquido que tinha cada um.

Martins *et al.* (2009) mencionam que:

as actividades das crianças estão, desde muito cedo, recheadas de ciência (...) as aprendizagens (...) decorrem principalmente da acção, da manipulação que faz dos objectos que tem à sua disposição, sendo, por isso, do tipo causa/efeito. Isto é, através da sua interacção com os objectos, a criança aprende que “se fizer isto acontece aquilo” e, por tanto, “para acontecer aquilo tem de se fazer assim”. (p.12)

Esta aula terminou com a área de Matemática. A meu ver foi uma aula que não foi conseguida, pois a informação essencial que diferencia o volume, do perímetro e da área é o facto de este ser calculado com três dimensões, e a colega nunca referiu isso.

Dia 20 de junho de 2011

Neste dia dei a minha segunda manhã.

Iniciei-a com a área de Matemática, colocando no quadro dois relógios, para as crianças identificarem as horas e os minutos.

De seguida levei as crianças para o coreto, para executar uma experiência *O esparguete dançarino*.

Quando regressámos do intervalo, fomos todos para a sala para terminar o protocolo e chegarmos a uma conclusão, relativamente à experiência.

Para finalizar a minha manhã, realizei um poema fenda com as crianças, que já estava escrito no quadro, aproveitando o mesmo para dar as características de um poema.

Inferências / Fundamentação teórica:

O jogo realizado no quadro com os relógios foi muito estimulante para as crianças, pois, de uma forma dinâmica, representaram e observaram a marcação de diferentes horas.

Este jogo consistia em pedir a duas crianças que fossem ao quadro e o primeiro a representar a hora que era pedida por mim, ou por um colega, permanecia lá, acabando por ser atribuído no fim o nome “o rei do quadro”.

Seguidamente, pedi às crianças para realizarem um comboio, para depois nos dirigirmos ao coreto, onde foi realizada uma experiência. Antes de ser iniciada, distribui o protocolo pelas crianças, de modo a levantar as suas concepções alternativas.

Martins *et al.* (2007) afirmam que:

no que respeita à aprendizagem das Ciências dá-se especial relevo às concepções alternativas dos alunos sobre conceitos centrais e suas implicações para outras aprendizagens. Sistematizam-se características das concepções alternativas e possíveis origens. Exploram-se estratégias de identificação das ideias dos alunos e discutem-se propostas didácticas que possam tê-las em conta. (p.6)

Depois de realizar o poema fenda com as crianças, dei-lhes as características de um poema e, posteriormente, para que pudessem detetar essas características, li-lhes outro. De acordo com as Orientações para Actividades de Leitura do 1.º Ciclo, ME, “a poesia é um meio privilegiado para despertar o amor pela língua materna. A rima, o ritmo,

a sonoridade, permitem uma descoberta progressiva dos cambiantes, da riqueza, das potencialidades da linguagem.” (p.12)

Para as crianças, esta foi uma atividade nova, da qual estes gostaram bastante, pois todos aderiram com muito entusiasmo.

Dia 21 de junho de 2011

Logo pela manhã a Professora pediu às crianças para terminarem trabalhos de Matemática em atraso.

De seguida, assistimos a uma aula dada por um colega estagiário, o conteúdo escolhido foi a germinação do feijão.

Após o intervalo, a Professora passou no quadro exercícios gramaticais, as crianças passaram para uma folha e depois estiveram a realizá-los.

Inferências:

A aula dada pelo colega foi muito extensa, a informação que selecionou para a mesma estava em demasia, apesar de ser bastante pertinente.

O colega inicialmente começou por apresentar, em *Powerpoint*, os diferentes passos da germinação do feijão, tendo tido o cuidado de mostrar um feijoeiro com as suas vagens, contendo feijões, que podem ser consumidos frescos ou no estado seco. Depois passou à transmissão de algumas informações sobre as plantas, que a meu ver acabaram por ocupar muito tempo na sua aula. Só depois é que submeteu as crianças à atividade da germinação do feijão.

Dia 24 de junho de 2011

Neste dia a minha colega deu a sua manhã de aulas.

Como conteúdo de Matemática trabalhou a grandeza Capacidade, em Estudo do Meio realizou uma experiência – *Ovo flutuante*, e, em Língua Portuguesa trabalhou o discurso direto e indireto.

Inferências / Fundamentação teórica:

Para trabalhar o conteúdo matemático, a colega distribuiu pelas crianças uma proposta de trabalho, com situações problemáticas que trabalhavam a grandeza Capacidade.

No Programa de Matemática do Ensino Básico, ME declaram que:

amplia-se o conhecimento das grandezas em estudo e introduz-se as unidades de medida convencionais do Sistema Internacional de Unidades – SI. Os alunos devem realizar medições com essas unidades usando instrumentos de medida adequados e relacionando as várias unidades associadas a cada grandeza. (p.21)

Na área de Estudo do Meio realizou a experiência – *O ovo flutuante*. Martins *et al.* (2007) mencionam que:

ao nível do 1ºCEB, a relevância de alguns conceitos, como, por exemplo, os de dissolução e flutuação seja, acentuadamente, de carácter utilitário, não podem os professores deixarem de reconhecer a importância do seu valor intrínseco, pois esta perspectiva é parte integrante do carácter cultural da Ciência e, como tal, da própria Educação em Ciências para todos. (p.21)

A manhã da colega foi terminada com a área de Língua Portuguesa, onde recorreu a dois textos, um escrito no discurso direto, e outro escrito no discurso indireto. Pediu às crianças para visualizarem quais as diferenças entre eles, aproveitando assim para lhes explicar.

Dia 27 de junho de 2011

Logo pela manhã a Professora trabalhou com as crianças, com os Calculadores Multibásicos, a leitura de números e situações problemáticas. Antes de mandar arrumar solicitou que eu e a minha colega, uma de cada vez, realizássemos uma situação problemática, onde incluíssemos a adição.

Fomos para o intervalo, depois quando regressámos estiveram a fazer a cópia de um texto do manual e perguntas de interpretação passadas pela Professora. Para estas realizações a Professora colocou música ambiente, na sala.

Inferências / Fundamentação teórica:

A Professora, neste dia, depois de ter estado a trabalhar com as crianças com os Calculadores Multibásicos, solicitou que eu e minha colega realizássemos uma situação problemática envolvendo a adição. A minha colega apresentou uma e eu outra, mas na minha situação incluí ainda a prova dos nove.

Como referido anteriormente, as crianças quando regressaram do intervalo, estiveram a fazer uma cópia.

Pereira e Azevedo (2005) referem que:

a cópia pode ser um meio útil para ajudar as crianças a formar letras e palavras, mas o excesso de cópias pode reduzir a motivação e as oportunidades de aprender. Há que adoptar uma atitude equilibrada, encorajar as crianças a arriscar escrevendo e a copiar também. (p.26)

A Professora aproveitou o facto de as crianças estarem ocupadas a fazer a cópia do texto e, assim, conseguiu passar exercícios no quadro, sem que as crianças estivessem sempre a perguntar o que era para fazer.

Dia 28 de junho de 2011

Novamente como no dia anterior a Professora colocou na sala música ambiente, mas desta vez estiveram a realizar exercícios de Matemática, que foram passados no quadro.

Depois foram para o intervalo e, quando regressaram, estiveram a fazer passatempos: sopa de letras e desenhos cruzados.

Posteriormente dirigiram-se para a ginástica. Neste dia fizeram o último ensaio para o Sarau.

Inferências / Fundamentação teórica:

A manhã de aulas foi acompanhada por música clássica francesa, tal como tinha sido no dia anterior. Cury (2006) diz que “se houver música ambiente dentro da sala de aula, de preferência música suave, o conhecimento seco e lógico transmitido pelos professores (...) ganha uma dimensão emocional.” (p.121)

Este tipo de música, por ser calmo, ajuda a tranquilizar as crianças e a torná-las mais sossegadas, para uma melhor receção de informações.

O mesmo autor refere que:

os efeitos da música ambiente na sala de aula são extraordinários. Acalmam os mestres e animam os alunos. Os jovens gostam de músicas agitadas porque os seus pensamentos e emoções são agitados. Mas depois de ouvir durante seis meses música suave, a emoção deles é treinada e estabilizada. (p.122)

As crianças estiveram muito empenhadas nas suas tarefas, e a Professora pôde assim realizar e, organizar alguns trabalhos.

Dia 1 de julho de 2011

A escola neste dia já se encontrava em *Roullement*. As Professoras do 2.º ano decidiram juntar as duas turmas numa sala, onde as crianças estiveram a brincar livremente.

Inferências / Fundamentação teórica:

Ao longo de toda a manhã de estágio, as crianças estiveram dentro da sala a brincarem, uns com os outros. Brazelton e Sparrow (2006) declaram que “brincar é uma tarefa das crianças. Através das brincadeiras, as crianças crescem, aprendem e curam. Brincar pode ser uma forma poderosa de resolver os sentimentos que restam de uma experiência traumática.” (p.112)

Este dia, foi um dia, onde a partir das brincadeiras as crianças puderam interagir de forma diferente.

Dia 5 de julho de 2011

As crianças do 2.º ano neste dia estiveram novamente juntas numa das salas a brincar livremente.

Inferências / Fundamentação teórica:

Foi-me possível observar que as crianças levaram alguns objetos pessoais para brincarem com os seus colegas, a presença de videojogos foi bastante notória. Quase todas as crianças tinham uma PlayStation Portable. Martins *et al.* (2009) declaram que:

a sociedade actual é eminente científica e tecnológica, e as crianças desde cedo contactam, de forma mais ou menos direta, com diversos equipamentos, brinquedos, que são o reflexo dos avanços e da divulgação da tecnologia. Os carros, comandos, as playstations, os tamagotchis, o computador e os telemóveis, envolvem tecnologias que as crianças manipulam com alguma facilidade, dominando igualmente a linguagem que lhes está associada. (p.11)

1.7 7.ª Secção – 3.º ano

1.7.1 Caracterização da turma

A turma do 3.º Ano é composta por vinte e oito crianças, dezassete do sexo feminino e onze do sexo masculino. Todas as crianças têm sete anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica J.E e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.7.2 Caracterização do espaço

Nesta sala as crianças encontram-se viradas para um quadro interativo, dispostas por três filas, uma criança está sozinha, as restantes estão duas a duas.

Silveira-Botelho (2009) menciona que:

um quadro interactivo é um quadro sensível ao toque ligado a um computador, ou seja, o utilizador controla o computador ao tocar no quadro. Pode ser utilizado de forma similar a um vulgar quadro de ardósia. Assim, permite aos professores dinamizar as suas aulas utilizando uma variedade de conteúdos multimédia, incluindo imagens, apresentações, filmes, Internet e sons. (p.147)

Do lado direito das secretárias das crianças encontra-se um quadro de giz, ainda do mesmo lado, mas mais atrás, um armário com os *dossiers*, devidamente identificados e alguns materiais.

A secretária da Professora situa-se no lado direito do quadro interativo, virada para as crianças.

1.7.3 Rotinas diárias

À semelhança do que foi referido na secção anterior, as rotinas diárias desta turma são idênticas às do 1.º ano também.

De seguida apresento o horário da turma do 3.º ano, quadro 7.

Quadro 7 – Horário da turma do 3.º ano.

HORAS	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 10h	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA
10h – 11h	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA
RECREIO					
11h30 – 12h	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA
12h – 12h50	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA	LÍNGUA PORTUGUESA	MATEMÁTICA
13h – 14h30	ALMOÇO E HISTÓRIA RECREIO				
14h30 – 15h20	ESTUDO DO MEIO	ESTUDO DO MEIO	EXP. PLÁST.	ED. FÍSICA	ESTUDO ACOMPANHADO
15h20 – 16h10	COMPUTADOR.	HISTÓRIA		MÚSICA	ÁREA PROJETO
16h10 – 17h	HISTÓRIA	BIBLIOTECA	FORMAÇÃO CÍVICA	INGLÊS	EXPERIÊNCIAS ?
SAÍDA					

1.7.4 Relatos diários

Dia 3 de outubro de 2011

No primeiro dia da turma do 3.º ano começámos por observar as crianças a realizarem a correção de um desafio escolar.

Seguidamente, a Professora passou no quadro exercícios sobre os verbos, para passarem e realizarem.

Quando regressaram do intervalo a Professora passou exercícios, novamente, mas de Matemática. As crianças, até ao almoço, estiveram a resolvê-los.

Inferências / Fundamentação teórica:

A Professora, quando acabou de passar os exercícios de Matemática no quadro, pediu às crianças para avisarem assim que terminassem um dos exercícios, de modo a que depois pudesse escolher uma das crianças, para ir resolver ao quadro e explicar o seu raciocínio aos colegas.

Matos e Serrazina (1996) referem que:

explicar, assim como expor, tem um papel importante no ensino da Matemática. Se as explicações não surgem de alguém, do professor ou de um dos colegas, os alunos podem desesperar e achar que não são capazes de perceber. Fazer com que os alunos expressem coisas uns aos outros é apenas uma das formas nas quais os alunos podem trabalhar no refinar e clarificar o que compreendem e, ao terem de explicar a alguém mais, a aprenderem. (p.176)

Foi notória a importância que as crianças atribuíam a elas próprias, elas sentiam-se bastante importantes, enquanto estavam no quadro a explicar aos colegas.

Dia 4 de outubro de 2011

A Professora iniciou a manhã distribuindo um apontamento pelas crianças sobre a classificação das linhas quanto à sua forma, depois de o lerem estiveram a realizar exercícios.

Após o intervalo a Professora passou para a área de Língua Portuguesa, onde lhes distribuiu uma proposta com exercícios gramaticais, para as crianças realizarem até à hora do almoço.

Inferências / Fundamentação teórica:

Ao longo do meu estágio profissional já me foi possível observar Professores a entregarem apontamentos às crianças, e depois nem sequer exigiam que os lessem.

Na minha opinião, um apontamento, além de servir para facilitar a criança na percepção do conteúdo aprendido, também nos permite fazer uma consolidação do mesmo com as crianças. Lopes (2006) diz que a leitura de apontamentos “contribui ainda para o enriquecimento do vocabulário e para a consolidação daquilo que já foi aprendido, reforçando quer as competências básicas quer diversas competências metacognitivas decorrentes ao seu exercício.” (p.66)

Distribuir os apontamentos pelas crianças e, não os ler, acaba por não torná-los úteis. É necessária a sua distribuição, a sua leitura e consequentemente a sua compreensão.

Dia 7 de outubro de 2011

Neste dia a Professora distribuiu novamente um apontamento, mas era sobre a classificação das linhas quanto à sua posição; depois realizaram exercícios.

Após o término dos exercícios a Professora entregou uma proposta de avaliação de leitura de números, para as crianças realizarem.

Depois do intervalo terminar, dirigimo-nos ao ginásio, para assistir a uma peça de teatro sobre os cuidados a ter com a higiene oral.

Seguidamente fomos para a sala, as crianças estiveram a realizar a cópia de um texto lido no dia anterior e depois a Professora fez-lhes um ditado de palavras.

Inferências / Fundamentação teórica:

Na peça de teatro, a que pudemos assistir, foram abordados vários aspetos para uma boa higiene oral, um dos aspetos abordados foi a alimentação. Cordeiro (2007) menciona que “o que é preciso é saber escolher os alimentos correctos e doseá-los. As guloseimas não devem ser dadas várias vezes ao longo do dia.” (p.144)

A apresentação destes temas são essenciais para ajudarem as crianças a perceberem melhor sobre estes assuntos, a prevenirem doenças e, por vezes, criarem hábitos. O mesmo autor afirma que “adquirindo hábitos e ensinando algumas regras, podemos actuar em todos estes factores-basta uma dieta saudável, uma boa higiene oral e visitas regulares ao médico dentista.” (p.145)

Além das crianças estarem bastante divertidas, porque saem das rotinas, também aprendem.

Dia 10 de outubro de 2011

As crianças iniciaram o dia com a correção oral de um desafio escolar, depois a Professora pediu para realizarem uma composição, mas com uma condição: não podiam usar palavras com a letra “u”.

Quando terminaram, a Professora realizou um ditado de um texto trabalhado na semana anterior.

Depois do intervalo, as crianças estiveram a resolver situações problemáticas, e assim que a maioria terminou, a Professora pediu para eu e a minha colega irmos para o coreto com elas e realizar o jogo da tabuada.

Inferências/ Fundamentação teórica:

O desafio escolhido pela Professora para as crianças realizarem foi muito interessante. Ensinar a escrever pode ser feito de diferentes formas, Pereira e Azevedo (2005) afirmam que “para se aprender a escrever é, também, fundamental colocar os alunos perante verdadeiros problemas de escrita, o que não significa, forçosamente, pedir aos alunos uma produção global de um texto, mas, sim, exercícios que correspondam a operações linguísticas e discursivas parcelares.” (p.13)

As crianças empenharam-se bastante na realização do desafio.

Dia 11 de outubro de 2011

Logo pela manhã realizaram uma proposta de Matemática distribuída pela Professora.

Posteriormente foi-lhes pedido que realizassem a leitura individual de um texto do livro e, por fim, a cópia do mesmo.

Quando regressámos do intervalo, a Professora tinha passado no quadro perguntas de interpretação, sobre o texto, as crianças estiveram a resolvê-las até à hora do almoço.

Inferências / Fundamentação teórica:

Os Professores, quando escolhem um texto para os seus alunos trabalharem, devem ter em atenção qual a pertinência do mesmo, para depois definirem estratégias para aplicarem na sua exploração.

Os Programas de Português do Ensino Básico, ME, (2009) referem que:

a selecção de textos, qualquer que seja a natureza dos mesmos, deve assentar em exigentes critérios de representatividade e qualidade, quer no que toca ao valor intrínseco de cada texto, quer tanto à sua pertinência e adequação às situações concretas de ensino e aprendizagem, quer ainda no que diz respeito aos aspectos substantivos que o distinguem dos demais. (p.100)

Um professor não se deve limitar a escolher um texto, deverá primeiramente conhecê-lo, para depois perceber quais as atividades que pode desenvolver com o mesmo.

Dia 14 de outubro de 2011

As crianças iniciaram a manhã realizando uma avaliação de situações problemáticas, depois estiveram a terminar trabalhos.

Antes do intervalo, umas senhoras vieram à sala, onde apresentaram uma breve seção de explicação sobre os piolhos – *Piolhos, tire essa ideia da cabeça*.

Fomos para o intervalo, quando regressámos realizaram a leitura do texto *No mês de outubro*, e depois a Professora fez-lhes o ditado.

Após o término do mesmo, passou no quadro perguntas de interpretação sobre o texto.

Inferências / Fundamentação teórica:

É fundamental que existam seções de esclarecimento, como a que pudemos observar neste dia. A possibilidade de abordar um assunto que é preocupante, devido à sua frequência em crianças, pode ajudar, não só, a eliminar a infestação como até preveni-la. Cordeiro (2007) diz que mais importante do que se ser rigoroso com estes assuntos “é necessário ensinar às crianças hábitos de higiene e de pentear-se todos os dias.” (p.369)

Na figura seguinte podem ser observados alguns dos cuidados abordados nesta seção de explicação.



Figura 40 – Alguns cuidados para evitar os parasitas

Dia 17 de outubro de 2011

As crianças começaram a manhã corrigindo o desafio escolar. Seguidamente, a Professora propôs-lhes um desafio para avaliação.

Esse desafio consistia em escreverem um texto, obedecendo a três condições: Personagem principal – D. Lena; Problema – de crescimento e Inimigo – abelha quadrada.

Depois do intervalo a Professora esteve a trabalhar com as crianças, pela primeira vez este ano, com o material Cuisenaire.

Para finalizar a manhã distribuiu-lhes uma proposta de trabalho, com exercícios sobre o Cuisenaire.

Inferências / Fundamentação teórica:

Depois de realizarem a correção do desafio escolar em conjunto, estiveram a fazer um texto pedido pela Professora para avaliação.

A proposta pedida pela Professora para execução do texto foi bastante interessante. A mesma apresentou três sacos às crianças com papéis lá dentro. Do primeiro saco foi retirada a personagem, do segundo o problema envolvente da história e do terceiro o inimigo da personagem principal.

Como foi a primeira vez este ano que a Professora trabalhou com o material Cuisenaire, esteve a rever com as crianças o valor das peças e diferentes formas de representar quantidades.

Caldeira (2009) menciona que as crianças precisam de ter o sentido do número, para utilizarem de forma diferente no mundo que as rodeia. O material Cuisenaire constitui um recurso que ajuda a desenvolver “o sentido de número envolve: compreensão dos significados (inclui o carácter ordinal e cardinal dos números), explorar relações entre números (composição e decomposição de conjuntos).” (p.129)

Na figura 41 é possível visualizar algumas representações feitas por uma criança, com as peças do material Cuisenaire.



Figura 41 – Representação de números com o material Cuisenaire

Dia 18 de outubro de 2011

Esta manhã foi iniciada com a realização de uma proposta de trabalho de Matemática. Enquanto as crianças estavam a realizá-la, a Professora ia chamando uma criança de cada vez, para lhes explicar a divisão com dois algarismos no divisor.

Depois fez uma avaliação de leitura de números.

Quando regressaram do intervalo, a Professora passou no quadro exercícios de exploração gramatical, sobre um texto já trabalhado anteriormente.

Inferências / Fundamentação teórica:

A Professora inicialmente começou por distribuir uma proposta de trabalho para que as crianças estivessem ocupadas a trabalhar, possibilitando assim explicar às crianças, uma a uma, a divisão com dois algarismos no divisor.

Como se torna mais complexa a realização da operação divisão com dois algarismos no divisor, a Professora fez bem em explicar individualmente a cada criança pois assim elas prestaram mais atenção e encontravam-se mais calmas. Cury (2006) diz que “a memória humana não está disponível quando queremos. Quem determina a abertura dos arquivos na memória é a energia emocional que vivemos em cada momento. O medo, a ansiedade e o stresse travam os arquivos e bloqueiam os pensamentos.” (p.112)

Por isso, antes de se pedir qualquer explicação às crianças, é necessário, sempre que possível, que inicialmente tenha havido uma explicação dos conteúdos, mais complexos, individualmente.

Dia 21 de outubro de 2011

Nos primeiros trinta minutos, a Professora pediu às crianças para terminarem trabalhos em atraso ou copiarem os sumários, que não tinham.

Seguidamente, realizaram a leitura e a interpretação oral do texto “O cego e o mealheiro”.

Antes do intervalo uma Professora do corpo docente da Prática Pedagógica entrou na sala, para assistir a uma aula surpresa minha e outra da minha colega de estágio. As crianças é que escolheram quem iria dar primeiro e que área.

A primeira foi a minha colega, com a área de Língua Portuguesa, depois fui eu, com a área de Matemática.

Depois das nossas aulas dirigimo-nos à reunião.

Inferências / Fundamentação teórica:

A aula dada pela minha colega foi de Língua Portuguesa, pediram-lhe que desse os pronomes pessoais aproveitando o texto trabalhado pela Professora, anteriormente.

Depois de realizar a leitura com as crianças, pediu a uma que explicasse o que se passava na história. A criança, a meio da explicação, já gaguejava, penso que a colega deveria ter pedido a outra para ajudar. Segundo a Professora cooperante e a Professora do corpo docente da Prática Pedagógica, a minha colega deveria ter explorado mais os conteúdos gramaticais do texto. No entanto, a aula foi positiva.

Relativamente à minha aula com o material Cuisenaire, inicialmente comecei por pedir a definição de perímetro, onde perdi algum tempo, porque existiam algumas crianças que confundiam a definição de perímetro, com a forma de como se calcula.

Para iniciar o cálculo de perímetro, pedi às crianças que retirassem a peça branca (padrão), que nos ia servir de unidade de medida.

Na reunião a Professora cooperante disse que não devia ter usado o termo padrão. De acordo com Caldeira (2009) “a peça branca é a peça padrão e serve de medida a todas as outras peças. A peça branca vale uma unidade.” (p.128)

Outro aspeto que a Professora me apontou, assim como a Professora do corpo docente da Prática Pedagógica, foram os exercícios que propus às crianças, que deveriam ter sido mais estimulantes e mais desafiantes. No entanto ambas gostaram da minha aula e da minha postura.

Dia 24 de outubro de 2011

As crianças começaram por corrigir o desafio escolar, que levaram para realizar no fim-de-semana.

Depois a Professora fez-lhes dois ditados, um de números e outro do texto trabalhado na sexta-feira.

Fomos para o intervalo, quando regressámos a Professora passou exercícios no quadro de exploração gramatical sobre o texto e, por fim, realizou uma avaliação de conjugação verbal.

Inferências:

Neste dia as crianças realizaram dois ditados diferentes, um na área da Matemática e outro na área de Língua Portuguesa. Ambos tinham como objetivo serem avaliados pela Professora, para a mesma preencher nas grelhas de avaliação mensais.

Depois das avaliações a Professora, para que pudesse preencher as grelhas passou no quadro exercícios de Língua Portuguesa, que remetiam para o texto, do qual as crianças realizaram o ditado.

Dia 25 de outubro de 2011

O dia foi iniciado com a realização da leitura do texto “O castelo mágico”, depois fizeram a interpretação do mesmo por escrito.

Posteriormente a Professora fez uma avaliação de análise de palavras quanto à sua classe e subclasse.

Após o intervalo solicitou que eu e a minha colega déssemos uma aula com os Calculadores Multibásicos. À minha colega pediu leitura de números e a mim uma situação problemática, incluindo a adição e, por fim, a prova dos nove.

Inferências / Fundamentação teórica:

Quando regressámos do intervalo a Professora propôs que eu e a minha colega déssemos uma pequena aula com Calculadores Multibásicos. A primeira a dar foi a minha colega realizou algumas situações problemáticas, tendo trabalhado posteriormente a leitura de números.

As situações problemáticas foram bem conseguidas, no entanto a colega, enquanto realizava a leitura de números, cometeu alguns erros, pois aceitou algumas respostas erradas. Os Calculadores Multibásicos segundo Caldeira (2009) “permitem aprofundar a compreensão da essência do número e das quatro operações aritméticas.” (p.208).

A operação que me foi solicitada para aplicar na situação problemática foi a adição. A mesma autora cita Palhares (2004) que afirma que “a adição é uma operação binária porque a cada par de números inteiros a e b , faz corresponder a um terceiro número inteiro $a + b$, que se designa por soma” (p.208).

A situação problemática segundo a Professora, foi bastante interessante, pois continha dados desnecessários. Na opinião da Professora, o aspeto menos positivo desta aula, prende-se com a correção da prova dos nove oralmente, e não logo no quadro.

Dia 28 de outubro de 2011

Neste dia, eu e a minha colega de estágio demos a primeira parte da manhã em conjunto.

Iniciámo-la com a área de Língua Portuguesa, abordando o complemento direto e indireto, depois realizámos um jogo de revisão de matérias da área de Estudo do Meio e História de Portugal, através do quadro interativo.

Após o intervalo a Professora deu a amplitude do ângulo, depois da explicação distribuiu uma folha para as crianças marcarem algumas amplitudes.

Inferências / Fundamentação teórica:

O jogo realizado por mim e pela minha colega envolvia uma grande diversidade de exercícios que as crianças gostaram bastante. Como foi feito num programa próprio para ser trabalhado no quadro interativo, as crianças estiveram muito atentas, sempre à espera de serem as próximas a irem resolver algum exercício ao quadro.

Fonseca (2001) indica que:

na interacção mediatizada, o objectivo do mediatizador não é apenas proporcionar uma experiência ou uma vivência da situação, de modo que o sujeito mediatizado a sinta de forma passiva ou receptiva. Pelo contrário, o mediatizador deve proporcionar e promover situações onde o sujeito mediatizado interaja com elas de forma dinâmica e de modo a valorizar os seus processos e as suas estruturas cognitivas. (p.85)

A Professora, no final, disse que gostou bastante do nosso jogo, pela diversidade de exercícios e da nossa coordenação, enquanto estávamos a lecionar as atividades.

Dia 31 de outubro de 2011

A escola encontrava-se em *Roullement*, então dirigimo-nos para a sala da outra Professora do 3.º ano, onde ficaram as duas turmas juntas.

A Professora titular solicitou a minha ajuda e de uma colega minha, para ajudarmos as crianças a terminarem trabalhos em atraso.

Inferências:

Neste dia fiquei com as crianças na outra sala do 3.º ano, como referido anteriormente, a ajudá-las a terminarem trabalhos em atraso. Ao contrário de outros dias em que a escola se encontrava em *Roullement*, e as Professoras deixavam brincar livremente. Esta Professora, como observou que algumas crianças ainda tinham muitos trabalhos em atraso, pediu que os realizassem, e quem já tinha terminado ia ajudar os colegas.

Achei bastante importante esta atitude, foi uma forma de as crianças irem adiantando trabalho, de modo a acompanharem os colegas.

Dia 4 de novembro de 2011

A minha colega de estágio deu a manhã de aulas. Começou por fazer uma revisão sobre as classes de palavras já trabalhadas pela Professora, depois introduziu a classe dos adjetivos.

Na área de Estudo do Meio trabalhou a pequena e grande circulação.

Quando regressámos do intervalo, a colega fez uma revisão das circulações e depois passou para a área de Matemática, onde realizou com os Calculadores Multibásicos, algumas situações problemáticas, de modo a trabalhar a leitura de números.

Inferências:

Antes de iniciar a classe dos adjetivos à colega, estive a fazer uma breve revisão com as crianças de todas as classes de palavras aprendidas anteriormente.

Para dar início à classe dos adjetivos citou algumas frases, com o intuito de as crianças, com o conhecimento já adquirido anteriormente, pudessem reconhecer nas frases os adjetivos. Trabalhou apenas o grau comparativo (superioridade, igualdade e inferioridade).

Os exemplos utilizados pela colega para colocar em prática, nem sempre foram os mais corretos. Por exemplo, ela pediu a uma criança para comparar a cor dos carros, quando se sabe que as cores não são nem mais nem menos azuis, por exemplo, variam sim em tonalidade.

Na área de Estudo do Meio, a colega tinha apenas como conteúdo a pequena e grande circulação, mas ao iniciar a sua aula decidiu fazer uma breve revisão do coração e seus constituintes e deparou-se com o esquecimento quase total das crianças, em relação ao mesmo.

Então a primeira parte desta área foi de revisão do coração e só depois do intervalo é que iniciou então a pequena e grande circulação.

A colega reagiu bastante bem a este sucedido, mostrando uma postura segura e tranquila, enquanto fazia a revisão do mesmo. O único aspeto menos positivo, na minha opinião, foi dizer que o coração está dividido em quatro partes e não as nomeou.

A sua manhã foi terminada com a área de Matemática trabalhando situações problemáticas com os Calculadores Multibásicos e fazendo a leitura de números.

Ao longo do estágio foi-me possível observar a minha colega a dar algumas vezes este material, e nesta aula foi notória a evolução em relação a aulas anteriores.

Dia 7 de novembro de 2011

Neste dia fui eu que dei a manhã de aulas.

Iniciei-a com a leitura de um texto “A cigarinha e o jerico” de António Torrado, depois através de um *Powerpoint*, em forma de jogo, fiz a exploração gramatical do texto.

Ainda antes do intervalo introduzi a área de Estudo do Meio, com o conteúdo aparelho excretor (sistema urinário e transpiração).

Quando regressámos do intervalo, realizei um mini jogo de questões.

Depois passei para a área de Matemática, realizei a construção do peixe com o 5.º Dom de Fröebel. Enquanto estava a explicar passo a passo, ia explorando o conteúdo proposto para esta aula, frações próprias e impróprias.

Inferências / Fundamentação teórica:

Neste dia, na minha manhã de atividades, realizei dois jogos, um para a área de Língua Portuguesa e outro para a área de Estudo do Meio. Groenwald e Timm (2000, citados por Silva, 2007) dizem que “o interesse dos jogos na educação não é apenas divertir, mas sim extrair dessa atividade matérias suficientes para gerar um conhecimento, interessar e fazer com que os estudantes pensem com certa motivação.” (p.24)

O jogo de Língua Portuguesa consistia em explorar o texto distribuído e lido anteriormente, com exercícios gramaticais distintos.

Na área de Estudo do Meio, o jogo realizado servia apenas de consolidação da matéria dada anteriormente, primeiramente expliquei através de uma apresentação, em *Powerpoint*, o sistema urinário e a pele, e só depois é que realizei o jogo revendo as informações principais. Este jogo era apenas de questões, em que inicialmente distribui cartões pelas crianças, em que umas tinham a questão e outras a resposta. Quando as questões eram lidas, a criança que achava ter a resposta, tinha de colocar o dedo no ar.

A minha aula foi finalizada com o 5.º Dom de Fröebel, onde decidi fazer a construção do peixe e, ao mesmo tempo, trabalhar o conteúdo pedido pela Professora (frações próprias, impróprias e equivalentes). Para terminar esta área tinha uma proposta de trabalho, mas como não tive tempo de a realizar, visto que a construção demorou algum tempo, porque para as crianças era a primeira vez que a executavam, no fim pedi à Professora para me deixar realizar noutro dia.

Esta aula foi avaliada pela Professora no próprio dia, em que a mesma referiu um aspeto que eu discordei. A Professora disse-me que deveria ter parado a construção do peixe a meio e resolver a proposta, mas primeiramente uma construção deve ser sempre

terminada, e depois o conteúdo que me propus dar, já tinha sido trabalhado, enquanto a construção estava a ser feita.

Dia 8 de novembro de 2011

Logo de manhã as crianças estiveram a realizar a prova de avaliação de Estudo do Meio.

Após o término da mesma a Professora realizou a leitura e interpretação do texto “Nasceu Romeu”, com as crianças.

Depois do intervalo estiveram a fazer situações problemáticas, que a Professora passou no quadro.

Inferências:

Neste dia apesar da avaliação de Estudo do Meio, a manhã das crianças acabou ser idêntica, às que me têm sido possível observar.

Apenas reforço a importância da leitura e interpretação do texto, nunca é demais as crianças trabalharem textos, para um melhor conhecimento e aperfeiçoamento da língua, e ainda as situações problemáticas realizadas depois do intervalo.

As crianças devem ser submetidas sempre que possível a realização de situações problemáticas, para desenvolverem uma capacidade de resposta nas situações diárias.

Dia 11 de novembro de 2011

A Professora logo pela manhã realizou um ditado de palavras. Depois uma das minhas colegas de estágio iniciou a sua manhã de aulas.

Começou por realizar a leitura da lenda de S. Martinho, seguidamente distribuiu uma proposta de trabalho. Nesse instante foi interrompida por uma Professora do corpo docente da Prática Pedagógica, que lhe solicitou uma aula com Calculadores Multibásicos, a subtração com empréstimo e a outra colega que estava connosco com o material *Cuisenaire*, o perímetro.

Primeiramente deu a outra colega e só depois a uma das minhas colegas de estágio.

Fomos para a reunião, para serem abordadas as aulas das nossas colegas de estágio.

Inferências / Fundamentação teórica:

O texto que a colega escolheu para a sua aula foi precisamente porque neste dia se celebrava o S. Martinho, então decidi trazer-lhes a sua lenda. As Orientações para Actividades de Leitura do 1.º Ciclo mencionam que:

todas estas histórias começaram por ser transmitidas oralmente, um dia foram registadas por escrito e, a partir de então, foram reescritas por mitos e variados autores, em prosa e em verso. Além de serem um poderoso suporte cultural e depositários de conhecimentos, sabedoria, convicções, práticas sociais, juízos de valor, representam também os voos de imaginação de sucessivas gerações. (p.8)

Neste dia não me foi possível permanecer na reunião até à avaliação das aulas das minhas colegas.

Dia 14 de novembro de 2011

Nos primeiros trinta minutos estiveram a fazer a correção do desafio escolar, que levaram para realizar no fim-de-semana.

Depois uma colega retomou a aula que foi interrompida no dia 11 de novembro. Iniciou-a com a leitura do texto e interpretação oral e, seguidamente, deu às crianças uma proposta com exercícios gramaticais sobre o texto.

Quando terminou a correção da mesma, realizou um trabalho de Expressão Plástica.

Fomos para o intervalo, quando regressámos a colega distribuiu uma proposta de Matemática com situações problemáticas de esquema.

Inferências / Fundamentação teórica:

De um modo geral a aula da colega correu bastante bem. Começou por realizar a leitura da lenda de S. Martinho, depois distribuiu uma proposta de trabalho que realizou em conjunto com as crianças.

A correção da proposta ia sendo feita no quadro, a colega aí cometeu alguns erros, colocou palavras mal e escreveu com uma letra pouco legível.

Como era uma aula de treino, a colega optou por excluir uma das áreas obrigatórias, substituindo por um trabalho de Expressão Plástica, como se pode observar na figura seguinte.



Figura 42 – Aranha-castanha

Como esta atividade era para ter sido realizada no dia 11 de novembro, em que se celebra o dia de S. Martinho, faria todo o sentido as crianças levarem para casa uma castanha. Lobrot (1992) refere que:

muitos professores infelizmente não são capazes de ensinar mais nada além da leitura, da escrita e do cálculo. Eles são incapazes de criarem técnicas de expressão, de favorecer o desenho, a pintura, a modelagem, o canto, etc. No entanto, isso é necessário. (p.142)

A colega mostrou bastante criatividade na sua aula ao pensar em realizar uma atividade Expressão Plástica com as crianças.

Na área de Matemática ela não esteve tão bem, pois distribuiu uma proposta com situações problemáticas de esquema, em que uma delas a colega não sabia resolver.

Dia 15 de novembro de 2011

Enquanto as crianças estavam a realizar uma avaliação de situações problemáticas, eu e a minha colega estivemos a registar numa grelha de avaliação os erros dados pelas crianças, num ditado.

A meio da manhã a diretora do JE foi pedir à Professora da nossa sala, para nos deixar sair, para irmos assistir a uma aula surpresa.

Fomos para uma sala do 1.º ano, em que a colega, com o 5.º Dom de Fröebel, trabalhou frações através de situações problemáticas.

Depois do intervalo a Professora fez um ditado de um texto, do manual.

Neste dia as crianças foram almoçar mais cedo, pois o Pré-Escolar ia chegar mais tarde de uma visita de estudo. Quando terminaram o almoço, viemos para o coreto com a Professora realizar um jogo, de modo a trabalhar os múltiplos.

Inferências:

A aula que pediram à colega foi com o 5.º Dom de Fröebel. A mesma realizou diferentes situações problemáticas, explorando as frações com as peças do material.

Nesta aula só refiro dois aspetos menos positivos: um foi o facto de a colega continuar a construção da casa sem esperar pelas crianças, e outro de pedir a uma criança para realizar um cálculo e esta não conseguir, e a colega não o passou do abstrato para o concreto.

Depois da aula fomos ajudar no almoço e seguidamente fomos para o coreto para as crianças jogarem.

Dia 18 de novembro de 2011

Este foi o nosso último dia na sala do 3.º ano.

Na primeira parte da manhã estiveram a trabalhar na área de Língua Portuguesa. Realizaram a leitura e exploração gramatical do texto “Que tal é ele?.”, depois a Professora pediu-lhes para fazerem a descrição física e psicológica de uma pessoa.

Antes do intervalo ainda estiveram a fazer um ditado musical, da música *Anda comigo ver os aviões*, dos Azeitonas.

Quando regressámos do intervalo as Professoras do 3.º ano juntaram as duas turmas, para estabelecerem a distribuição dos papéis, para a festa de natal.

Inferências / Fundamentação teórica:

Enquanto estavam a realizar o ditado musical, uma das crianças desatou a chorar porque não conseguia acompanhar os colegas no mesmo. Um ditado musical consiste em distribuir pelas crianças uma música com algumas lacunas, depois meter a música a tocar duas ou três vezes, para que as crianças tentem preencher ao máximo.

Esta criança não conseguiu acompanhar; então, a melhor forma que encontrou para se manifestar foi desatar a chorar. Como o comportamento desta criança não é dos melhores e a Professora percebeu que era birra, decidiu repreendê-lo, tentando mostrar-lhe que a sua atitude não estava correta.

Cury (2006) relata que:

a melhor forma de os ajudar é levá-los a repensar as suas atitudes, penetrar dentro de si mesmos e aprender a colocar-se no lugar dos outros. Praticando esta educação, você estará a desenvolver as seguintes características na personalidade dos jovens: liderança, tolerância, ponderação, segurança nos momentos turbulentos. (...) nunca coloque limites sem dar explicações. (p.94/95)

A criança acabou por se acalmar, mas no entanto, foi necessário dirigir-se com a Professora ao gabinete da diretora do JE.

1.8 8.^a Secção – 4.º ano

1.8.1 Caracterização da turma

A turma do 4º ano é composta por dezanove crianças, oito do sexo feminino e onze do sexo masculino.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do JE e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Nesta turma existe uma criança com alguns problemas de comportamento e de postura.

1.8.2 Caracterização do espaço

A sala do 4º ano é um espaço bastante amplo, com secretárias para as crianças e uma para o Professor. Na parte de trás existe um armário, para guardarem os *dossiers* e materiais e ainda dois quadros, um do lado direito que é o quadro de giz e outro de frente para as crianças que é o quadro interativo.

As crianças estão dispostas por três filas na fila da esquerda encontram-se sozinhas e nas outras duas filas estão duas a duas.

1.8.3 Rotinas diárias

Novamente as rotinas do 4.º ano são idênticas às referidas nas secções anteriores. No quadro seguinte pode-se observar o horário da turma do 4.º ano.

Quadro 8 – Horário da turma do 4.º ano

4.º ano					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h00 10h00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10h00 11h00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h00 – 11h30					

1.8.4 Relatos diários

Dia 21 de novembro de 2011

Neste primeiro dia no 4.º ano começámos por assistir à correção do desafio escolar de Matemática, que levaram para realizar no fim-de-semana.

Seguidamente o Professor abordou, pela primeira vez, o perímetro da circunferência.

Depois do intervalo fomos para o ginásio, para os Professores distribuírem os papéis, para a festa de natal.

Regressámos para a sala, devido ao comportamento das crianças, a diretora do JE também esteve presente, na sala.

Inferências / Fundamentação teórica:

A distribuição dos papéis para a festa de natal acabou por não ser concluída devido ao comportamento das crianças. O Professor levou-os para a sala e esteve a repreendê-los, com a presença da diretora do JE.

Inicialmente deu a oportunidade às crianças para dizerem quem é que estava a fazer muito barulho no ginásio. Elas, no início, ficaram caladas mostrando algum receio, mas depois começaram a levantar os dedos e a contarem ao Professor o que tinha acontecido. Cordeiro (2007) menciona que:

o conceito de honestidade passa por dizer a verdade, não enganar os outros para nosso benefício e formar os critérios que levam a optar com base mais em factos e menos em preconceitos ou opiniões subjectivas (...) as crianças têm medo de contar a verdade, por pensarem que é possível iludi-la e escapar de um qualquer castigo. (p.216)

Achei que a atitude do Professor ao dar-lhes a possibilidade de falarem foi bastante importante, o mesmo autor declara que “é fundamental desenvolver nas crianças a capacidade de análise dos seus actos (e dos outros), reflectir e ter a capacidade e o gosto de mudar.” (p.216)

Dia 25 de novembro de 2011

As crianças na primeira parte da manhã estiveram a fazer a leitura de um texto do manual “O gigante”. Posteriormente o Professor fez a interpretação e análise gramatical, do mesmo.

Para finalizar a primeira parte da manhã, realizou o ditado.

Depois do intervalo estiveram a fazer revisões orais de Estudo do Meio.

Inferências:

Antes da leitura ser iniciada, o Professor dividiu o texto em três partes, pedindo às crianças para marcarem no mesmo. Esta divisão foi feita para que as crianças lessem por ordem e assim, quando chegassem a uma das marcas, paravam e era outro colega que iniciava a leitura.

A meio do ditado, o Professor disse a algumas crianças para pararem, de realizar o mesmo. Eu não percebi o porquê. No final da manhã dirigi-me ao Professor e perguntei-lhe o porquê de isto acontecer. O mesmo afirmou que, como estas crianças

têm alguma dificuldade na escrita, e os erros ortográficos são uma constante, mais vale fazerem menos e corrigir o pouco bem, do que muito e depois acabarem por não perceber todos os erros.

Pereira e Azevedo (2005) referem que:

ao iniciar a aprendizagem da escrita, a criança se apoia no conhecimento que já possui da língua oral e que constrói, de início, hipóteses fonéticas. (...) à medida que entra em contacto com a escrita, a criança se vai apropriando das suas regras, pondo de lado gradualmente as hipóteses fonéticas para construir hipóteses ortográficas. (p.50)

Assim, as crianças podem compreender melhor os seus erros e, assimilá-los, de modo a posteriormente, conseguirem escrever essas palavras, mas de forma correta.

Dia 28 de novembro de 2011

As crianças começaram a manhã a corrigir um desafio escolar de Língua Portuguesa, de modo a fazer revisões para a prova.

Realizaram a prova de Língua Portuguesa.

Depois do intervalo continuaram a prova. O Professor distribuiu mais uma folha, onde era pedido que realizassem uma composição.

Inferências / Fundamentação teórica:

O Professor depois de distribuir a prova por todas as crianças realizou a leitura da mesma, para que as pudesse ajudar a fazer o levantamento de vocábulos desconhecidos. Os Programas de Português do Ensino Básico, ME, (2009) definem leitura como:

o processo interactivo que se estabelece entre o leitor e o texto, em que o primeiro apreende e reconstrói o significado ou os significados do segundo. A leitura exige vários processos de actuação interligados (decifração de sequências grafemáticas, acesso a informação semântica, construção de conhecimentos, etc.) (p.16)

Num momento de avaliação, por vezes, as crianças encontram-se mais apreensivas e, com mais dificuldades. O Professor ao ler-lhes o texto possibilitou, que as crianças retirassem dúvidas, quanto a algumas palavras e, o entendessem melhor.

Dia 29 de novembro de 2011

Inicialmente o Professor começou por falar dos trabalhos das crianças que tinha levado para casa, para corrigir. Escreveu no quadro alguns erros, de modo a que as crianças os detetassem.

Deu pela primeira vez a definição de predicativo do sujeito.

Às 10h00 foram para o ginásio ensaiar, para a festa de natal.

Quando regressaram do intervalo o Professor esteve a explicar a diferença entre sujeito simples e sujeito composto, entretanto uma Professora foi solicitar a nossa ajuda, para irmos embrulhar umas caixas para a festa de natal.

Inferências / Fundamentação teórica:

As crianças desta turma mesmo estando no final do 1.º Ciclo, ainda se encontram numa fase de aprendizagem da escrita. Por isso é normal que ainda se detetem alguns erros. Pereira e Azevedo (2005) afirmam que:

é, pois, natural que surjam erros. O erro não é mais do que o desconhecimento ou a não consciência da arbitrariedade convencional da língua escrita e deve ser visto como algo inerente ao processo de transformação de um sistema oral para um sistema escrito de linguagem, processo de construção de conhecimentos sobre a escrita. (p.50)

A estratégia do Professor foi bastante interessante, pois pedir às crianças para detetarem os erros e corrigi-los, ajuda a tornar a aprendizagem das crianças mais eficaz e, quando voltarem a deparar-se com os mesmos erros, facilmente conseguem corrigi-los sozinhas.

Dia 2 de dezembro de 2011

Neste dia a escola encontrava-se em *Roullement*. O Professor ficou com as duas turmas do 4.º ano.

Estiveram a fazer revisões para a prova de Matemática, oralmente.

Depois do intervalo o Professor passou no quadro exercícios, também de Matemática, mas para realizarem individualmente.

O Professor do Clube de Ciências veio para a nossa sala, onde realizou com as crianças das duas turmas, a experiência *Espelhos e lentes – espelho meu, espelho meu*.

As crianças comportaram-se muito mal, estiveram a brincar com os materiais.

Inferências / Fundamentação teórica:

A possibilidade de todas as semanas, as crianças poderem ter uma aula do Clube de Ciências, permite-lhes constatar a aprendizagem teórica sobre as Ciências na prática. Martins *et al.* (2007) citam que:

as tarefas de carácter prático sempre foram consideradas importantes para as crianças, sobretudo para as mais novas, como forma de potenciar o seu envolvimento físico com o mundo exterior, aspecto crucial para o desenvolvimento do próprio pensamento, conforme comprovado por Piaget. (p.38)

Embora seja favorável a interação das crianças com diferentes materiais, objetos e observações, os mesmos autores dizem que:

não é a simples manipulação de objectos e instrumentos que gera conhecimento. É necessário questionar, reflectir, interagir com outras crianças e com o professor, responder a perguntas, planejar maneiras de testar ideias prévias, confrontar opiniões, para que uma actividade prática possa criar na criança o desafio intelectual que a mantenha interessada em querer compreender fenómenos, relacionar situações, desenvolvem interpretações, elaborar previsões. (p.38)

Foi uma aula bastante interessante, mas que acabou por ser prejudicada pelo comportamento das crianças.

Dia 5 de dezembro de 2011

Na primeira meia hora realizaram uma pequena revisão para prova de Matemática, seguidamente deram início à mesma.

Depois do intervalo o Professor disse às crianças as notas de avaliação de tabuada, Língua Portuguesa e Estudo do Meio, afirmando que a maioria das crianças subiu as notas, em relação à última avaliação.

Posteriormente, o Professor explicou a área do círculo, pela primeira vez.

Inferências / Fundamentação teórica:

O Professor antes de explicar a área do círculo, esteve a rever o perímetro da circunferência. Depois desenhou no quadro novamente um círculo, para que as crianças

tentassem descobrir como se iria calcular a área. Nenhuma criança conseguiu, pois o cálculo do mesmo não é fácil.

No Programa de Matemática do Ensino Básico, ME mencionam que:

no 1.º ciclo os alunos descrevem, constroem e representam figuras no plano e no espaço, identificando propriedades. (...) ainda neste ciclo, o perímetro é trabalhado com outras figuras geométricas (círculo e polígonos irregulares), e aprofunda-se os conceitos de área e volume, incluindo o estudo das fórmulas das áreas do triângulo e do círculo, e as dos volumes do cubo, do paralelepípedo e do cilindro. (p.36)

A figura seguinte apresenta uma representação idêntica à que o Professor fez no quadro, para explicar o conteúdo.

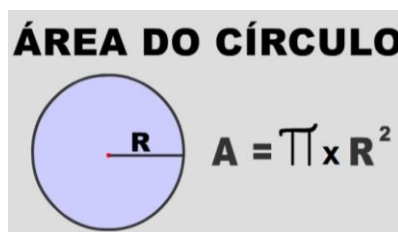


Figura 43 – Representação do cálculo da área do círculo

Dia 6 de dezembro de 2011

O Professor começou por realizar a leitura modelo do texto “Noite de natal”.

Quando terminou dividiu o texto em três partes, e disse às crianças que ia realizar avaliação de leitura, dizendo-lhes também quais os critérios que ia avaliar.

Após o intervalo, distribuiu pelas crianças duas folhas, uma com um Pai natal, para cortarem e, posteriormente, realizarem um ditado, e outra para pintarem apenas.

Inferências / Fundamentação teórica:

Enquanto estava a ser feita a avaliação da leitura, as crianças que não estavam a ser avaliadas, ou já tinham sido, levantavam-se sem pedir autorização ao Professor e iam buscar folhas, para desenharem.

Este acontecimento ocorreu constantemente durante a aula, o que me despertou a atenção para observar as crianças, e o que vi foi que elas não estavam a desenhar estavam a desperdiçar folhas, pois às vezes faziam apenas um risco, amachucavam a folha e iam deitá-la ao lixo e logo de seguida iam buscar outra.

Macagnan (2010) refere que há uns anos atrás não se ouvia falar:

tanto sobre sustentabilidade, escassez de água, poluição e desmatamento quanto hoje, não é? O grande problema é que o planeta está em estado de alerta e precisamos cuidar dele. Para isso, nada melhor do que ensinar as crianças, já que elas vão ser os adultos de um mundo que clama por socorro.

Eu e a minha colega de estágio sentimos a necessidade de intervir e, fomos ter com algumas crianças e, chamámo-las à atenção.

Dia 12 de dezembro de 2011

O Professor começou por entregar as provas de Matemática, depois estive a explicar no quadro os exercícios onde as crianças erraram mais.

A meio da manhã, a Professora de Expressão Plástica veio solicitar a nossa ajuda, para fazermos materiais para a festa de natal.

Estivemos até à hora do almoço a trabalhar.

Inferências / Fundamentação teórica:

Neste dia só estivemos cerca de 20 minutos na sala com as crianças, depois estivemos no ginásio até à hora do almoço a ajudar nos preparativos para a festa de natal.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME, (2007) “qualquer que seja a modalidade organizacional, trata-se de um contexto que permite o trabalho em equipa dos adultos que, na instituição ou instituições, têm um papel na educação das crianças”. (p.41)

Embora, sejamos estagiários, a nossa colaboração não deixa de ser importante, pois também fazemos parte da equipa e, um bom trabalho em equipa, pode contribuir para o sucesso e, para um maior agrado de todos.

Dia 13 de dezembro de 2011

Enquanto o Professor foi tirar umas fotocópias, as crianças estiveram a terminar trabalhos e a arrumarem os *dossiers*.

Quando regressou, distribuiu as avaliações de Matemática e de História de Portugal.

Seguidamente, deu às crianças uma proposta de Língua Portuguesa, uma mini avaliação.

Depois do intervalo, a pedido da diretora JE estivemos no ginásio a embrulhar presentes.

Inferências / Fundamentação teórica:

O Professor, quando distribuiu as avaliações, disse-lhes que de um modo geral, estas foram bastantes melhores que as anteriores. Fez questão de elogiar algumas das crianças.

Cury (2006) salienta que “o elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a auto-estima. Elogiar é encorajar e realçar as características positivas.” (p.144)

Foi notória a alegria das crianças, ao serem elogiadas perante os seus colegas.

Dia 15 de dezembro de 2011

Neste dia realizou-se a festa de natal.

Eu e a minha colega de estágio, embora neste último semestre tenhamos estado a estagiar no 1.º Ciclo, onde a festa de natal só decorre da parte da tarde, decidimos ir logo da parte da manhã, para assistirmos e ajudarmos o Pré-Escolar.

Inferências / Fundamentação teórica:

Estes dias são muito especiais para toda a equipa da escola, para que haja um excelente espetáculo do agrado não só das crianças, mas também dos seus familiares, que neste dia se dirigem à escola para observarem os seus educandos na participação das peças de natal. É necessário que todos os elementos da instituição trabalhem em equipa. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME, (2007) referem que “cabe ao director pedagógico de cada estabelecimento ou estabelecimentos, em colaboração com os educadores, encontrar formas e os momentos de trabalho em equipa.” (p.41)

Este trabalho foi realizado de uma forma intensiva, não só por parte dos docentes, mas também pela ajuda dos estagiários, no final observou-se, que o trabalho em equipa, obtém um grande êxito.

Dia 16 de dezembro de 2011

Na primeira parte da manhã enquanto o Professor organizava as avaliações, as crianças estiveram a enfeitar os envelopes para as mesmas.

Ainda antes do intervalo, passou no quadro exercícios sobre os advérbios.

Depois do intervalo mostrou um *Powerpoint*, onde falou sobre “Os homens de armas da Idade Média.”

Inferências / Fundamentação teórica:

Neste dia foi a primeira vez que assisti um Professor a lecionar História. O *Powerpoint* utilizado continha imagens muito apelativas, prendendo assim a atenção das crianças, incitando-lhes o gosto pela matéria. Além das imagens, o *Powerpoint* também estava bem estruturado, retratando de uma forma concisa e estimulante aquela época.

Cury (2006) salienta que também se deve transmitir às crianças “o clima emocional que eles viveram enquanto pesquisavam. Significa ainda relatar a ansiedade, os erros, as dificuldades e as discriminações que sofreram.” (p.135)

Por isso, é necessário contextualizar sempre os conteúdos da melhor forma, pois existem aspetos/características essenciais, que podem ajudar a diferenciar conteúdos idênticos.

Dia 9 de janeiro de 2012

O Professor começou a manhã por distribuir propostas de trabalho que tinha levado para casa, para corrigir.

Depois de distribuídas e de ter abordado alguns dos erros mais frequentes, passou no quadro exercícios de revisão de números complexos. De seguida pediu às crianças para treinarem a caligrafia, passando por cima de um texto já escrito, com papel vegetal.

Após o intervalo, passou no quadro três verbos irregulares, para conjugarem nos diferentes tempos que conhecem.

Inferências / Fundamentação teórica:

A cópia que o Professor pediu às crianças consiste em passarem por cima de um texto, com uma caligrafia perfeita, com papel vegetal.

Este exercício foi pedido às crianças porque o Professor, nas propostas que levou para casa, observou que algumas tinham uma letra pouco perceptível, e outras até mesmo ilegível. Pereira e Azevedo (2005) mencionam que:

o acto de escrever à mão envolve movimentos motores e, por isso, o feedback deveria ser tão imediato quanto possível como na maioria das tarefas que envolvem treino de motricidade. Uma demora no feedback significa frequentemente que o aluno continuará a cometer erros, tornando a instrução futura ainda mais difícil. (p.41)

Para que as crianças tomassem uma maior consciência da dificuldade que o Professor sente ao corrigir os trabalhos, ele pediu a uma criança da turma que lesse o trabalho do outro colega. Os mesmos autores referem que:

os alunos compreenderão melhor o propósito da caligrafia se ela for introduzida e desenvolvida em contextos autênticos de escrita. (...) um dos melhores exercícios para que o aluno tome consciência da necessidade de clareza da letra, é fazê-lo ler textos dos companheiros/as da turma. (p.40)

As crianças, assim, ficaram a perceber as dificuldades que o Professor sente, ao corrigir os trabalhos.

Dia 10 de janeiro de 2012

Neste dia o Professor esteve, novamente, a fazer revisões de operações com números complexos (subtração e adição).

A meio do primeiro período da manhã, uma Professora do corpo docente da Prática Pedagógica foi à nossa sala e pediu à minha colega de estágio para dar uma aula de Matemática.

Quando a colega terminou a aula, o Professor continuou com as revisões e depois pediu-lhe para ela realizar uma adição com números complexos.

Depois do intervalo, ela foi para a reunião, e eu fui para a sala, a pedido do Professor, realizar uma subtração com números complexos, para as crianças não ficarem sozinhas.

Inferências / Fundamentação teórica:

A aula surpresa da colega foi com o material Cuisenaire, e o conteúdo foi a área.

Primeiramente, a colega começou por rever a definição de área, Caldeira (2009) refere que “a área é a extensão de uma porção limitada de superfície. A medida da área de uma superfície depende da unidade escolhida.” (p.163)

Depois para iniciar os cálculos com as peças reviu também como se calcula a área. Na explicação do mesmo, a colega não soube explicar a potência. Caldeira (2009) diz que “a área do quadrado calcula-se multiplicando lado por lado ($A = 1 \times 1$). As peças de Cuisenaire permitem trabalhar as suas faces. Se observarmos a peça branca, veremos que a sua face representa um quadrado cujos lados medem 1cm.” (p.163)

A colega esteve muito bem em toda a sua aula, na opinião dos Professores só falhou nos exercícios que colocou, estes deveriam ter sido mais estimulantes e com um grau de dificuldade mais elevado; acharam ainda que a colega estava um pouco nervosa.

O Professor, depois da colega dar a aula surpresa, pediu-lhe para realizar uma adição com números complexos, de modo a constatar se o seu nervosismo era por dar aula surpresa ou por consequência do conteúdo pedido. A colega na realização da sua operação mostrou um à-vontade bastante diferente.

Depois foi a minha vez de realizar uma operação com as crianças, correu bastante bem. Mesmo com a ausência do Professor, consegui retirar algumas dúvidas existentes em alguns alunos.

Dia 13 de janeiro de 2012

Nos primeiros trinta minutos estivemos a ajudar as crianças a terminarem trabalhos, depois o Professor esteve a trabalhar as Onomatopeias, distribuindo no fim um apontamento, para colarem no caderno.

Seguidamente estive no quadro, a fazer uma revisão de classificação de palavras quanto à acentuação e número de sílabas.

Quando regressámos do intervalo, o Professor esteve a dar a grandeza de capacidade. Passou no quadro um apontamento sobre a mesma e exercícios para aplicarem.

Inferências:

Neste dia o Professor distribuiu pelas crianças dois apontamentos, um relativamente à área de Língua Portuguesa e outro à área de Matemática.

Os apontamentos são bastante importantes para as crianças, pois eles são um registo escrito dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Eles permitem à criança ler ou observar, fazendo com que se recordem do que foi dado na aula em determinado dia.

O estudo realizado em casa também se tornará mais fácil, pois os apontamentos contêm a informação mais importante e ela é apresentada de uma forma mais clara e organizada.

Dia 16 de janeiro de 2012

Como o Professor teve de se ausentar, eu e a minha colega ficámos com as crianças até às 10h00 a terminar trabalhos.

Neste dia era suposto dar a minha manhã de aulas, mas como o Professor chegou já trinta minutos depois do início previsto, acordámos dá-la noutro dia.

Ainda no primeiro período da manhã entrou uma Professora do corpo docente da Prática Pedagógica, que me solicitou uma aula de Língua Portuguesa.

Sáímos para o intervalo, quando regressámos o Professor esteve a trabalhar as preposições com as crianças.

Fomos para a reunião.

Inferências:

Para a minha aula a Professora do corpo docente da Prática Pedagógica lançou um desafio muito interessante. Primeiramente, pediu-me para realizar a leitura do texto “A tristeza do rei”, depois fazer a sua interpretação oral e introduzir o complemento oblíquo.

Considero que esta aula tenha sido um excelente desafio, pois este conteúdo devido ao acordo ortográfico é a primeira vez que se leciona no 4.º ano.

De um modo geral, a aula correu bastante bem, os Professores felicitaram-me por eu ter aceite dar este conteúdo e me ter saído bem. A Professora aconselhou-me apenas a mudar os verbos que utilizei para iniciar, deveria ter usado verbos locativos.

Dia 17 de janeiro de 2012

No primeiro período da manhã, estive a ajudar as crianças a terminarem trabalhos, depois o Professor iniciou a correção de um desafio escolar.

A meio da manhã saímos da sala, para assistir a uma peça de teatro no ginásio *Super Sorrisos*.

Fomos para o intervalo, depois regressámos para a sala, o Professor terminou a correção do desafio escolar.

Inferências / Fundamentação teórica:

A peça de teatro “Super sorrisos” abordou vários aspetos fundamentais, para as crianças. Ao longo da mesma falaram sobre os cuidados especiais a ter com os dentes, quais os utensílios que devem ser utilizados e como utilizá-los, para realizar uma boa higiene e falaram ainda sobre as doenças causadas por uma má higiene.

Cordeiro (2007) menciona que “a escovagem dos dentes é um dos métodos mais fáceis de prevenção da cárie e a limpeza da boca da criança deve começar o mais cedo possível.” (p.147)

Por isso, é importante que as crianças assistiam a peças como estas, que tratam de assuntos tão oportunos, para fases de desenvolvimento e de prevenção.

Na figura 44 é possível observar as crianças a assistirem à peça de teatro “Super Sorrisos”.



Figura 44 – Peça de teatro *Super sorrisos*

Dia 20 de janeiro de 2012

Os alunos do 4.º ano foram para uma visita de estudo, então eu e a minha colega dirigimo-nos para uma sala do 2.º ano.

Quando chegámos à sala, a Professora estava a fazer a correção dos trabalhos de casa de Matemática.

Seguidamente pediu para realizarem uma cópia de um texto, que iria avaliar posteriormente, e no decorrer da mesma, cada criança fazia a leitura de um texto treinado em casa.

Depois do intervalo continuaram a terminar a cópia, eu e a minha colega a pedido da Professora fomos ajudar algumas crianças, com mais dificuldades.

Inferências:

A solicitação por parte da Professora para eu e a colega ajudarmos as crianças foi muito importante, mesmo não nos conhecendo.

Fez-nos sentir úteis e possibilitou a nossa aprendizagem, pois estar a trabalhar com crianças com mais dificuldades, em que nem sempre é possível aplicar as mesmas estratégias de ensino, é sempre uma mais-valia, para assim encontrarmos novos métodos.

Dia 23 de janeiro de 2012

A minha colega de estágio neste dia deu a sua manhã de aulas. Como conteúdo de Língua Portuguesa deu a relação fonética e gráfica entre palavras homónimas, homófonas e homógrafas.

Seguidamente passou para a área de Estudo do Meio apresentando um Powerpoint, onde abordou as diferentes formas de relevo.

Terminou a sua manhã com a área de Matemática, onde deu a noção de volume.

Inferências / Fundamentação teórica:

No conteúdo de Língua Portuguesa, a colega cometeu alguns erros, a proposta de trabalho que distribuiu para as crianças realizarem também continha alguns. Os exemplos de palavras para explicação do conteúdo, não foram sempre corretos, por exemplo, caracterizou as palavras “céu” e “seu” como palavras homófonas.

A área de Estudo do Meio foi a área em que a colega esteve melhor. O *Powerpoint* e a proposta de trabalho eram muito interessantes e úteis, para as crianças trabalharem e aprenderem os conteúdos.

A Organização Curricular e Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ME (2004) estrutura a área de Estudo do Meio com divisões, às quais chamam de blocos. Nesses blocos estão descritos todos os conteúdos que se propõem que as crianças adquiram. No bloco 3, intitulado “À descoberta do ambiente natural”, referem que o relevo é um dos conteúdos que deve ser trabalhado com as crianças “este bloco compreende os conteúdos relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.” (p.115)

Dia 24 de janeiro de 2012

Neste dia assistimos à manhã de aulas de uma colega. Começou com a área de Língua Portuguesa fazendo uma revisão do conteúdo relação fonética e gráfica entre palavras, visto que a minha colega de estágio no dia anterior, tinha iniciado esse conteúdo.

Na área de Estudo do Meio abordou as serras de Portugal, através de um vídeo inserido num *Powerpoint*.

Após o intervalo realizou um trabalho de grupo sobre o tema anterior, tendo depois terminado a aula.

Inferências / Fundamentação teórica

Como esta colega já tem alguns anos de prática profissional, a sua postura com as crianças foi bastante admirável. A capacidade de resposta rápida às questões das crianças é constante.

A sua aula de Língua Portuguesa, visto ser uma revisão, correu bastante bem, os conteúdos foram esclarecedores.

Em relação à aula de Estudo do Meio reforço dois aspetos. Um dos aspetos é positivo e outro negativo. O positivo remete-se para o facto de a colega, enquanto mostrava as serras de Portugal partilhar, caso tivesse, as suas experiências nas mesmas. Cury (2006) diz que “professores e alunos dividem o espaço de uma sala, mas não se conhecem. Passam anos muito próximos, mas são estranhos uns para os outros.” (p.140) O mesmo autor refere que todos os professores têm uma fascinante história “contem essa história em pequenas doses aos vossos alunos.” (p.140)

O aspeto negativo prende-se com a apresentação em *Powerpoint*, o vídeo mostrado às crianças era muito rápido.

Dia 27 de janeiro de 2012

Neste dia foi o nosso último dia de estágio, não só na turma do 4.º ano, mas de toda a Prática Pedagógica.

Como o Professor ficou a falar com uma mãe, a pedido do mesmo, eu e a minha colega de estágio iniciámos a correção do desafio escolar.

Finda a correção do mesmo, iniciei a minha manhã de aulas com a área de Matemática, com o conteúdo medidas agrárias.

Depois passei para a área de Estudo do Meio, onde abordei os principais rios de Portugal.

Finalizei a manhã com a área de Língua Portuguesa, introduzindo o presente do conjuntivo.

Inferências / Fundamentação teórica:

Antes de introduzir as unidades de medida agrárias, revi com as crianças todas as grandezas, trabalhadas anteriormente. Comecei por lhes mostrar diversas imagens para que elas observassem e depois me dissessem qual a grandeza que estava adequada a cada imagem.

Esta aula correu bastante bem, apesar de ter trocado a unidade de medida principal da grandeza massa, disse que era a grama em vez do quilograma.

De seguida passei para a área de Estudo do Meio, comecei por apresentar um *Powerpoint* com imagens de cada rio, as suas principais características, e a sua localização no mapa.

Segundo a Organização Curricular e Programas do 1ºCiclo do Ensino Básico, ME, (2004) no bloco 3 os conteúdos, no que diz respeito a aspetos físicos de Portugal, que se pretende que as crianças do 4ºano adquiram são: “identificar os maiores rios (Tejo, Douro, Guadiana, Mondego, Sado); localizar no mapa de Portugal; observar directa ou indirectamente (fotografias, ilustrações).” (p.118)

A aula de Língua Portuguesa foi o momento da manhã que as crianças mais gostaram. O conteúdo verbos, de um modo geral é o que as crianças menos apreciam, mas eu, para o lecionar, decidi realizar um jogo, em que as mesmas estiveram muito interessadas e ativas.

No *Powerpoint* estipulei para cada tempo verbal uma ação, ou seja, por exemplo, para o tempo futuro, as crianças tinham de conjugar o verbo que lhes saísse a pular, para o tempo presente, a cantar, etc. Os verbos eram atribuídos através de um papel retirado de um saco com os mesmos. O jogo serviu para fazer uma breve revisão dos tempos verbais já conhecidos, depois iniciei o conteúdo que me foi pedido, o presente do conjuntivo.

Capítulo 2

Planificações

Neste capítulo encontra-se uma breve fundamentação teórica sobre o que é planificar e porque é que se planifica.

Também são apresentadas as planificações elaboradas e executadas ao longo do Estágio Profissional, no Pré-Escolar referentes à área de Expressão e Comunicação, os domínios: domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e o domínio da Matemática. E no 1.º Ciclo as áreas: área da Matemática e área do Estudo do Meio.

As fundamentações científicas das escolhas, procedimentos e métodos utilizados, em cada plano de aula, seguem-se após a apresentação dos mesmos.

2.1. Fundamentação Teórica

No domínio da educação torna-se cada vez mais importante, quando é pretendido alcançar determinados objetivos, realizar uma previsão das ações a serem tomadas. Por isso surgiu a necessidade de planificar.

Planificam-se conteúdos a lecionar ao longo de um ano letivo, ao longo de uma semana, aulas diárias, visitas de estudo, entre outros.

Para Zabalza (2000), planificar é “converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.” (p.47)

Vilhena (2007) afirma que não existe uma definição única de planificação, no entanto diz que:

planificar é definir com clareza o que se pretende do aluno ou da turma. É uma actividade que consiste em definir e sequenciar os objectivos do ensino e da aprendizagem dos alunos, determinar processos para avaliar se eles foram bem conseguidos prever algumas estratégias de ensino/aprendizagem e seleccionar recursos/materiais auxiliares. (p.1)

Como referido anteriormente, as definições de planificação são diversas, Clark e Peterson (s.d., citados por Zabalza 2000), classificam a planificação de duas maneiras diferentes:

(i) é uma actividade mental interna do professor «o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções». (ii) (...) «as coisas que os professores fazem quando dizem que estão planificando». No primeiro caso, o centro das atenções está no pensamento do professor, em como ele processa a informação para planificar; na segunda acepção, o centro das atenções está na sucessão de condutas à margem daquilo a que se dê mais relevância segundo o modelo de análise de planificação utilizado, estão presentes em qualquer processo de planificação didáctica. (p.48)

Planificar deverá ser uma previsão clara daquilo que se pretende atingir, tendo em conta os conteúdos a abordar, os objetivos a alcançar e as atividades a realizar, relacionando o “como planificar”, com o “para quê” e com o tipo de recursos necessários e existentes.

Clark e Yinger (1979, citados por Zabalza 2000), perguntaram a um conjunto de professores, o motivo pelo qual planificavam e obtiveram três tipos de categorias:

(i) os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc; (ii) os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc; (iii) os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc. (p.48/49)

A questão “porque é que planificam?” suscitou diversas respostas, como foi possível observar, mas no entanto os educadores/professores, ao planificarem, deverão ter em consideração, para quem é que estão a dirigir a planificação.

Segundo Vilhena (2007) pode-se planificar para:

(i) os alunos, para que eles próprios possam saber o que estão a fazer e porquê, ou seja, para perceberem melhor o “caminho” que estão a trilhar; (ii) o professor, pois é uma forma de organizar o seu trabalho, reflectir sobre os conteúdos, métodos, materiais, expectativas e competências a desenvolver nos alunos; (iii) a escola, pois torna possível um trabalho consciente de todos os docentes e permite a coordenação interdisciplinar; (iv) os pais, para perceberem melhor porque é que os filhos aprendem determinados conteúdos e desta forma poderem acompanhá-los melhor e participar mais conscientemente na vida escolar; (v) a sociedade, porque hoje em dia, cada vez se fala mais em autonomia das escolas e em participação activa da comunidade, ou seja, da sociedade local. (p.2)

Com a planificação é possível ter uma visão completa daquilo que o educador vai fazer e pretende atingir. Pérez (2000) afirma que é possível “de uma só forma panorâmica e global, numa só folha, integrarmos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser apreendida na escola ao longo do curso escolar.” (p.40)

A principal função da planificação na escola segundo Zabalza (2000) é “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino.” (p.54)

As planificações que serão apresentadas são baseadas no Modelo T de Aprendizagem de Martiniano Pérez.

Este autor citado por Mariana (2010) afirma que:

O modelo T apoia-se em três grandes teorias científicas: Teoria de Gestalt (percepção global da informação), teoria do processamento da informação (organiza e processa estas palavras capacidades – destrezas, valores – atitudes, os conteúdos e métodos de aprendizagem) e na teoria do interacionismo social (cultura social = cultura escolar).

O nome Modelo T de Aprendizagem dá-se em virtude de os planos se apresentarem em forma de um T duplo. No quadro 9 apresento um exemplar de um plano de aula baseado no Modelo T.

Quadro 9 - Exemplo de um plano de aula baseado no Modelo T de aprendizagem.

Jardim-Escola João de Deus	
Plano de aula	
Tempo: Ano e turma: Professora: Data:	Nome: Ano e turma: Número:
Área	
Conteúdos	Procedimentos
Objetivo / Competências	
Capacidades / Destrezas	Valores/Atitudes
Material:	

Plano baseado no Modelo T de aprendizagem

O plano pode estar sujeito a alterações

Pérez (2000) diz que o Modelo T integra para um curso escolar vários elementos:

(i) Capacidades – destrezas: Indicam os objectivos fundamentais cognitivos (três capacidades e quatro destrezas por capacidade), que queremos desenvolver. (ii) Valores – atitudes: Mostram os objectivos fundamentais afectivos (três valores e quatro atitudes por valor) que pretendemos desenvolver. (iii) Conteúdos (conhecimentos): Apresentam-se em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos (unidades de aprendizagem) que se pretende aprender ao longo do ano escolar. Cada unidade divide-se entre três e seis distintas. (iv) Métodos / procedimentos: Apresentam-se entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem aprendidas no curso escolar. (p.40)

A elaboração de um plano deverá servir para facilitar o trabalho do educador/professor, nunca para prejudicar, por isso este deve poder estar sempre apto para possíveis alterações.

Isto não significa, que se deve perder o fio condutor que existe numa planificação, mas sim permitir ao professor inserir novos elementos, se houver necessidades e/ou interesses do momento.

2.2. Planificações do Pré-Escolar

De seguida, apresento quatro planos de aula que preparei. Dois para o Pré-Escolar, mais propriamente para o Bibe Azul na área de Expressão e Comunicação: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e domínio da Matemática e, dois para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, um na área de Matemática e outro na área de Estudo do Meio.

Os planos de aula serão acompanhados de uma fundamentação teórica que será apresentada, imediatamente, a seguir aos mesmos.

Os temas escolhidos para as nossas aulas, de um modo geral, foram sugeridos pelas Educadoras/Professoras cooperantes.

Os planos de aula, que seguidamente serão apresentados, tiveram de ser mostrados às professoras, antes do dia previsto para as aulas. De modo a que elas pudessem fazer alterações quando necessárias, ou apenas os aprovarem.

2.2.1. Plano de aula da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

No quadro 10 podemos observar o plano de aula preparado para o Bibe Azul, na área de Expressão e Comunicação, o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Quadro 10 - Plano de aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-Escola João de Deus – Olivais	
Plano de aula	
Tempo ≈ 1 hora Bibe: Azul Data: 8/11/2010	Nome: Eliana Duarte Ano e Turma: 1º MPE1C Número: 9
Área: Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Conteúdos	Procedimentos
➤ Lenga lenga	➤ Dividir as crianças em 7 grupos; ➤ Realizar o jogo da barquinha; ➤ Leitura de uma lenga lenga; ➤ Trabalho de grupo: - Distribuir uma cartolina onde contém a lenga lenga "Tão balalão" mas com espaços pra preencher, de modo a trabalhar a rima. ➤ Realizar ficha de trabalho; ➤ Dirigir à Cartilha com um grupo de três crianças e trabalhar a letra "p".
Objetivo/Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
➤ Expressão oral: - Compreensão - Produzir mensagem ➤ Socialização: - Dialogar - Escutar	➤ Criatividade: - Imaginação - Originalidade ➤ Cooperação: - Trabalhar em equipa - Colaborar
Material: Cartolina com lenga lenga.	
Plano baseado no modelo T de aprendizagem	
O plano pode estar sujeito a alterações	

Dividir as crianças em 7 grupos;

Inicialmente, comecei por dividir e distribuir as crianças da turma em sete grupos, para que ficassem já organizados para a atividade a realizar posteriormente.

Wechsler (2002) afirma que o trabalho de grupo é importante para “o desenvolvimento, quer seja de construção de pensamento racional, quer seja das regulações entre as pessoas, pelo exercício da cooperação.” (p.60)

A socialização no desenvolvimento das crianças é cada vez mais importante, a mesma autora cita ainda Piaget, que diz que:

o indivíduo a princípio encerrado no seu egocentrismo inconsciente, o qual caracteriza sua perspectiva inicial, não se descobre a si próprio senão na medida em que aprende a conhecer os outros. É pelo atrito incessante com outrem, pela posição das vontades e das opiniões, pela permuta de ideias e pela discussão, pelos conflitos e pela compreensão mútua, que todos nós aprendemos a nos conhecer e a nos “re-conhecer”. (...) A renúncia a seus próprios interesses para pensar de acordo com a realidade comum e o hábito de se colocar no lugar do outro, somente é possível pela cooperação. (p.59)

Ora, assim sendo, parece clara a importância de trabalhar em grupo. É uma prática que permite às crianças construir coletivamente o conhecimento, realizando a troca de saberes e experiências.

Realizar o jogo da barquinha;

Seguidamente, realizei o jogo *A barquinha* para trabalhar a fonia de algumas palavras. Assim que terminei, cantei juntamente com as crianças *O balão do João*, aproveitando assim para lhes explicar o que era uma rima, pois esta canção tem muitas palavras que rimam umas com as outras.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997) “trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas para discriminar os sons.” (p.64)

Leitura de uma lenga lenga;

Após a explicação do que era uma rima, perguntei às crianças se conheciam alguma lenga lenga. Passei a citar a lenga lenga *Lagarto pintado*, como exemplo.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997) “as rimas, as lenga lengas, as travalínguas e as adivinhas são aspectos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação pré-escolar.” (p.67)

Trabalho de grupo;

Posteriormente distribui uma cartolina por cada grupo, que continha a lenga lenga “Tão balalão” com espaços pra preencher, de modo a trabalhar a rima. Deixei que as crianças debatessem em grupo quais as palavras que queriam colocar, e no fim chamavam-me para ir escrever, na cartolina, as palavras escolhidas.

Cordeiro (2007) diz que “todas as crianças têm a criatividade. Algumas poderão ter mais do que outras, é certo, ou dito de outra forma, poderão entusiasmar-se mais pelas situações que exigem criatividade.” (p.331)

Findas as cartolinas pedi a cada grupo para se dirigir ao quadro e apresentá-las aos colegas.

O facto de permitir às crianças apresentarem o seu trabalho, ajuda a desenvolver a autoestima e autoconfiança. Brazelton e Sparrow (2006) declaram que:

à medida que uma criança de cinco anos desenvolve uma consciência de si própria, esta pode tomar duas direcções. A criança pode desenvolver um sentimento de auto-estima e de autoconfiança ou pode formar uma fraca opinião de si própria e da sua capacidade para dominar tarefas estimulantes.(p.219)

Na apresentação foi possível observar o entusiasmo e a confiança com que as crianças apresentavam o trabalho. Os mesmos autores afirmam que:

uma criança de cinco anos que se sente insegura em relação a si própria e tem medo de fracassar irá quase de certeza abordar qualquer tarefa com apreensão. Ela pode até evitar a tarefa inventando desculpas esfarrapadas. Se ela tentar cumpri-la, julga que vai falhar e confirmar as dúvidas que tinha sobre si própria.” (p.219)

Foi notório o oposto da afirmação anterior, as crianças estavam muito animadas e seguras nas suas apresentações.

Realizar ficha de trabalho;

Para terminar a aula distribui uma proposta de trabalho, que li oralmente, para que pudessem realizá-la sozinhos.

Dirigir à Cartilha com um grupo de três crianças e trabalhar a letra “p”;

A proposta de trabalho era bastante simples, foi apenas para ocupar as crianças, enquanto me dirigi à Cartilha Maternal com um grupo de três crianças, para dar a 8.^a lição.

Esta lição foi dada pela primeira vez a este grupo. Cada criança leu uma palavra com a minha ajuda, tendo contextualizado a mesma depois numa frase.

Ruivo (2009) refere que “a criança faz a sua aprendizagem começando por identificar um nome e a leitura das diferentes letras, de imediato lhe é solicitado que elabore um discurso oral sobre a palavra lida, inserindo-a em frases.” (p.130)

2.2.2 Plano de aula da área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.

O plano de aula apresentado no quadro 11 remete para a área de Expressão e comunicação: Domínio da Matemática, elaborado também para o Bibe Azul.

Quadro 11 – Plano de aula do Domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Olivais	
Plano de aula	
Tempo ≈ 45min.	Nome: Eliana Duarte
Bibe: Azul	Ano e Turma: 1º MPE1C
Data: 26/10/2010	Número: 9
Área: Expressão e Comunicação Domínio da Matemática	
Conteúdos	Procedimentos
➤ Número ➤ Quantidade ➤ Contagem	➤ Distribuir animais e algarismos pelas crianças, de modo a trabalhar quantidades e contagens; ➤ Dar uma proposta de trabalho de consolidação.
Objetivos/Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
➤ Classificação: - Distinguir - Identificar ➤ Raciocínio Lógico: - Caracterizar - Interpretar	➤ Respeito: - Dialogar - Escutar ➤ Solidariedade: - Colaborar - Compreensão
Material: Material alternativo; algarismos móveis e proposta de trabalho.	
Plano baseado no modelo T de aprendizagem	
O plano pode estar sujeito a alterações	

Distribuir animais e Algarismos pelas crianças, de modo a trabalhar quantidades e contagens;

Comecei por distribuir pelas crianças algarismos móveis e alguns círculos com animais, de modo a trabalhar quantidades e contagens. Estes animais estavam relacionados com uma história que foi contada, anteriormente a esta aula.

Decidi distribuir estes materiais pelas crianças, porque numa fase inicial é difícil para elas trabalharem no abstrato. Por isso, os materiais manipulativos servem de instrumento para o desenvolvimento do processo matemático. Caldeira (2009) refere que os materiais manipulativos constituem “um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem”. (p.15)

Esta aprendizagem será feita com a manipulação dos diferentes objetos/materiais, tendo sempre em conta os princípios matemáticos. A mesma autora afirma que “os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente as ideias matemáticas que são abstratas.” (p.15)

Ao longo da aula, por exemplo, dizia às crianças “Da janela o Sr. Quim viu a passear na quinta três pintainhos, depois meia dúzia de galinhas e no fim ainda passaram outra meia dúzia de pintainhos. Quais os animais que passaram em maior quantidade?”, à medida que eu dizia as crianças retiravam o mesmo número de animais e antes de os contarem tinham de olhar apenas para eles e dar-me a resposta, só depois é que podiam contá-los.

Caldeira (2009) declara que “a acção de contar é fundamental para a criança, para assim realizar a construção do número.” (p.62)

Walle (1990, citado pela mesma autora) definiu três princípios subjacentes ao ato de contar:

- (i) O princípio da estabilidade da ordem da sequência verbal, isto é, a cadeia de palavras-número é sempre a mesma em todas as contagens; (ii) O princípio da correspondência biunívoca, ou seja, cada numeral tem de ser associado com um e só um dos objectos que estão a ser contados; (iii) O princípio da abstracção, que significa que qualquer colecção de objectos pode ser contada. (p.68)

Quando dizemos às crianças para contarem, parece que lhes estamos a pedir algo muito fácil, mas os autores Moreira e Oliveira (2003) dizem que para se contar é necessário:

saber o que se está a contar. Isto é, é preciso saber que se quer contar certos objectos e não outros, o que se pressupõe a existência de uma propriedade comum aos elementos que se contam, ou por outras palavras, uma classificação. (p.107)

A comparação entre objetos diferentes também é muito importante trabalhar com as crianças. Por isso eu solicitei-lhes para representarem a quantidade pedida de, pelo menos, dois animais diferentes, e no fim que olhassem para a mesma sem contarem novamente e me dissessem qual é que tinha mais ou menos quantidade.

Os mesmos autores afirmam que:

as crianças têm noção de quantidade, reconhecendo facilmente quando há muitos ou poucos objectos numa colecção. Na educação pré-escolar procura-se que as crianças expandam esta intuição quantitativa estabelecendo comparações entre objectos de duas colecções e conduzindo as suas aprendizagens. (p.119)

Dar uma proposta de trabalho de consolidação.

Para terminar esta área distribuí uma proposta de trabalho, para as crianças aplicarem o conhecimento do conteúdo algarismo, quantidade e contagem.

2.3 Planificações do 1.º Ciclo

Relativamente às planificações do 1.ºCiclo, assim como no Pré-Escolar, também apresento duas planificações.

Ambas dizem respeito ao 2.º ano de escolaridade, uma na área de Matemática, e outra na área de Estudo do Meio.

Igualmente como nos planos do Pré-Escolar, a fundamentação teórica, dos procedimentos e métodos utilizados, encontra-se também logo a seguir à apresentação de cada plano.

2.3.1 Plano de aula de Matemática

O plano presente no quadro 12 diz respeito à área de Matemática, realizado para a turma do 2.º ano do Ensino Básico.

Quadro 12 – Plano de aula de Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Olivais	
Plano de aula	
Tempo ≈ 1 hora Ano: 2.º Data: 6/06/2011	Nome: Eliana Duarte Ano e Turma: 1.º MPE1C Número: 9
Área: Matemática	
Conteúdos	Procedimentos
Grandezas e medida • Década, século e milénio	➤ Explicar às crianças a diferença entre década, século e milénio; <i>Powerpoint</i> ➤ Distribuir uma ficha de trabalho com situações problemáticas, de modo a trabalhar a década, século e milénio.
Objetivos/Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
➤ Classificação: - Distinguir - Observar ➤ Raciocínio Lógico: - Formular - Aplicar	➤ Tolerância: - Interesse - Ser recetivo ➤ Responsabilidade: - Consciente - Cumprir
Material: Ficha de trabalho	

Plano baseado no modelo T de aprendizagem
O plano pode estar sujeito a alterações

Explicar às crianças a diferença entre década, século e milénio (*Powerpoint*)

O conteúdo “Grandezas e medida – década, século e milénio” foi iniciado com uma breve apresentação em *Powerpoint*. Mastella (2011) menciona que:

o Power Point é uma ferramenta com as quais é mais fácil organizar assuntos para produzir apresentações. Nestas apresentações, usando esta ferramenta é possível incluir imagens e animações com as quais tornamos as aulas mais atrativas. Penso que o Power point como ferramenta de ensino pode contribuir de forma positiva para o melhor aproveitamento dos alunos em sala de aula e facilitar a vida do professor na construção de uma aula, visual e interessante.

A visualização de imagens permite analisar o conteúdo facilitando a concentração, a atenção, fazendo com que se torne mais fácil e interessante, a compreensão de determinados conteúdos.

Este conteúdo é importante para ser trabalhado com as crianças, pois ajuda-os a ter uma melhor percepção sobre a noção de tempo e a importância que este tem no dia-a-dia.

O Programa de Matemática do Ensino Básico, ME, menciona que:

a noção de intervalo de tempo e a percepção de que há acontecimentos que são sequenciais no tempo são adquiridas progressivamente ao longo dos quatro anos. Além disso, os alunos devem ser capazes de comparar a duração de acontecimentos e de utilizar instrumentos para medir o tempo. (p.21)

Distribuir uma ficha de trabalho com situações problemáticas, de modo a trabalhar a década, século e milénio.

Para terminar foi distribuída uma ficha de trabalho com situações problemáticas, de modo a trabalhar o conteúdo, e a utilidade do mesmo no dia a dia. No Programa de Matemática – 1.º Ciclo (2011) referem que:

ajudar as crianças a perceberem a utilidade prática da matemática na vida do dia-a-dia nem sempre é fácil. As actividades essencialmente práticas deste bloco darão um contributo importante nesse sentido: fazer medições, comparar valores de grandezas, estabelecer relações temporárias, fazer estimativas simples, lidar com dinheiro... são acções muito habituais no meio familiar de todas as crianças. (p.185)

A resolução de situações problemáticas ajuda a criança a colocar em prática os seus conhecimentos, mas também dá a possibilidade de o professor observar a forma de como elas os resolvem, quando se deparam com eles, por exemplo os métodos e estratégias que utilizam.

D'Amore (2007) diz que “a resolução de problemas é a forma mais eficaz, não somente do desenvolvimento da atividade matemática dos estudantes, mas também da aprendizagem dos conhecimentos, das habilidades, dos métodos e das aplicações matemáticas. (p.285)

Colocar as crianças a realizarem situações problemáticas, também pode contribuir para que elas no seu dia-a-dia, consigam ultrapassar melhor algumas dificuldades, que possam surgir.

2.3.2 Plano de aula de Estudo do Meio

Como último plano apresento no quadro 13 um referente à área de Estudo do Meio, também para a turma do 2.º ano.

Quadro 13 – Plano de aula de Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus – Olivais	
Plano de aula	
Tempo ≈ 1 hora Ano: 2.º Data: 6/06/2011	Nome: Eliana Duarte Ano e Turma: 1.º MPE1C Número: 9
Área: Estudo Meio	
Conteúdos	Procedimentos
Os animais • Cavalo-marinho	➤ Enumerar algumas das características do cavalo-marinho, através de um <i>Powerpoint</i>; ➤ Visualizar um filme sobre o mesmo; ➤ Realizar um jogo: - Distribuir as crianças por três equipas; - Explicar jogo; - Realizar questões.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
➤ Expressão oral: - Compreensão ➤ Socialização: - Dialogar	➤ Criatividade: - Imaginação - Originalidade ➤ Cooperação: - Trabalhar em equipa - Colaborar
Material: Data show, <i>Powerpoint</i> , imagens e filme.	
Plano baseado no modelo T de aprendizagem O plano pode estar sujeito a alterações	

Enumerar algumas das características do cavalo-marinho, através de um Powerpoint;

A identificação e caracterização do conteúdo pré-estabelecido “Os animais – cavalo-marinho” foi apresentada através de um *Powerpoint*.

Neste *Powerpoint* apresentei as características principais do cavalo-marinho. De acordo a Organização Curricular e Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ME, (2004) pretende-se que as crianças no 2.º ano do Ensino Básico consigam:

observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo (...) reconhecer diferentes ambientes onde vivem os animais (terra, água, ar); reconhecer características externas de alguns animais (...) recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam...) (p.116)

Visualizar um filme sobre o mesmo;

Para uma melhor percepção foi apresentado às crianças um filme sobre o animal. A presença de filmes facilita a compreensão, a observação, a capacidade de julgamento, a sensibilidade e a experiência estética nas crianças, pois funciona como forma de estímulo. Deixando de ser apenas o imaginário e possibilitando uma pequena “amostra” do real. Vygotsky (2003, citado por Corso, Barea e Turatti) refere que:

é notável que a criança comece com uma situação imaginária que, inicialmente, é tão próxima da situação real. O que ocorre é uma, reprodução, da situação real. (...) Isso significa que, na situação original, as regras operam sob uma forma condensada e comprimida. Há muito pouco de imaginário. É uma situação real, que de facto, tenha acontecido (...). É mais a memória em acção do que uma situação imaginária nova. (p.135)

No filme foi possível observar a alimentação e a reprodução do animal. As imagens estavam bastante perceptíveis, podendo as crianças verem o cavalo-marinho à procura do seu alimento e também a reproduzir-se.

As crianças ficaram surpresas por ser o macho a transportar as crias.

Realizar um jogo:

- Distribuir as crianças por três equipas;
- Explicar jogo;
- Realizar questões.

Como consolidação e melhor compreensão dos conteúdos foi realizado um jogo. Semedo (2011) diz que “o jogo traduz o real para o que se passa no mundo infantil. Quando brinca, a criança apura o intelecto e a sensibilidade.”

O jogo é cada vez mais importante no sucesso da aprendizagem, pois permite à criança desenvolver uma série de capacidades. Semedo (2001) afirma que a criança ao jogar:

experimenta, descobre, inventa, aprende, negocia e, sobretudo, estimula a curiosidade, a auto-confiança e a autonomia. Aprende a conviver em grupo e a lidar com frustrações quando não ganha o jogo, apura a concentração e a atenção sobre tudo o que se está a passar à sua volta.

A criança, quando está a jogar, fica mais estimulada para a aprendizagem, podendo esta desfrutar do momento e ao mesmo tempo aprender.

Capítulo 3

Dispositivos de avaliação

Neste capítulo está inserido uma breve contextualização acerca da temática avaliação e, ainda sobre os diferentes tipos de avaliação.

Em seguida, apresentarei quatro dispositivos de avaliação, dois pertencentes ao Pré-Escolar, ambos na área de Expressão e Comunicação os domínios: domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o domínio da Matemática, e dois referentes ao 1.º Ciclo, um na área de Matemática e outro na área de Estudo do Meio.

Estes dispositivos foram aplicados por mim em aulas que lecionei, em período de estágio profissional.

Antes da apresentação de cada dispositivo será feita uma breve introdução ao mesmo, depois uma descrição dos parâmetros e critérios a avaliar e, um quadro de cotações atribuídas a cada um. Depois da apresentação do quadro, será exposta uma grelha de avaliação e, por fim, os resultados apresentados em gráfico.

3.1 Fundamentação teórica

A avaliação é uma atividade fundamental no ato do ensino. Ribeiro (1991) refere que a avaliação “é uma operação descritiva e informativa nos meios que emprega, formativa na intenção que lhe preside e independente face à classificação.” (p.75)

No capítulo anterior foi descrita a importância de planificar e, como tal, quando se planifica pretende-se atingir objetivos, para que se consiga atingir os mesmos, obtendo os melhores resultados é necessário que haja avaliação, de modo a averiguar se está a decorrer como previsto ou se será necessária uma intervenção, com o fim de os alcançar. Ribeiro (1991) diz que “a avaliação pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções.” (p.75)

A avaliação é assim um meio essencial para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que nos fornece informações precisas acerca da realidade educativa. As Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) referem que:

a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento. (p.27)

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (2003) “a função da avaliação corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas,

o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p.337)

Ao possibilitar observar as dificuldades que surgiram para atingir os objetivos, mostra que a avaliação tem imensas vantagens, não só para os alunos, como também para os professores. Os mesmos autores afirmam que a avaliação tem as seguintes vantagens:

(i) motiva os alunos, ao informá-los dos novos conhecimentos e aptidões que adquiriram, isto é, do sucesso que obtiveram relativamente a certas aprendizagens, (ii) fornece, também aos alunos, do mesmo passo, informação que lhes permite orientar os seus esforços, com o apoio do professor, no sentido de ultrapassar dificuldades relativas às aprendizagens não conseguidas, (iii) permite ao professor identificar pontos onde o plano delineado não resultou, conceber estratégias alternativas de remediação, reorganizar a planificação feita à luz dos resultados reais obtidos, (iv) proporciona, por fim, em sistemas escolares onde são atribuídas notas aos alunos uma base indispensável à classificação de resultados. (p.337/338)

Antes de responder à questão que tipo de avaliação utilizar, será necessário distinguir o conceito de avaliação de classificação, que tantas vezes é confundido. Ribeiro (1991) diz que a classificação “tem uma intenção selectiva e procede à seriação de alunos ao atribuir-lhes uma posição numa escala de valores.” (p.76)

A classificação, ao contrário da avaliação não fornece a informação necessária para ajudar a combater dificuldades. O mesmo autor no entanto declara que “não há classificação sem avaliação. Mas a recíproca não é verdadeira: pode (e deve, em muitas circunstâncias) haver avaliação sem que qualquer classificação tenha de se lhe seguir.” (p.77) Assim sendo encontram-se como limitações e desvantagens do sistema de classificação:

não informa acerca da aprendizagem dos alunos, dos aspectos em que têm mais facilidade ou maior dificuldade, não contribuindo, assim, para o sucesso escolar; não constitui, por isso, uma “medida” clara de aproveitamento, visto reduzir a um símbolo toda uma gama de informação variada. (p.78)

Descrita a distinção entre avaliação e classificação tornar-se-á mais fácil de entender os diferentes tipos de avaliação. Existem três tipos fundamentais de avaliação: avaliação diagnóstica, formativa e sumativa.

A diferenciação existente entre estes tipos de avaliação está relacionada com o que é pretendido com cada um deles e ainda com o momento em que são aplicados.

3.2 Avaliação diagnóstica

A avaliação diagnóstica, segundo Ribeiro (1991) “pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhes vão ser propostas e aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes.” (p.83)

Geralmente, é efetuada antes de dar início a novas aprendizagens. Ribeiro e Ribeiro (1990) referem que “a avaliação diagnóstica tem lugar, geralmente, no início de uma unidade ou segmento de ensino, sendo por vezes utilizada, ainda que menos frequentemente, no decorrer do próprio processo de aprendizagem.” (p.342) A sua principal função é analisar os conhecimentos e capacidades adquiridas pelo aluno, e assim adequar estratégias face aos objetivos pretendidos.

Ribeiro e Ribeiro (2003) afirmam que “a avaliação diagnóstica tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (p.342)

A ideia de que a avaliação diagnóstica só se aplica no início do ano letivo, ou períodos escolares é incorreta. Esta poderá e deverá ser aplicada em qualquer momento, em que se pretende expor o aluno a uma nova aprendizagem.

O Ministério da Educação (Despacho Normativo n.º1/2005) declara que:

a avaliação diagnóstica conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano lectivo quando articulada com a avaliação formativa. (p.72)

O objetivo desta avaliação é contribuir para o sucesso das crianças, possibilitando a adequação de novas estratégias, sempre que necessário e, possível.

3.3 Avaliação formativa

A avaliação formativa é uma avaliação que deverá acompanhar todo o processo de aprendizagem. Alguns autores enunciam que esta desempenha uma função semelhante à avaliação anterior (avaliação diagnóstica). Assim como afirmam Ribeiro e Ribeiro (2003) “a avaliação formativa desempenha um papel paralelo ao da avaliação diagnóstica” (p.348)

De acordo com Ribeiro (1991) a avaliação formativa “pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução.” (p.85)

Assim sendo, esta deverá ser realizada continuamente valorizando e identificando as aprendizagens das crianças, tendo em conta que estas podem ser positivas ou menos positivas. Podendo assim ajudar nas últimas, de modo a conduzir os alunos aos resultados pretendidos e pré-definidos, para cada aprendizagem.

Ribeiro e Ribeiro (2003) consideram que a avaliação formativa:

acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam. (p.348)

O Ministério da Educação (Despacho Normativo n.º1/2005) diz que a avaliação formativa é:

a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem. (p.72/73)

Os docentes deverão recolher o máximo de informações, das aprendizagens das crianças, tentando perceber quais as dificuldades existentes e, assim introduzir novos métodos e estratégias, para ajudá-los, a ultrapassar as mesmas, da melhor forma possível.

3.4 Avaliação sumativa

A avaliação sumativa corresponde a uma apreciação global das aprendizagens adquiridas, ou não, pelos alunos, sendo que poderá ser efetuada quando já existe um caminho longo percorrido, assim como materiais suficientes para se proceder então à avaliação. Segundo Ribeiro e Ribeiro (2003) a avaliação sumativa “procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.”

A principal função é classificar os alunos e decidir sobre a progressão ou retenção das mesmas.

O Ministério da Educação (Despacho Normativo n.º1/2005) refere que “a avaliação sumativa consiste na formação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das

aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular.” (p.73)

No entanto esta avaliação nem sempre é bem entendida, visto que só é realizada no fim de um processo de ensino-aprendizagem, assim a mesma não servirá, nem poderá ajudar a remediar os resultados obtidos pelas crianças.

3.5 Avaliação na Educação Pré-Escolar e 1.ºCiclo do Ensino Básico

No que diz respeito à avaliação da Educação Pré-Escolar o educador deverá recolher o máximo de informação sobre o desenvolvimento das crianças. A recolha destes elementos poderá ser feita através de registos que o mesmo vai fazendo das propostas e trabalhos dados às crianças, ou apenas por observação.

Em relação ao 1ºCiclo do Ensino Básico a avaliação é feita com base nas aprendizagens e competências para as diferentes áreas, tendo sempre em conta que a finalidade da mesma é ajudar os alunos, selecionando metodologias e estratégias adequadas às crianças.

Em suma, é fundamental salientar que um professor deverá avaliar sempre de uma forma correta e justa os seus alunos.

Os instrumentos e estratégias de avaliação deverão ser diversificados, pois os alunos são todos diferentes e todos deverão ter oportunidades para alcançar o sucesso.

Todos os docentes deverão utilizar o processo de avaliação como um meio que ajude os alunos a ultrapassar dificuldades, valorizando os seus conhecimentos, de modo a encaminhá-los sempre para uma melhor aprendizagem.

3.6 Avaliação das propostas de trabalho

Por tudo o que foi relatado é, necessário salientar a importância de um professor estar preparado para avaliar. Como referido anteriormente serão apresentados quatro dispositivos de avaliação.

Os parâmetros e critérios que constituem as grelhas de avaliação, que utilizei para cada proposta de trabalho, foram classificados tendo como base a escala de Likert.

Esta escala de avaliação vai de 0 a 10, com os seguintes critérios:

Quadro 14 – Escala de Avaliação

Fraco (0 – 2,9 valores)
Insuficiente (3 – 4,9 valores)
Suficiente (5 – 6,9 valores)
Bom (7 – 8,9 valores)
Muito Bom (9 – 10 valores)

3.7 Dispositivos de avaliação do Pré-Escolar

3.7.1 Dispositivo de avaliação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Este dispositivo de avaliação foi realizado pelas crianças no dia 8 de novembro de 2010, na turma do Bibe Azul, tendo apenas 10 minutos previstos para a sua execução.

Esta proposta foi entregue às crianças, para que elas a realizassem enquanto eu estive com um grupo de três crianças na Cartilha Maternal.

No (**Anexo B**) pode-se observar esta proposta. É muito simples, tem como objetivo o reconhecimento das vogais, pintando os balões onde estas estão inseridas, com a cor correspondente, ditada pelo enunciado.

Neste dia todos os alunos estiveram presentes na sala de aula, assim sendo foram avaliados vinte e nove dispositivos.

- **Descrição dos parâmetros e critérios**

1 – Reconhecer a vogal

Pretende-se que a criança identifique as vogais, de acordo com um código de cores, pré-estabelecido. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pinta dez balões corretamente;
- Pinta nove balões corretamente;
- Pinta oito balões corretamente;
- Pinta sete balões corretamente;
- Pinta seis balões corretamente;
- Pinta cinco balões corretamente;
- Pinta quatro balões corretamente;

- Pinta três balões corretamente;
- Pinta dois balões corretamente;
- Pinta um balão corretamente;
- Não responde.
- Pinta os balões dentro do limite e na sua totalidade;
- Pinta os balões fora do limite;
- Não pinta os balões na totalidade.

Seguidamente no quadro 15, apresento a tabela onde são atribuídas as cotações a cada critério estabelecido. No quadro 16 pode-se observar a grelha de avaliação do parâmetro 1, e no quadro 17 a grelha de avaliação final, que inclui as cotações obtidas pelos alunos.

Quadro 15 – Grelha de cotação do 1.º dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetro	Critérios		Cotações
1 – Reconhecer a vogal	Pinta dez balões corretamente	8,5	8,5
	Pinta nove balões corretamente	7,65	
	Pinta oito balões corretamente	6,8	
	Pinta sete balões corretamente	5,95	
	Pinta seis balões corretamente	5,1	
	Pinta cinco balões corretamente	4,25	
	Pinta quatro balões corretamente	3,4	
	Pinta três balões corretamente	2,55	
	Pinta dois balões corretamente	1,7	
	Pinta um balão corretamente	0,85	
	Não responde	0	
	Pinta os balões dentro do limite e na sua totalidade	1,5	1,5
	Pinta os balões fora do limite	0	
	Não pinta os balões na totalidade	0	
Total:	10		

Quadro 16 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do dispositivo de avaliação, do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros		1 - Reconhecer a vogal													Soma das cotações		
Critérios	Alunos	Pinta dez ou nove balões corretamente		Pinta oito ou sete balões corretamente		Pinta seis ou cinco balões corretamente		Pinta quatro ou três balões corretamente		Pinta dois ou um balão corretamente		Não responde	Pinta os balões dentro do limite e na sua totalidade		Pinta os balões fora do limite	Não pinta os balões na totalidade	Soma das cotações
		8,5	7,65	6,8	5,95	5,1	4,25	3,4	2,55	1,7	0,85		0	1,5			
	1	8,5												1,5	0	0	8,5
	2		7,65												0		7,65
	3	8,5											1,5				10
	4	8,5														0	8,5
	5	8,5													0		8,5
	6	8,5													0		8,5
	7	8,5													0		8,5
	8			6,8												0	6,8
	9		7,65												0		7,65
	10	8,5													0		8,5
	11		7,65												0		7,65
	12		7,65										1,5				9,15
	13	8,5													0		8,5
	14	8,5											1,5				10
	15	8,5													0		8,5
	16	8,5													0		8,5
	17	8,5											1,5				10
	18			6,8												0	6,8
	19	8,5														0	8,5
	20	8,5													0		8,5
	21	8,5														0	8,5
	22	8,5											1,5				10
	23	8,5											1,5				10
	24	8,5											1,5				10
	25	8,5													0		8,5
	26	8,5													0		8,5
	27	8,5													0		8,5
	28	8,5													0		8,5
	29		7,65												0		7,65

Quadro 17 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetro	1 – Reconhecer a vogal		Soma total
Alunos	Cotação de 0 a 8,5 pontos	Cotação de 0 a 1,5 pontos	0 a 10 pontos
1	8,5	0	8,5
2	7,65	0	7,65
3	8,5	1,5	10
4	8,5	0	8,5
5	8,5	0	8,5
6	8,5	0	8,5
7	8,5	0	8,5
8	6,8	0	6,8
9	7,65	0	7,65
10	8,5	0	8,5
11	7,65	0	7,65
12	7,65	1,5	9,15
13	8,5	0	8,5
14	8,5	1,5	10
15	8,5	0	8,5
16	8,5	0	8,5
17	8,5	1,5	10
18	6,8	0	6,8
19	8,5	0	8,5
20	8,5	0	8,5
21	8,5	0	8,5
22	8,5	1,5	10
23	8,5	1,5	10
24	8,5	1,5	10
25	8,5	0	8,5
26	8,5	0	8,5
27	8,5	0	8,5
28	8,5	0	8,5
29	7,65	0	7,65

Na figura 45 apresento os resultados obtidos, através de um gráfico.



Figura 45 – Classificação final da primeira atividade

Descrição e análise dos resultados

Nesta avaliação foi possível verificar que mais de metade da turma teve uma classificação de Bom. Vinte crianças tiveram esta avaliação, as restantes dividiram-se pelo Muito Bom (sete crianças) e pelo Suficiente (duas crianças).

Seis crianças da classificação de Muito Bom, obtiveram a classificação máxima, ou seja, a classificação de 10 valores.

As crianças que obtiveram uma classificação menor, tiveram o mesmo erro. Ambas, trocaram a cor da vogal “o”, pela cor da vogal “a”, ou seja, para as crianças nesta proposta não existia a letra “o”.

3.7.2 Dispositivo de avaliação: Domínio da Matemática

Esta avaliação diz respeito ao domínio da Matemática e foi realizada no dia 26 de outubro de 2010, também, pelas crianças do Bibe Azul, durante quinze minutos.

Inicialmente estive a trabalhar com elas quantidades, contagens e operações, depois de exercitarmos estas noções, foi então distribuída a proposta de trabalho, que está presente no (Anexo C).

A mesma tem como objetivo trabalhar as quantidades de 1 a 10, possibilitando às crianças aplicarem essas quantidades e, também de aplicarem a noção de contagem.

Os alunos da turma do Bibe Azul, neste dia também estiveram todos presentes, desta forma serão avaliados também vinte e nove dispositivos.

- **Descrição de parâmetros e critérios**

1 – Desenhar a quantidade

Pretende-se que a criança reconheça a quantidade pedida e a represente. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Desenha maçãs nas três árvores corretamente;
- Desenha maçãs em duas árvores corretamente;
- Desenha maçãs numa árvore corretamente;
- Desenha maçãs incorretamente;
- Não responde.

2 – Escrever o número correto

Pretende-se que a criança reconheça a quantidade representada e coloque o número no local reservado para o seu efeito. Neste parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Escreve oito números corretamente;
- Escreve sete números corretamente;
- Escreve seis números corretamente;
- Escreve cinco números corretamente;
- Escreve quatro números corretamente;
- Escreve três números corretamente;
- Escreve dois números corretamente;
- Escreve um número corretamente;
- Não responde.

3 – Completar os espaços com a sequência por ordem crescente

Pretende-se que a criança complete os espaços em falta na lagarta, com os números de 1 a 10, por ordem crescente. Para este parâmetro foram estabelecidos estes critérios:

- Completa seis algarismos corretamente;
- Completa cinco algarismos corretamente;
- Completa quatro algarismos corretamente;
- Completa três algarismos corretamente;
- Completa dois algarismos corretamente;

- Completa um algarismo corretamente;
- Não responde.

De seguida no quadro 18, apresento a tabela onde são atribuídas as cotações a cada critério estabelecido. No quadro 19 pode-se observar a grelha de avaliação do parâmetro 1, no quadro 20 a grelha de avaliação do 2 parâmetro, no quadro 21 a grelha de avaliação do 3 parâmetro e no quadro 22 a grelha de avaliação final, que inclui as cotações obtidas pelos alunos.

Quadro 18 – Grelha de cotação do 2.º dispositivo de avaliação, do Domínio da Matemática.

Parâmetro	Critérios		Cotações
1 – Desenhar a quantidade	Desenha maçãs nas três árvores corretamente	4,5	4,5
	Desenha maçãs em duas árvores corretamente	3	
	Desenha maçãs numa árvore corretamente	1,5	
	Desenha maçãs incorretamente	0	
	Não responde	0	
2 – Escrever o número correto	Escreve oito números corretamente	4	4
	Escreve sete números corretamente	3,5	
	Escreve seis números corretamente	3	
	Escreve cinco números corretamente	2,5	
	Escreve quatro números corretamente	2	
	Escreve três números corretamente	1,5	
	Escreve dois números corretamente	1	
	Escreve um número corretamente	0,5	
	Não responde	0	
3 – Completar os espaços com a sequência por ordem crescente	Completa seis algarismos corretamente	1,5	1,5
	Completa cinco algarismos corretamente	1,25	
	Completa quatro algarismos corretamente	1	
	Completa três algarismos corretamente	0,75	
	Completa dois algarismos corretamente	0,50	
	Completa um algarismo corretamente	0,25	
	Não responde	0	
Total:			10

Quadro 19 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do dispositivo de avaliação, do Domínio da Matemática.

Parâmetros		1 - Desenhar quantidade					Soma das cotações
Alunos	Critérios	Desenha maçãs nas três árvores corretamente	Desenha maçãs em duas árvores corretamente	Desenha maçãs numa árvore corretamente	Desenha maçãs incorretamente	Não responde	
		4,5	3	1,5	0	0	0 a 4,5
1		4,5					4,5
2		4,5					4,5
3		4,5					4,5
4		4,5					4,5
5		4,5					4,5
6		4,5					4,5
7		4,5					4,5
8		4,5					4,5
9		4,5					4,5
10		4,5					4,5
11		4,5					4,5
12		4,5					4,5
13		4,5					4,5
14		4,5					4,5
15		4,5					4,5
16		4,5					4,5
17		4,5					4,5
18		4,5					4,5
19		4,5					4,5
20		4,5					4,5
21		4,5					4,5
22		4,5					4,5
23		4,5					4,5
24		4,5					4,5
25		4,5					4,5
26		4,5					4,5
27		4,5					4,5
28		4,5					4,5
29		4,5					4,5

Quadro 20 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do dispositivo de avaliação, do Domínio da Matemática

Parâmetros		2 - Escrever o número correto									Soma das cotações
Critérios	Alunos	Escreve oito números corretamente	Escreve sete números corretamente	Escreve seis números corretamente	Escreve cinco números corretamente	Escreve quatro números corretamente	Escreve três números corretamente	Escreve dois números corretamente	Escreve um número corretamente	Não responde	
		4	3,5	3	2,5	2	1,5	1	0,5	0	0 a 4
	1	4									4
	2	4									4
	3	4									4
	4	4									4
	5	4									4
	6			3							3
	7	4									4
	8	4									4
	9	4									4
	10	4									4
	11	4									4
	12	4									4
	13	4									4
	14	4									4
	15		3,5								3,5
	16	4									4
	17	4									4
	18	4									4
	19	4									4
	20	4									4
	21	4									4
	22	4									4
	23	4									4
	24	4									4
	25	4									4
	26	4									4
	27	4									4
	28	4									4
	29		3,5								3,5

Quadro 21 - Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do dispositivo de avaliação, do Domínio da Matemática.

Parâmetros	3 – Completar os espaços com a sequência por ordem crescente							Soma das cotações
	Completar seis algarismos corretamente	Completar cinco algarismos corretamente	Completar quatro algarismos corretamente	Completar três algarismos corretamente	Completar dois algarismos corretamente	Completar um algarismo corretamente	Não responde	
Alunos	1,5	1,25	1	0,75	0,50	0,25	0	0 a 1,5
1	1,5							1,5
2	1,5							1,5
3	1,5							1,5
4		1,25						1,25
5	1,5							1,5
6	1,5							1,5
7	1,5							1,5
8	1,5							1,5
9			1					1
10	1,5							1,5
11	1,5							1,5
12	1,5							1,5
13	1,5							1,5
14	1,5							1,5
15	1,5							1,5
16	1,5							1,5
17	1,5							1,5
18	1,5							1,5
19	1,5							1,5
20	1,5							1,5
21	1,5							1,5
22	1,5							1,5
23	1,5							1,5
24	1,5							1,5
25	1,5							1,5
26	1,5							1,5
27		1,25						1,25
28	1,5							1,5
29			1					1

Quadro 22 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação, do Domínio da Matemática.

Parâmetro	1	2	3	Soma total
Alunos	Cotação de 0 a 4,5 pontos	Cotação de 0 a 4	Cotação de 0 a 1,5 pontos	0 a 10 pontos
1	4,5	4	1,5	10
2	4,5	4	1,5	10
3	4,5	4	1,5	10
4	4,5	4	1,25	9,75
5	4,5	4	1,5	10
6	4,5	3	1,5	9
7	4,5	4	1,5	10
8	4,5	4	1,5	10
9	4,5	4	1	9,5
10	4,5	4	1,5	10
11	4,5	4	1,5	10
12	4,5	4	1,5	10
13	4,5	4	1,5	10
14	4,5	4	1,5	10
15	4,5	3,5	1,5	9,5
16	4,5	4	1,5	10
17	4,5	4	1,5	10
18	4,5	4	1,5	10
19	4,5	4	1,5	10
20	4,5	4	1,5	10
21	4,5	4	1,5	10
22	4,5	4	1,5	10
23	4,5	4	1,5	10
24	4,5	4	1,5	10
25	4,5	4	1,5	10
26	4,5	4	1,5	10
27	4,5	4	1,25	9,75
28	4,5	4	1,5	10
29	4,5	3,5	1	9

Na figura 46 apresento os resultados obtidos, através de um gráfico.



Figura 46 – Classificação final da segunda atividade

Descrição e análise dos resultados

Os resultados obtidos nesta prova foram bastante positivos, como se pôde observar no gráfico anterior, todas as crianças obtiveram uma classificação de Muito Bom.

No primeiro exercício as crianças obtiveram todas a cotação total, de 4,5 valores, no segundo exercício apenas três crianças não tiveram os 4 valores, e no terceiro e último exercício quatro crianças, também não obtiveram a cotação total.

O erro mais comum entre as crianças que não obtiveram a cotação total, prende-se com a troca do algarismo 6, com o algarismo 9 e, vice-versa.

3.8 Dispositivos de avaliação do 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.8.1 Dispositivo de avaliação: Estudo do Meio

Esta avaliação foi distribuída pelas crianças do 3.º ano, no dia 7 de novembro de 2011, as mesmas realizaram-na durante quinze minutos.

Inicialmente, comecei por apresentar às crianças a matéria em *Powerpoint*, depois distribui a proposta para realizarem, a mesma está presente, no (Anexo D).

Sendo matéria nova para estas crianças, depois de a apresentar foi necessário dar-lhes esta proposta, para que as crianças pelo menos percebessem e fixassem a localização dos constituintes e componentes.

As crianças desta turma neste dia estiveram todas presentes, serão assim apresentados vinte e oito dispositivos.

- **Descrição de parâmetros e critérios**

1 – Escrever o nome e a data

Pretende-se que a criança identifique o seu trabalho, escrevendo o nome e a data. Para este parâmetro foram estabelecidos estes critérios.

- Escreve o nome e data com caligrafia legível;
- Escreve o nome e data com caligrafia ilegível;
- Escreve só o nome, ou só a data com caligrafia legível;
- Escreve só o nome, ou só a data com caligrafia ilegível;
- Não responde.

2- Reconhecer os constituintes do sistema urinário

Pretende-se que a criança coloque as palavras presentes no quadro, nos locais corretos, de modo a completar a legenda do sistema urinário. Neste parâmetro estabeleceram-se os seguintes critérios:

- Completa quatro palavras corretamente;
- Completa quatro palavras corretamente, mas com erros;
- Completa três palavras corretamente;
- Completa três palavras corretamente, mas com erros;
- Completa duas palavras corretamente;
- Completa duas palavras corretamente, mas com erros;
- Completa uma palavra corretamente;
- Completa uma palavra corretamente, mas com erros;
- Não responde.

3 – Reconhecer os componentes da transpiração

Pretende-se que a criança coloque as palavras presentes no quadro, nos locais corretos, de modo a completar a legenda dos constituintes da transpiração. Para este parâmetro foram definidos os seguintes critérios:

- Completa três palavras corretamente;
- Completa três palavras corretamente, mas com erros;

- Completa duas palavras corretamente;
- Completa duas palavras corretamente, mas com erros;
- Completa uma palavra corretamente;
- Completa uma palavra corretamente, mas com erros;
- Não responde.

De seguida no quadro 23, apresento a tabela onde são atribuídas as cotações a cada critério estabelecido. No quadro 24 pode-se observar a grelha de avaliação do parâmetro 1, no quadro 25 a grelha de avaliação do 2 parâmetro, no quadro 26 a grelha de avaliação do 3 parâmetro e no quadro 27 a grelha de avaliação final, que inclui as cotações obtidas pelos alunos.

Quadro 23 – Grelha de cotação do 3.º dispositivo de avaliação, da área de Estudo do Meio.

Parâmetro	Critérios		Cotações
1 – Escrever o nome e a data	Escrever o nome e data com caligrafia legível	0,55	0,55
	Escrever o nome e data com caligrafia ilegível	0,35	
	Escreve só o nome, ou só a data com caligrafia legível	0,25	
	Escreve só o nome, ou só a data com caligrafia ilegível	0,10	
	Não responde	0	
2 – Reconhecer os constituintes do sistema urinário	Completa quatro palavras corretamente	5,4	5,4
	Completa quatro palavras corretamente, mas com erros	5	
	Completa três palavras corretamente	4,5	
	Completa três palavras corretamente, mas com erros	4,1	
	Completa duas palavras corretamente	2,7	
	Completa duas palavras corretamente, mas com erros	2,3	
	Completa uma palavra corretamente	1,35	
	Completa uma palavra corretamente, mas com erros	1,31	
	Não responde	0	
3 – Reconhecer os componentes da transpiração	Completa três palavras corretamente	4,05	4,05
	Completa três palavras corretamente, mas com erros	3,7	
	Completa duas palavras corretamente	2,7	
	Completa duas palavras corretamente, mas com erros	2,35	
	Completa uma palavra corretamente	1,35	
	Completa uma palavra corretamente, mas com erros	1	
	Não responde	0	
Total:			10

Quadro 24 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do dispositivo de avaliação, da área de Estudo do Meio.

Parâmetros		1 - Escrever o nome e a data				Soma das cotações
Alunos	Critérios	Nome e a data com caligrafia legível	Nome e a data com caligrafia ilegível	Nome, ou só a data com caligrafia legível	Nome, ou só a data com caligrafia ilegível	
		0,55	0,35	0,25	0,10	0 a 0,55
1		0,55				0,55
2		0,55				0,55
3		0,55				0,55
4		0,55				0,55
5		0,55				0,55
6		0,55				0,55
7				0,25		0,25
8		0,55				0,55
9			0,35			0,35
10		0,55				0,55
11		0,55				0,55
12		0,55				0,55
13		0,55				0,55
14		0,55				0,55
15		0,55				0,55
16		0,55				0,55
17				0,25		0,25
18		0,55				0,55
19		0,55				0,55
20		0,55				0,55
21		0,55				0,55
22		0,55				0,55
23		0,55				0,55
24		0,55				0,55
25		0,55				0,55
26		0,55				0,55
27		0,55				0,55
28		0,55				0,55

Quadro 25 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do dispositivo de avaliação, da área de Estudo do Meio.

Parâmetros		2 - Reconhecer os constituintes do sistema urinário									Soma das cotações
Critérios	Alunos	Completa quatro palavras corretamente	Completa quatro palavras corretamente, mas com erros	Completa três palavras corretamente	Completa três palavras corretamente, mas com erros	Completa duas palavras corretamente	Completa duas palavras corretamente, mas com erros	Completa uma palavra corretamente	Completa uma palavra corretamente, mas com erros	Não responde	
		5,4	5	4,5	4,1	2,7	2,3	1,35	1,31	0	0 a 5,4
	1	5,4									5,4
	2	5,4									5,4
	3	5,4									5,4
	4	5,4									5,4
	5	5,4									5,4
	6	5,4									5,4
	7				4,1						4,1
	8		5								5
	9				4,1						4,1
	10	5,4									5,4
	11	5,4									5,4
	12	5,4									5,4
	13	5,4									5,4
	14	5,4									5,4
	15	5,4									5,4
	16	5,4									5,4
	17			4,5							4,5
	18	5,4									5,4
	19	5,4									5,4
	20	5,4									5,4
	21		5								5
	22	5,4									5,4
	23	5,4									5,4
	24	5,4									5,4
	25	5,4									5,4
	26				4,1						4,1
	27	5,4									5,4
	28	5,4									5,4

Quadro 26 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do dispositivo de avaliação, da área de Estudo do Meio.

Parâmetros	3 - Reconhecer os componentes da transpiração							Soma das cotações
	Completar três palavras corretamente	Completar três palavras corretamente, mas com erros	Completar duas palavras corretamente	Completar duas palavras corretamente, mas com erros	Completar uma palavra corretamente	Completar uma palavra corretamente, mas com erros	Não responde	
Alunos	4,05	3,7	2,7	2,35	1,35	1	0	0 a 4,05
1	4,05							4,05
2	4,05							4,05
3	4,05							4,05
4	4,05							4,05
5	4,05							4,05
6	4,05							4,05
7		3,7						3,7
8	4,05							4,05
9	4,05							4,05
10	4,05							4,05
11	4,05							4,05
12	4,05							4,05
13	4,05							4,05
14	4,05							4,05
15	4,05							4,05
16	4,05							4,05
17			2,7					2,7
18	4,05							4,05
19	4,05							4,05
20	4,05							4,05
21	4,05							4,05
22	4,05							4,05
23	4,05							4,05
24	4,05							4,05
25	4,05							4,05
26	4,05							4,05
27	4,05							4,05
28	4,05							4,05

Quadro 27 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação, da área de Estudo do Meio.

Parâmetro	1	2	3	Soma total
Alunos	Cotação de 0 a 0,55 pontos	Cotação de 0 a 5,4	Cotação de 0 a 4,05 pontos	0 a 10 pontos
1	0,55	5,4	4,05	10
2	0,55	5,4	4,05	10
3	0,55	5,4	4,05	10
4	0,55	5,4	4,05	10
5	0,55	5,4	4,05	10
6	0,55	5,4	4,05	10
7	0,25	4,1	3,7	8,05
8	0,55	5	4,05	9,06
9	0,35	4,1	4,05	8,5
10	0,55	5,4	4,05	10
11	0,55	5,4	4,05	10
12	0,55	5,4	4,05	10
13	0,55	5,4	4,05	10
14	0,55	5,4	4,05	10
15	0,55	5,4	4,05	10
16	0,55	5,4	4,05	10
17	0,25	4,5	2,7	7,5
18	0,55	5,4	4,05	10
19	0,55	5,4	4,05	10
20	0,55	5,4	4,05	10
21	0,55	5	4,05	9,06
22	0,55	5,4	4,05	10
23	0,55	5,4	4,05	10
24	0,55	5,4	4,05	10
25	0,55	5,4	4,05	10
26	0,55	4,1	4,05	8,7
27	0,55	5,4	4,05	10
28	0,55	5,4	4,05	10

Na figura 47 apresento os resultados obtidos, através de um gráfico.



Figura 47 – Classificação final da terceira atividade

Descrição e análise dos resultados

Nesta avaliação os resultados obtidos pelas crianças variaram entre o Muito Bom e o Bom. Vinte e quatro crianças obtiveram Muito Bom e quatro Bom. No parâmetro 1 só três crianças é que não tiveram a cotação total, no parâmetro 2, seis das crianças também não obtiveram a cotação total, e no 3 e último parâmetro também houve duas crianças que não obtiveram toda a cotação.

Embora, neste dia a matéria tenha sido nova para as crianças, a proposta era bastante simples. No entanto, nem todas obtiveram a cotação total.

Como se pode observar nas grelhas de avaliação, muitas crianças além de colocarem mal, as palavras, de modo a completarem a legenda, também transcreveram as mesmas com erros.

3.8.2 Dispositivo de avaliação: Matemática

Esta proposta foi realizada na turma do 2.º ano, no dia 20 de junho de 2011, durante trinta minutos.

Primeiramente foi feita uma revisão com as crianças sobre as horas. De seguida realizaram um jogo no quadro, que consistia em marcarem horas, em dois relógios expostos no quadro. Vencia a criança que marcasse primeiro a hora que era pedida.

Para finalizar esta área foi então distribuída esta proposta de trabalho, para que as crianças aplicassem as noções de tempo, em situações problemáticas do quotidiano. A mesma é possível observar no (**Anexo E**).

A turma neste dia não estava completa, só estavam presentes vinte e seis crianças, assim sendo só serão apresentados, também vinte e seis dispositivos avaliados.

- **Descrição de parâmetros e critérios**

1 – Resolver a situação problemática

Pretende-se que a criança leia atentamente a situação problemática n.º1, que retire os dados da mesma, de modo a fazer a indicação e a resolução da situação, e por fim que dê resposta completa.

- Indica, resolve e dá a resposta correta;
- Indica, resolve, mas não dá resposta correta;
- Não indica, mas resolve e dá a resposta correta;
- Indica, mas não resolve e não responde;
- Não responde.

2 - Resolver a situação problemática

Pretende-se que a criança leia atentamente a situação problemática n.º2, que retire os dados da mesma, de modo a fazer a indicação e a resolução da situação, e por fim que dê resposta completa.

- Indica, resolve e dá a resposta correta;
- Indica, resolve, mas não dá resposta correta;
- Não indica, mas resolve e dá a resposta correta;
- Indica, mas não resolve e não responde;
- Não responde.

3 – Resolver a situação problemática

Pretende-se que a criança leia atentamente a situação problemática n.º3, que retire os dados da mesma, de modo a fazer a indicação e a resolução da situação, e por fim que dê resposta completa.

- Indica, resolve e dá a resposta correta;
- Indica, resolve, mas não dá resposta correta;

- Não indica, mas resolve e dá a resposta correta;
- Indica, mas não resolve e não responde;
- Não responde.

4 – Resolver a situação problemática

Pretende-se que a criança leia atentamente a situação problemática n.º4, que retire os dados da mesma, de modo a fazer a indicação e a resolução da situação, e por fim que dê resposta completa.

- Indica, resolve e dá a resposta correta;
- Indica, resolve, mas não dá resposta correta;
- Não indica, mas resolve e dá a resposta correta;
- Indica, mas não resolve e não responde;
- Não responde.

De seguida no quadro 28, apresento a tabela onde são atribuídas as cotações a cada critério estabelecido. No quadro 29 pode-se observar a grelha de avaliação do parâmetro 1, no quadro 30 a grelha de avaliação do 2 parâmetro, no quadro 31 a grelha de avaliação do 3 parâmetro, no quadro 32 a grelha de avaliação do parâmetro 4 e no quadro 33 a grelha de avaliação final, que inclui as cotações obtidas pelos alunos.

Quadro 28 – Grelha de cotação do 4.º dispositivo de avaliação, da área de Matemática.

Parâmetro	Critérios		Cotações
1 – Resolver a situação problemática	Indica, resolve e dá a resposta correta	2,5	2,5
	Indica, resolve, mas não dá a resposta correta	2	
	Não indica, mas resolve e dá a resposta correta	2	
	Indica, mas não resolve e não responde	0,5	
	Não responde	0	
2 – Resolver a situação problemática	Indica, resolve e dá a resposta correta	2,5	2,5
	Indica, resolve, mas não dá a resposta correta	2	
	Não indica, mas resolve e dá a resposta correta	2	
	Indica, mas não resolve e não responde	0,5	
	Não responde	0	
3 – Resolver a situação problemática	Indica, resolve e dá a resposta correta	2,5	2,5
	Indica, resolve, mas não dá a resposta correta	2	
	Não indica, mas resolve e dá a resposta correta	2	
	Indica, mas não resolve e não responde	0,5	
	Não responde	0	
4 – Resolver a situação problemática	Indica, resolve e dá a resposta correta	2,5	2,5
	Indica, resolve, mas não dá a resposta correta	2	
	Não indica, mas resolve e dá a resposta correta	2	
	Indica, mas não resolve e não responde	0,5	
	Não responde	0	
Total:			10

Quadro 29 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do dispositivo de avaliação, da área da Matemática.

Parâmetros		1 - Resolver a situação problemática				Soma das cotações	
Critérios	Alunos	Indica, resolve e dá resposta correta	Indica, resolve, mas não dá resposta correta	Não indica, mas resolve e dá resposta correta	Indica, mas não resolve e não responde		Não responde
		2,5	2	2	0,5		0
	1	2,5					2,5
	2	2,5					2,5
	3	2,5					2,5
	4	2,5					2,5
	5	2,5					2,5
	6	2,5					2,5
	7	2,5					2,5
	8	2,5					2,5
	9	2,5					2,5
	10		2				2
	11		2				2
	12		2				2
	13		2				2
	14	2,5					2,5
	15		2				2
	16	2,5					2,5
	17	2,5					2,5
	18	2,5					2,5
	19	2,5					2,5
	20	2,5					2,5
	21	2,5					2,5
	22	2,5					2,5
	23	2,5					2,5
	24		2				2
	25			2			2
	26	2,5					2,5
	27	X	X	X	X	X	X
	28	X	X	X	X	X	X
	29	X	X	X	X	X	X

Quadro 30 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do dispositivo de avaliação, da área da Matemática.

Parâmetros		2 - Resolver a situação problemática				Soma das cotações
Critérios Alunos	Indica, resolve e dá resposta correta	Indica, resolve, mas não dá resposta correta	Não indica, mas resolve e dá resposta correta	Indica, mas não resolve e não responde	Não responde	
	2,5	2	2	0,5	0	
	1	2,5				2,5
	2	2,5				2,5
	3	2,5				2,5
	4	2,5				2,5
	5	2,5				2,5
	6	2,5				2,5
	7	2,5				2,5
	8		2			2
	9	2,5				2,5
	10	2,5				2,5
	11	2,5				2,5
	12	2,5				2,5
	13	2,5				2,5
	14	2,5				2,5
	15	2,5				2,5
	16	2,5				2,5
	17	2,5				2,5
	18	2,5				2,5
	19	2,5				2,5
	20		2			2
	21	2,5				2,5
	22	2,5				2,5
	23	2,5				2,5
	24	2,5				2,5
	25			0,5		0,5
	26	2,5				2,5
	27	X	X	X	X	X
	28	X	X	X	X	X
	29	X	X	X	X	X

Quadro 31 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do dispositivo de avaliação, da área da Matemática.

Parâmetros		3 - Resolver a situação problemática				Soma das cotações
Critérios Alunos	Indica, resolve e dá resposta correta	Indica, resolve, mas não dá resposta correta	Não indica, mas resolve e dá resposta correta	Indica, mas não resolve e não responde	Não responde	
	2,5	2	2	0,5	0	0 a 5
1	2,5					2,5
2	2,5					2,5
3	2,5					2,5
4	2,5					2,5
5	2,5					2,5
6	2,5					2,5
7	2,5					2,5
8	2,5					2,5
9	2,5					2,5
10	2,5					2,5
11	2,5					2,5
12	2,5					2,5
13	2,5					2,5
14	2,5					2,5
15			2			2
16	2,5					2,5
17	2,5					2,5
18	2,5					2,5
19	2,5					2,5
20			2			2
21	2,5					2,5
22	2,5					2,5
23	2,5					2,5
24		2				2
25		2				2
26	2,5					2,5
27	X	X	X	X	X	X
28	X	X	X	X	X	X
29	X	X	X	X	X	X

Quadro 32 – Grelha de avaliação do 4.º parâmetro do dispositivo de avaliação, da área da Matemática.

Parâmetros		4 - Resolver a situação problemática				Soma das cotações	
Critérios	Indica, resolve e dá resposta correta	Indica, resolve, mas não dá resposta correta	Não indica, mas resolve e dá resposta correta	Indica, mas não resolve e não responde	Não responde		
	Alunos	2,5	2	2	0,5		0
1	2,5						2,5
2	2,5						2,5
3	2,5						2,5
4	2,5						2,5
5	2,5						2,5
6	2,5						2,5
7	2,5						2,5
8			2				2
9	2,5						2,5
10	2,5						2,5
11	2,5						2,5
12			2				2
13	2,5						2,5
14	2,5						2,5
15		2					2
16	2,5						2,5
17	2,5						2,5
18	2,5						2,5
19	2,5						2,5
20		2					2
21	2,5						2,5
22	2,5						2,5
23	2,5						2,5
24			2				2
25		2					2
26	2,5						2,5
27	X	X	X	X	X	X	X
28	X	X	X	X	X	X	X
29	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 33 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação, da área da Matemática.

Parâmetro	1	2	3	4	Soma total
Alunos	Cotação de 0 a 2,5 pontos	Cotação de 0 a 2,5 pontos	Cotação de 0 a 2,5 pontos	Cotação de 0 a 2,5 pontos	0 a 10 pontos
1	2,5	2,5	2,5	2,5	10
2	2,5	2,5	2,5	2,5	10
3	2,5	2,5	2,5	2,5	10
4	2,5	2,5	2,5	2,5	10
5	2,5	2,5	2,5	2,5	10
6	2,5	2,5	2,5	2,5	10
7	2,5	2,5	2,5	2,5	10
8	2,5	2	2,5	2	9
9	2,5	2,5	2,5	2,5	10
10	2	2,5	2,5	2,5	9,5
11	2	2,5	2,5	2,5	9,5
12	2	2,5	2,5	2	9
13	2	2,5	2,5	2,5	9,5
14	2,5	2,5	2,5	2,5	10
15	2	2,5	2	2	8,5
16	2,5	2,5	2,5	2,5	10
17	2,5	2,5	2,5	2,5	10
18	2,5	2,5	2,5	2,5	10
19	2,5	2,5	2,5	2,5	10
20	2,5	2	2	2	8,5
21	2,5	2,5	2,5	2,5	10
22	2,5	2,5	2,5	2,5	10
23	2,5	2,5	2,5	2,5	10
24	2	2,5	2	2	8,5
25	2	0,5	2	2	6,5
26	2,5	2,5	2,5	2,5	10
27	X	X	X	X	X
28	X	X	X	X	X
29	X	X	X	X	X

Na figura 48, apresento os resultados obtidos, através de um gráfico.



Figura 48 – Classificação final da quarta atividade

Descrição e análise dos resultados

Nesta avaliação como foi possível observar, mais de metade da turma obteve uma classificação de Muito Bom, só quatro crianças é que não a obtiveram.

Esta proposta foi realizada individualmente, mas depois foi feita a sua correção no quadro. Ao longo da mesma, apercebi-me que algumas crianças não estavam a prestar a devida atenção e, por isso, os resultados vieram comprovar esta observação.

Apenas dezassete crianças obtiveram a cotação total.

Reflexão Final

O presente Relatório de Estágio Profissional consiste num registo muito importante, pelo facto de permitir examinar e refletir sobre todo o trabalho desenvolvido por mim e colegas estagiárias, bem como o das educadoras/professoras cooperantes ao longo das unidades curriculares Estágio Profissional I, II e III.

Pela razão acima apresentada é necessário fazer um balanço de todo o trabalho realizado, por isso de seguida apresentarei a reflexão final, assim como as limitações sentidas ao longo da concretização do presente relatório e ainda sugestões para novas pesquisas.

O estágio profissional é sem dúvida um elemento fundamental para o processo de formação dos docentes. Segundo Galveias (2008) “o estágio pedagógico ou a prática pedagógica parece ser, também perspectiva dos formandos, uma das componentes mais valorizadas na sua formação.” (p.7)

Desta forma os estágios são um excelente meio condutor para os alunos observarem diferentes perspetivas de ensino-aprendizagem, e para usufruírem da oportunidade de colocar em prática a teoria, experimentando diferentes métodos e técnicas. Neste sentido deverá ser visto sempre como um crescimento para o sujeito praticante.

Para que a sua execução seja feita da melhor forma é necessário que exista supervisão, não só pelos Educadores/Professores cooperantes, mas também por Professores do corpo docente da Prática Pedagógica. Alarcão e Roldão (2008) defendem que “a noção de supervisão remete para a criação e sustentação de ambientes promotores da construção e do desenvolvimento profissional num percurso sustentado, de progressivo desenvolvimento da autonomia profissional.” (p.54) deverá ter-se em conta que a supervisão como referem as mesmas autoras, que esta deve ser entendida como uma “actividade de apoio, orientação e regulação.” (p.56)

Sendo a prática pedagógica construída por momentos de reflexão, não só das aulas observadas, mas também sobre as nossas próprias aulas, permitiu-me perceber que métodos e investigações, ainda são necessárias para ultrapassar as dificuldades, em que me fui deparando, ao longo das mesmas.

Para a elaboração deste relatório utilizei duas metodologias diferentes (observação participante direta e análise documental). Ambas, como observado anteriormente foram indispensáveis, sem elas não seria possível realizar o relatório.

Afonso (2005) defende que a observação é “uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna” (p.91), pois assim ao podermos observar diretamente as crianças podemos retirar as nossas informações, sem que sejam dadas por outrem. Relativamente aos documentos estes foram fornecidos pelos Educadores/Professores cooperantes, com o intuito de nos ajudarem a conhecer melhor as crianças.

As Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) referem que “recolher informações (...) são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças.” (p.25)

Devido às pesquisas que tive de realizar sobre determinados temas, senti que o meu conhecimento educacional deixou de ser só teórico-prático, e tornou-se também científico. Assim, tornar-me-ei mais segura enquanto estiver a lecionar determinados conteúdos.

As pesquisas como referido antes, foram diversas, neste relatório além da necessidade de me informar mais sobre métodos e conteúdos, também foi preciso fazer uma pesquisa maior sobre a planificação e avaliação.

A visão de que o trabalho do professor é simples, é sem dúvida abolida quando se percebe que planejar e avaliar são dois fatores indispensáveis no dia-a-dia dos docentes.

Antes de qualquer aula, um professor tem que anteriormente, realizar uma previsão das ações a serem tomadas.

A planificação torna o trabalho do professor muito mais fácil, pois nela pretende-se enquadrar não só os conteúdos que devem ser dados, mas também em quanto tempo, e em que altura podem ser dados, quais os procedimentos e métodos que devem ser utilizados e ainda os materiais necessários. Vilhena (2007) refere que “planificar é uma actividade que consiste em definir e sequenciar objectivos.”

Planificar deverá facilitar o trabalho do docente, por isso é necessário salientar que as planificações deverão estar sempre aptas para possíveis alterações, ou seja, um professor sempre que seja necessário não deve seguir a planificação, mas sim adaptá-la.

Para que o professor verifique se os alunos adquiriram os conhecimentos a que se propôs lecionar, é necessário depois da ação realizar uma avaliação. Ao avaliarmos os conhecimentos das crianças é indispensável frisar que também estamos a avaliar as nossas práticas, pois a mesma pretende fazer um controlo tanto a nível do trabalho dos professores, como dos alunos.

De acordo com as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, ME, (1997) “a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador.” (p.27)

Para que a avaliação seja um meio de, não só de controlo, mas também de ajuda para o professor e aluno, é importante que o professor coloque em prática os três tipos de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa) que foram abordados no capítulo 3 – Dispositivos de avaliação. Estas devem funcionar como um todo, com o objetivo de atingir o mesmo fim, e não de forma individualizada.

Durante a realização deste relatório defrontei-me com algumas limitações, que tentei superar sempre da melhor forma possível.

Uma das principais limitações que senti foi durante a execução do Capítulo 1 – Relatos diários, quando comecei a fundamentar os meus relatos, e apercebi-me que não conseguia variar os temas que queria fundamentar, pois os relatos eram demasiado parecidos, devido às rotinas das crianças. O 2.º ano e 3.º ano são os que mais se assemelham nos relatos diários, e que me causaram alguma dificuldade em selecionar o que poderia colocar como inferência ou fundamentação, de modo a não repetir.

A outra limitação prende-se com o facto de terem ocorrido algumas alterações, ao longo da execução do relatório, pois as normas da instituição iam sendo mudadas e estabelecidas pouco a pouco.

Ser Educador/Professor pode não ser a profissão mais fácil, mas é sem dúvida a profissão mais rica. O futuro depende cada vez mais de nós, pois temos não só o dever, mas também o privilégio de ensinar as bases da vida às crianças, para futuramente agirem de forma correta na sociedade.

Cury (2006) refere que uma professora afirmou que nós professores “não trabalhamos apenas pelo salário, mas pelo amor dos seus filhos e de todos os jovens do mundo.” (p.164)

A cada segundo que passa o Mundo encontra-se em constante evolução, por isso um professor deverá estar sempre apto para aprender mais, realizando pesquisas e formações, tentando sempre atualizar-se.

Neste sentido não pretendo terminar a minha formação com a conclusão do mestrado, mas sim continuar a investir no meu futuro, cultivando novos saberes e aprendizagens.

Referências Bibliográficas

- **Referências Bibliográficas**

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores, S.A.

Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.

Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativo*. Porto: Porto Editora.

Andrade, M. & Franco, M. (2006). *Aprendizagem Humana*. S. Paulo, Brasil: Editora casa do psicólogo.

Augusto, I. & Gaspar, M. (1999). *Matemática 1 – Ensino Básico Recorrente unidades capitalizáveis 1 a 4*. Lisboa: Texto Editora.

Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para a estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Brazelton, T. & Sparrow, J. (2006). *A criança dos 3 aos 6 anos, o desenvolvimento emocional e do comportamento*. (3.^a Edição). Lisboa: Editorial Presença.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança – Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos livros.

Cury, A. (2006). *Pais brilhantes Professores fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais, Portugal: Editora Pergaminho.

D'Amore, B. (2007). *Elementos de didática da Matemática*. S.Paulo, Brasil: Livraria da Física

Deshais, B. (1997). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Despacho Normativo n.º1/2005, de 5 de janeiro.

Deus, J. (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. (8.^a Edição). Lousã, Portugal: Escola Superior de Educação João de Deus.

Ferreira, M. S. & Santos, M. R. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.

Florêncio, D. (2008). *Educação de Infância – A importância da formação*. Lisboa: Coisas de criança, (n.º 5), página 21.

Flores, M. A. & Veiga Simão, A. M. (Ed.). (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.

Fonseca, V. (2001). *Cognição e Aprendizagem – Abordagem Neuropsicológica e Psicopedagógica*. Lisboa: Âncora Editora.

Gorgueira, A. (2011). *Relatório Final de Estágio realizado na escola E.B. 2,3 piscinas-Lisboa no ano lectivo 2010-2011*. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Kramer, S. & Leite (2007). *Fios e desafios de pesquisa*. (9.^a Edição). S.Paulo, Brasil: Papyrus

Lobrot, M. (1992). *Para que serve a escola?*. Paris, França: Terramar

Lopes, J. A. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: ASA Editores, S.A.

Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Tenro-vieira, C., Vieira, R.M., Couceiro, F. & Pereira, S.J. (2009). *Despertar par a Ciência – Actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A. & Couceiro, F. (2007). *Educação em Ciências e Ensino Experimental. Formação de Professores*. Lisboa: ME, Coleção Ensino Experimental das Ciências.

Matos, J. & Serrazina, L. (1996). *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ministério da Educação. (2011). *Programa de Matemática – 1.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programa do 1.º Ciclo de Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. *Orientações para Actividades de Leitura – Programa- Está na hora da leitura – 1.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação: *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Mintzes, J., Wandersee, J. & Novak, J. (2000). *Ensinando Ciência para a compreensão*. Lisboa: Plátano

Monteiro, M. (1995). *Intercâmbios e visitas de estudo*. In A. D. Carvalho (Org.). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora.

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Onofre, M. S. (1995). *Prioridades da Formação didáctica em Educação Física*. Lisboa: Boletim SPEF, nº12

Pacheco, J. A. & Flores, M. A. (1999). *Formação e avaliação de professores*. Porto: Porto Editora.

Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: Editora McGraw Hill

Pereira, L. & Azevedo, F. (2005). *Como abordar... a escrita no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Areal

Pérez, M. R. (2000). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino: o currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, L. (1991). *Avaliação da aprendizagem*. (3.ª Edição). Lisboa: Texto

Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (2003). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga: Facultad de Ciencias de la Education.

Rychen, D. & Tiana, A. (2004). *Desenvolver competências-chave em educação. Algumas lições extraídas da experiência nacional e internacional*. Porto: Edições ASA.

Sá, M. (2000). *Investigação em didáctica e formação de professores*. Porto: Porto Editora.

Santos, E. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra, Portugal: Quarteto.

Silva, M. (2007). *Clube de Matemática – jogos educativos*. (3.ª Edição). S.Paulo, Brasil: Papirus.

Silveira-Botelho, A. T. I. F. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Sim-Sim, I., Silva, A. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-infância*. Editorial do Ministério da Educação.

Wechsler, M. (2002). *Psicodrama e construtivismo: Uma leitura psicopedagógica*. S.Paulo, Brasil: Annablume

Zabalza, M. A. (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

- **Webgrafia**

Apoio a Português (2007). *Características do regulamento*. Recuperado em 2010, outubro 26, de <http://apoioptg.blogspot.pt/2007/04/caractersticas-do-regulamento.html>

Arcoverde, S. (2008). *A importância do teatro na formação da criança*. Recuperado em 2012, março 3, de http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.

Corso, B., Barea, N. & Turatti, T. (2004). *A importância dos filmes infantis para crianças*. Recuperado em 2011, julho 2, de <https://sites.google.com/site/bemvindoaomundoanimado/a-importancia-dos-filmes-infantis-para-as-criancas>

Galveias, M. F. C. (2008). *Prática Pedagógica: Cenário de formação profissional*. Recuperado em 2011, julho 3, de <http://209.85.229.132/search?q=cache:0Ds9GFv0zFkJ:nonio.eses.pt/interaccoes/verartigo.asp%3Fcod%3D74+importancia+da+pratica+pedagogica&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>.

Macagnan (2010). *Dez atitudes para ensinar o seu filho a cuidar do planeta*. Recuperado em 2012, maio 26, de <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/dez-atitudes-ensinar-seu-filho-cuidar-planeta-567455.shtml>

Mariana, J. (2010). *Alguns Conceitos Importantes para a Elaboração do Design Curricular de Aula*. Recuperado em 2012, abril 21, de <http://juliamariana.webnode.pt/news/alguns%20conceitos%20importantes%20para%20a%20elabora%C3%A7%C3%A3o%20do%20design%20curricular%20de%20aula/>

Mastella, A. (2011). *Qual a importância do Power Point como ferramenta para o ensino*. Recuperado em 2011, junho 24, de: <http://anemastella.blogspot.pt/2008/04/qual-importncia-do-power-point-come.html>

Martins, I., Gouvêa, G. & Piccinni, C. (2005). *Aprendendo com imagens*. Recuperado em 2012, maio 14, de: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252005000400021&script=sci_arttet

Neto, A. (2004). *A importância do ato de tocar*. Recuperado em 2011, janeiro 10, de <http://www.psicologia.com.pt>.

Oliveira, D. (2009). *A transformação da pedagogia em creche: Processos de melhoria da qualidade da prática pedagógica*. Recuperado em 2012, maio 14, de <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/360/PGCRE2009Daniela%20Oliveira.pdf?sequence=1>

Semedo, M. (2011). *A importância do jogo no desenvolvimento da criança*. Recuperado em 2012, maio 14 de <http://www.minutosdeleitura.pt/blog/files/feb-2007.html>

Vilhena, J. (2007). *Planificar*. Recuperado em 2011, agosto 26 de <http://pt.scribd.com/doc/72179308/planificar>

Anexos

Anexo A

Regulamento

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

Estágio Profissional MODELO DE BOLONHA

2.º Ciclo de Estudos



REGULAMENTO

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR
MESTRADO EM ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO
1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

ANO LETIVO 2011/2012

Supervisores da Prática de Ensino Supervisionada:	Professores que colaboram na Orientação do Relatório de Estágio Profissional:
Diretor da E.S.E. Professor Doutor António Ponces de Carvalho	Professora Doutora Diana Boaventura
Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo	Professor Doutor Horácio Saraiva
Professora Doutora Maria Filomena Caldeira	Professor Doutor José Maria de Almeida
Professora Doutora Paula Colares Pereira	Professor Doutor Luís Larcher
Professora Doutora Teresa Silveira Botelho	Professora Doutora Mariana Cortez
Diretoras dos JE João de Deus onde os alunos realizam a Prática de Ensino Supervisionada	Professor Doutor Pedro Fidalgo
	Professora Doutora Violante Magalhães

“A experiência não garante uma interpretação correcta mas a sua ausência é quase uma garantia para uma interpretação incorrecta.” (sic)

(Stake, 2006, p.411)

REGULAMENTO

O Estágio Profissional na Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD) realiza-se em diferentes realidades educativas: 50 Centros Educativos pertencentes à entidade instituidora, bem como nas escolas cooperantes. Este estágio visa uma forte articulação entre a teoria e a prática, e decorre ao longo do ano curricular com a carga horária fixada para cada semestre, e é preferencialmente realizada nos Jardins - Escola João de Deus (Estrela, Alvalade, Olivais e Albarraque), e nas seguintes escolas cooperantes com quem estabelecemos protocolo: Agrupamento Padre Bartolomeu de Gusmão; Agrupamento de Escolas EB1 Maria da Luz de Deus Ramos; Agrupamento de Escolas de Carnaxide - Portela; Colégio Valsassina; Colégio São João de Brito; Colégio Manuel Bernardes; Externato Marista de Lisboa; Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique.

Compete às **escolas cooperantes** envolver e integrar os alunos estagiários no Projecto Educativo da Escola e proporcionar-lhes um bom ambiente pedagógico e relacional num contexto de responsabilização progressiva, de modo a que a autonomia se construa através de experiência e estágio graduados.

Os **professores cooperantes** registam, em folhas próprias para o efeito, as atividades/aulas dos alunos estagiários, assim como todas as informações que considerem importantes sobre o seu desempenho. Devem ainda preencher, uma grelha de avaliação sobre o estágio profissional. Esta grelha, após análise e reflexão, será fotocopiada e entregue aos alunos nas reuniões marcadas para o efeito.

Os **alunos estagiários** devem constituir-se em grupos de estágio.

As atividades/aulas a programar pretendem promover o seu desenvolvimento profissional, implementando estratégias educativas numa perspetiva multidisciplinar em todas as áreas curriculares.

Em cada semestre de estágio, o aluno deve preparar duas manhãs de aulas (**uma em cada momento e deve mostrar as planificações de todas as atividades, até uma semana antes da mesma**). O professor cooperante poderá também solicitar-lhes outras atividades/aulas que não necessitem ser previamente planeadas.

Por mestrado, os supervisores da equipa da Prática de Ensino Supervisionada irão assistir a atividades/aulas realizadas pelos alunos estagiários:

- Cada aluno deve programar uma atividade/aula, integrando todas as áreas curriculares, com a duração de 60 minutos (o plano desta aula deve ser mostrado a um dos elementos da equipa de supervisão).
- Duas aulas serão solicitadas sem o conhecimento antecipado do aluno, de acordo com os conteúdos planificados pelo orientador cooperante, nas áreas da Matemática e da Língua Portuguesa, com a duração de 25 / 30 minutos.

Sempre que a equipa de supervisores assista às atividades dos alunos estagiários dessa escola, estes devem estar presentes nas atividades dos colegas, distribuindo-se pelas várias salas onde as mesmas decorrem.

Após o término dessas aulas haverá uma reunião de reflexão e análise com a equipe de supervisão, os orientadores, os alunos do mestrado em estágio e sempre que possível pelo diretor da escola cooperante.

Efetuar-se-ão, durante o curso, pelo menos sete reuniões com os orientadores cooperantes, os supervisores da prática e o Diretor da ESEJD.

Realizar-se-ão reuniões na ESEJD com os alunos estagiários, de forma a promover a análise aprofundada de questões fundamentais, que estimulem o pensamento sobre os fundamentos do ato educativo, de forma a que os alunos estagiários reflitam sobre o papel do professor e a educação em geral; coloquem questões; analisem conceitos; promovam e desenvolvam atitudes e sentimentos; resolvam problemas; executem tarefas e apresentem, discutam e reflitam sobre as aulas.

Esta capacidade de reflexão, que se pretende crítica relativamente à sua prática, vai sendo gradualmente desenvolvida ao longo do estágio, de forma a abranger os saberes do ato de ensinar, estruturantes e mapeadores do campo do conhecimento profissional. O aluno deve ser capaz de usar estratégias e recursos próprios que o conduzam a ser progressivamente um participante reflexivo, em que a observação e a prática têm de ser vividas e reais. Este processo inclui várias **sessões de tutoria**.

1.º/2.º SEMESTRES

As horas das Unidades Curriculares de **Estágio Profissional I e II** serão vivenciadas nos Jardins-Escolas João de Deus, num total de 16 semanas por semestre. No final de cada semestre será efetuada a respetiva avaliação.

Os alunos estagiários deverão realizar o seu estágio profissional, às **segundas-feiras, terças-feiras e sextas-feiras**, das **9h às 13h**, nos níveis do ensino Pré-escola e do 1.º Ciclo de acordo com o Mestrado a que pertencem.

Nota: O limite de faltas que os alunos podem dar é 24h por semestre.

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Cada aluno deverá elaborar um **Relatório de Estágio Profissional**, baseado na prática e na reflexão, ligado à essência do currículo, com o respectivo enquadramento científico, onde integre e aplique os conhecimentos, desenvolva situações e seja capaz de comunicar as suas conclusões, os conhecimentos e raciocínios subjacentes, de uma forma clara e sem ambiguidades.

Os relatos devem ser redigidos de acordo com a pertinência e relevância das situações observadas, desde o primeiro ao último dia de estágio.

O **Relatório de Estágio Profissional** deve ser editado em computador e impresso em papel A4, encadernado e com capa transparente. O tipo de letra deve ser Arial 11 ou Times New Roman 12 com espaçamento 1,5 e paginado. A sua impressão deve ser frente e verso.

O relatório deverá ser composto por:

Páginas pré-textuais:

- **Página de rosto**
-

Nome da Escola;

Nome do Mestrado;

Título do relatório;

Nome completo do aluno;

Nome do(s) professor(es) Orientador(es);

Local, mês e ano de entrega do relatório.

- **Parecer do(s) Orientador(es)** – deve conter o nome da Escola, a designação do mestrado, o nome do aluno, o título do relatório, o parecer, seguido do nome e da assinatura do(s) Orientador(es).
- **Agradecimentos** (opcional)
- **Índice**

Texto:

- **Introdução** – deve referir o local onde realizou o estágio, a duração, a metodologia utilizada para a sua elaboração e a sua importância, deve contextualizar a prática do Estágio Profissional;
- **Relatos Diários** - descrição das práticas observadas mais pertinentes, e análises críticas das mesmas cientificamente orientadas;
- **Planificações** – de todas as atividades/aulas elaboradas pelos estudantes estagiários fundamentadas cientificamente;
- **Dispositivos de avaliação** - das três áreas curriculares e respectiva análise cientificamente fundamentada;
- **Reflexão final;**
- **Referências Bibliográficas** – é imprescindível que toda a bibliografia citada no texto conste nas referências bibliográficas e vice versa. As normas em vigor são as da American Psychological Association (APA).

Anexos (Organizados por ordem alfabética)

Nota: Não é permitido a divulgação do nome verdadeiro de qualquer criança bem como fotografias que as possam identificar.

O relatório terá início no primeiro dia de estágio e termina no último dia previsto para o mesmo. O Relatório de Estágio Profissional deve ser entregue em suporte digital e encadernado, em A4, frente e verso, paginado, espaçamento 1,5, tipo de letra Arial 11 ou Times New Roman 12. O número de páginas do relatório dependerá do Mestrado a realizar e deverá ter no máximo:

200 páginas – Mestrado em Educação Pré-Escolar.

200 páginas – Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

250 páginas – Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

300 páginas – Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

Cada aluno deverá entregar pelo menos quatro exemplares do seu Relatório de Estágio Profissional na ESEJD (um para cada membro do júri e um para a biblioteca).

O Relatório de Estágio Profissional é avaliado e discutido por, pelo menos, três docentes, nomeados pelo Conselho Científico da ESEJD, um dos quais é o Orientador do mesmo. Será apresentado em ato público perante um júri. A discussão e duração não deve exceder os 60 minutos. O candidato dispõe de um período de 15 minutos para a apresentação liminar do Relatório de Estágio Profissional.

A classificação da discussão do relatório de estágio é obtida pela média das classificações aritméticas atribuídas por cada elemento do júri, sendo lavrada uma ata na qual pode constar a fundamentação das classificações atribuídas.

Acresce à realização do Estágio Profissional do último semestre de cada um dos Mestrados, a realização da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional, a efetuar na escola cooperante onde decorreu o estágio, avaliada e discutida por três docentes (o orientador cooperante e dois supervisores da Prática de Ensino Supervisionada).

AValiação da Unidade Curricular Estágio Profissional

Considerando que o Estágio Profissional é formativo e contínuo ao longo de todo o processo de desenvolvimento e formação profissional, a classificação final do Estágio Profissional resulta: da média ponderada da classificação de frequência do Estágio Profissional (40%) na qual intervêm os professores cooperantes e os supervisores da equipa da Prática de Ensino Supervisionada; da classificação da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (PPACP) (20%); e da classificação do Relatório de Estágio Profissional (40%).

A classificação final do Estágio Profissional só é atribuída após a conclusão do Mestrado. Se o aluno não concluir o Estágio Profissional pode requerer que lhe seja atribuída exclusivamente a classificação de frequência da respetiva Unidade Curricular.

Mestrado em Educação Pré-Escolar ou Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Classificação da frequência do Estágio Profissional I e II

Avaliação dos Professores Cooperantes - 55%

Aulas assistidas pela Equipa da Prática de Ensino Supervisionada – 40%

Assiduidade e Pontualidade – 5%

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Classificação da frequência do Estágio Profissional I, II e III -

Avaliação dos Professores Cooperantes - 55%

Aulas assistidas pela Equipa da Prática de Ensino Supervisionada – 40%

Assiduidade e Pontualidade – 5%

Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico

Classificação da frequência do Estágio Profissional I, II, III e IV

Avaliação dos Professores Cooperantes - 55%

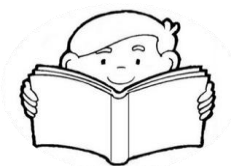
Aulas assistidas pela Equipa da Prática de Ensino Supervisionada – 40%

Assiduidade e Pontualidade – 5%

Anexo B

Dispositivo de avaliação: Domínio da
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim-Escola João de Deus – Olivais
Domínio Linguagem Oral e Abordagem à Escrita



1. Pinta os balões de acordo com a chave.



a



e



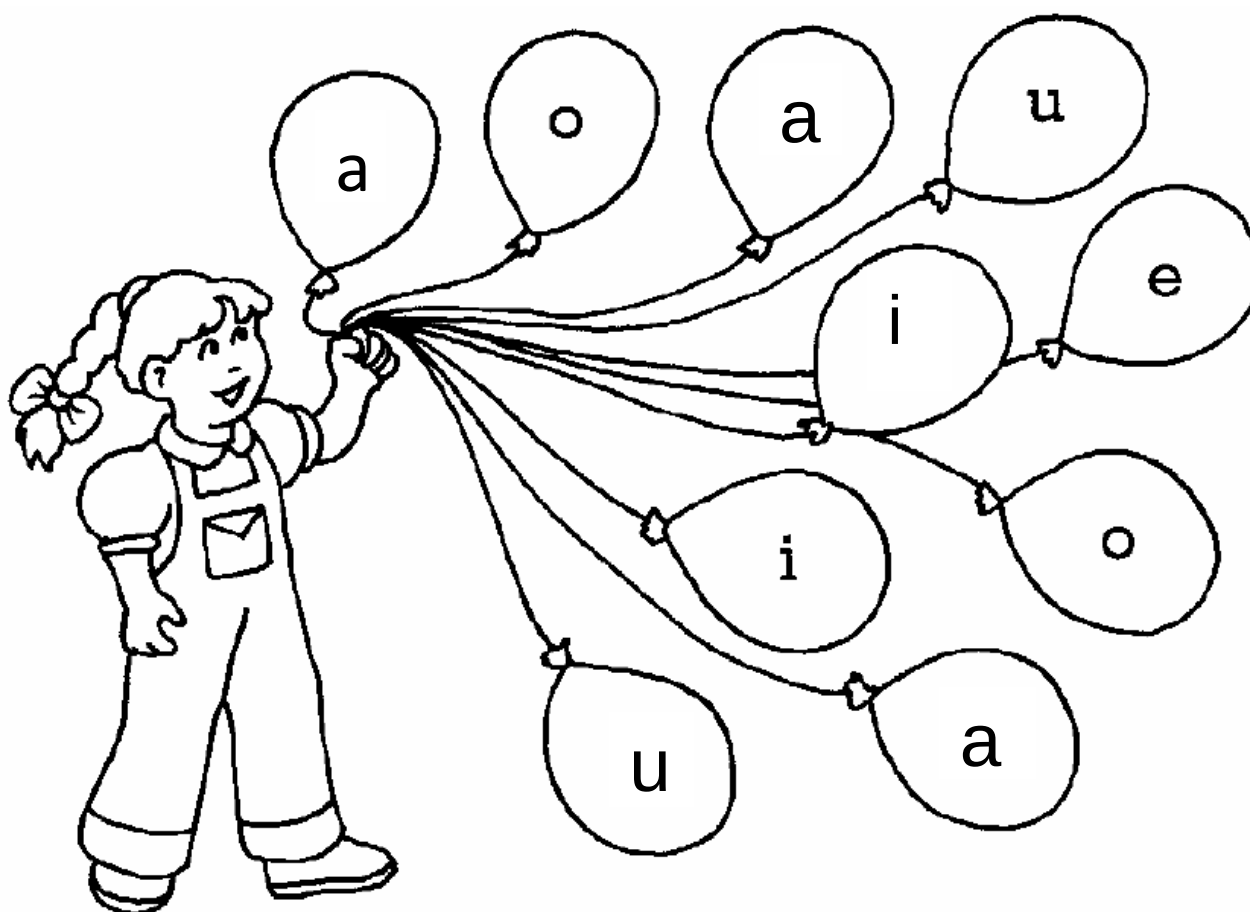
i



o



u



Nome: _____

Data: __/__/__

Estagiária Eliana Duarte

Anexo C

Dispositivo de avaliação: Domínio
da Matemática

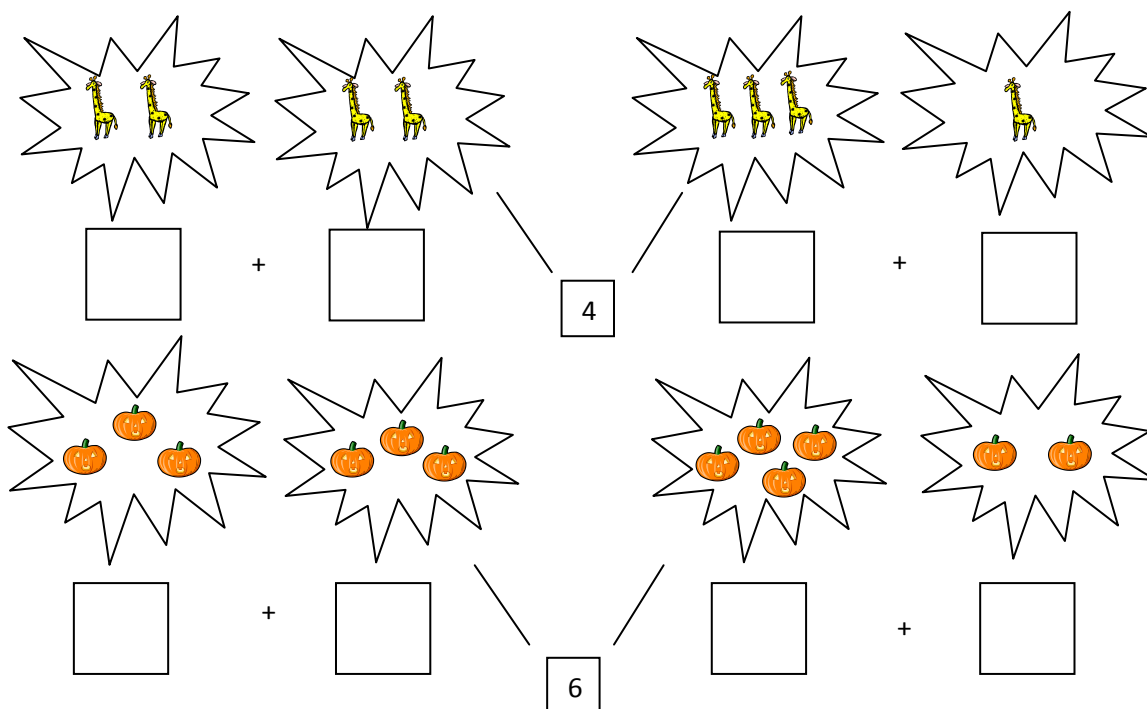
Jardim-Escola João de Deus – Olivais

Domínio da Matemática

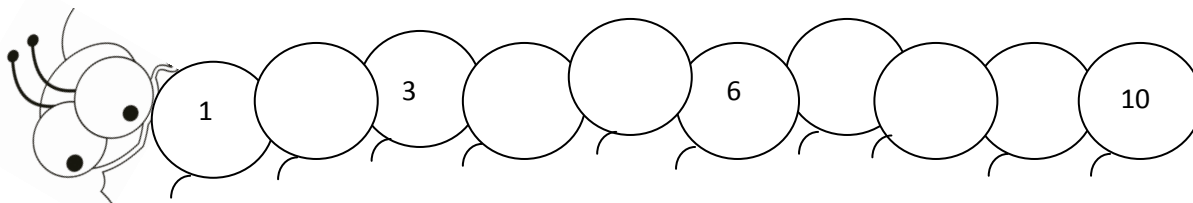
1. Desenha nas árvores a quantidade de maçãs pedida.



2. Escreve nos quadrados o número correto.



3. Completa a lagarta com os números de 1 a 10.



Nome: _____

Data: ____/____/____

Anexo D

Dispositivo de avaliação:
Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

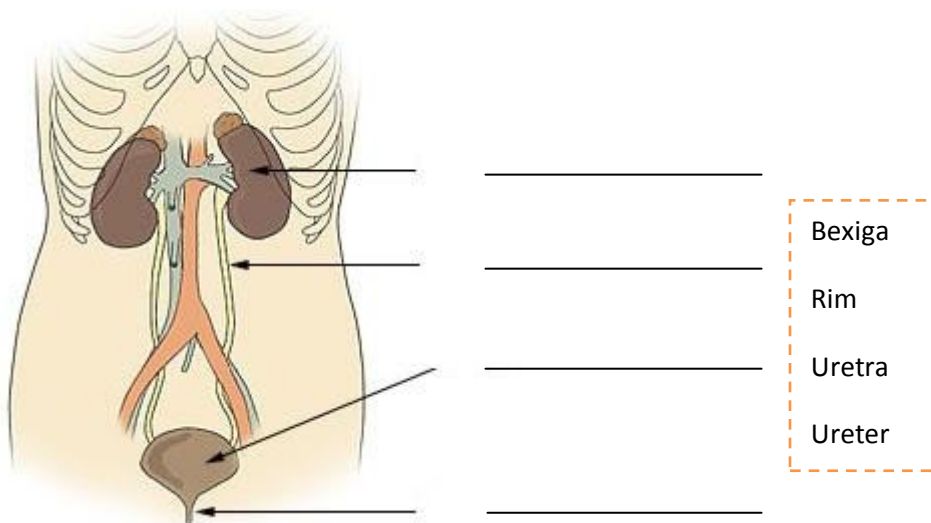
Estudo do Meio

Nome: _____ Data: ____/____/____

A função excretora

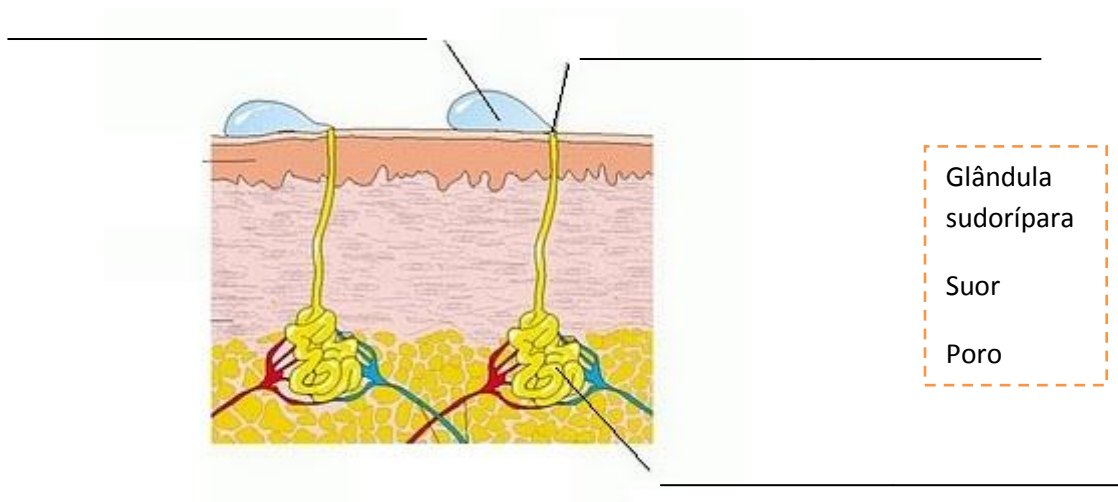
1. Faz a legenda da figura, utilizando as palavras da caixa.

- Aparelho Urinário



2. Faz a legenda da figura, utilizando as palavras da caixa.

- Transpiração



Anexo E

Dispositivo de avaliação:
Matemática

Jardim Escola João de Deus – Olivais

Matemática

Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____

1. Lê e realiza as seguintes situações problemáticas.

1.1 A Teresa saiu do autocarro, para visitar a avó, às 9 horas e 15 minutos. Chegou à cidade onde ela vive às 12 horas e 30 minutos. Quanto tempo demorou a viagem?



R: _____

1.2 Um atleta demorou 1 minuto e 25 segundos a dar uma volta à pista de atletismo. Quantos segundos demorou nesse percurso?



R: _____

1.3 A série “Morangos com açúcar” começou às 12 horas e 15 minutos e durou 3 quartos de hora. A que horas é que terminou a série?

R: _____

1.4 A Maria na semana antes das provas estudou 28 horas. Quantas horas estudou cada dia, sabendo que estudou sempre o mesmo número de horas por dia?

R: _____